



REPERCUTINDO EDUCAÇÃO

A. C. TÓRTORO

Antônio Carlos Tórtoro

*Repercutindo Educação
e a sinestesia decorrente
de suas relações*

Editora Legis Summa
Ribeirão Preto
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Tórtoro, Antônio Carlos

Repercutindo Educação e a sinestesia decorrente de suas relações / Antônio Carlos Tórtoro. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa 188p. 145 x 210 mm.

ISBN 978-85-87238-72-5

1. Literatura Brasileira - Contos I. título.

CDD. B869

Apoio Cultural
Shopping Santa Úrsula

Revisão Final
Prof. Dra. Vera Lúcia Hanna

Colaboração
Marcos Botelho

Capa
Antônio Carlos Tórtoro

Editoração Eletrônica, Impressão e Acabamento:

Editora Legis Summa Ltda.

Livros Jurídicos Didáticos Históricos e Poéticos
Rua Dom Alberto Gonçalves, 1355 - Campos Eliseos.
Fone/fax (016) 3626-0492 Ribeirão Preto SP.
E-mail: editoralegissumma@uol.com.br

*Apoio incondicional: Lu Degobbi,
minha esposa*

*Dedico: Giovana e Rodrigo,
meus filhos*

Prólogo

Quando Antônio Carlos Tórtoro convidou-me para prefaciar seu livro “Repercutindo Educação” e a sinestesia decorrente de suas relações, senti-me honrada, mas cheia de preocupação. Artigos sobre Educação, Escola e relações familiares, em geral são teóricos e tediosos. Mesmo assim, conhecendo o amigo íntegro, de personalidade forte, e o intelectual dinâmico, hoje um leitor ávido de grandes autores, aceitei. Surpresa, até meio fascinada, comecei a leitura dos oitenta artigos publicados em jornais ou veiculados na Internet. Alguns eu já conhecia. E foram estes, principalmente, que me deram a certeza de que a tarefa seria puro deleite. E foi.

Iniciando o livro, descobre-se logo a razão da leitura agradável, apesar dos temas aparentemente comuns e já muito explorados. Os argumentos, as análises, os posicionamentos do Tórtoro Professor, Coordenador Pedagógico e Orientador Educacional são sempre frutos do vivido, do vivenciado dia a dia, e não de meras teorias. É isso que dá força aos textos, com títulos, argumentações e abordagens diferentes. Assim, ele se alicerça em autores inteligentes, como Augusto Cury, psiquiatra e cientista. Analisa o fenômeno da SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado), gerada por excessos de estímulos da TV.

Na sociedade moderna, a influência e o uso da Internet são, globalizadamente, uma realidade da qual não se pode fugir. Há incautos com uma visão vesga, que chegam a preconizar o desaparecimento da necessidade de professores, que serão substituídos pelas máquinas. Contra isso, Cury alerta, sabiamente: “...os computadores não conseguem ensinar sabedoria, solidariedade e amor pela vida. Os professores são os alicerces das profissões e o sustentáculo do que é mais lúcido e

inteligente entre nós. O pouco de luz que entra na sociedade vem do coração dos professores e dos pais que arduamente educam seus filhos”.

Em vários artigos, Tórtoro analisa a exagerada e perniciosa proteção dos “hiperpais”, com consequências desastrosas, como denuncia a pediatra americana Marilyn Heins. Outros grandes autores, como Artur da Távola, alertam para esse perigo tão comum, alimentado pela falta de punições e advertências aos pequenos infratores na escola.

Em *Dissecação Literária*, ACT transcreve uma Carta Aberta que lhe escrevi, no *Jornal Metrópolis*, em 2002. Hoje, quase dez anos depois, vejo que Tórtoro não mudou. Esse Quixote redivivo continua lutando bravamente contra todos os moinhos de vento que encontra.

No excelente texto “É bárbaro ser pedófilo”, nosso autor questiona a semântica do termo. O mesmo fiz algum tempo depois, mas sabemos os dois que a linguagem é algo vivo e não pode ser cerceada. E para os hediondos crimes chamados de Pedofilia, usa-se erradamente o termo. Mas ele continuará sendo usado, inclusive nos meios de comunicação. Em *A Cidade*, de 6/6/2010, eu afirmava: “O erro acabará sendo o correto. Mais uma vez, a linguagem, como elemento vivo, vencerá a Semântica, que se recolherá, humildemente, na cela da Gramática”.

A obra *Repercutindo Educação* faz a apologia da escola mais séria, com punições dos deslizes de alunos infratores, realçando a importância de torná-los mais responsáveis. Tórtoro não se dobra diante das modernidades que, na realidade, acabam por alimentar a Era da Permissividade, formando adolescentes e jovens falhos e frouxos. É um posicionamento otimista e meio utópico, mas muito lógico e lúcido.

Meio profético em vários textos, ACT denuncia a situação caótica da sociedade e, dentro dela, o espelho: “Quaisquer palavras ou considerações éticas e morais se perdem no vazio de valores, de respeito humano, na cidadania, na total ausência de

empatia e amor entre os seres humanos" (do artigo: Ladrões ocultos).

No texto "Macapagaios", ele elogia nosso Hino Nacional e explica a gênese do neologismo criado por Aluysio Mendonça Sampaio. Muito ufanista, Tórtoro realça os símbolos brasileiros, a Bandeira e o Hino. Transmite assim uma dose de otimismo, preferindo elogiar o Hino a analisar um problema nosso bem particular: apesar da beleza da melodia de Francisco Manuel da Silva, a letra de Joaquim Osório Duque Estrada é muito arvesada, com suas inversões do vocabulário erudito. Já se constatou que uma grande porcentagem de quem canta nosso Hino, ou talvez, quase todos os brasileiros só o repetem, sem saber o que o poema diz.

Outro artigo muito bom e profético é o "Magistério: profissão perigo". Diante da inversão de valores preconizada pela chamada Didática Moderna", o autor analisa a situação terrível das escolas, onde o aluno tudo pode, e os professores e orientadores são mais vítimas. Ele termina com um trecho cheio de sabedoria. Após traçar um paralelo entre o Oriente e o Ocidente, na Educação, ele clama: "Pobre Ocidente, pobre Brasil, pobres professores, MacGyvers reais, num mundo real em que a educação "avança" baseada em conceitos de especialistas da Educação que transmitem aos alunos e pais a ideia de que o aluno pode tudo, menos cumprir com suas obrigações de estudante, e que só podem, devem ser defendidos, ajudados à moda de Capone"; o gangster acredita na conversa gentil, se estiver armado. Evidentemente, ACT alude, semanticamente, a outro sentido de "arma": poder, respeito, aceitação, igualdade de direitos.

Há textos muito fortes, como o "Não deveria: mas que existem, existem". De uma ironia cáustica, é muito pertinente a alusão de Voltaire, texto em epígrafe: "Para que discutir com os homens que não se rendem às verdades mais evidentes? Não são homens, são pedras". Em "O Bullying e o Tatu", nosso articulista conceitua o fenômeno moderno, constante nas escolas:

“Todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder”. O fenômeno, hoje globalizado e comum, continua acirrado, apesar de existir a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência).

Artigos profundos realçam grandes autores como Rubem Alves, ou o escritor João Ubaldo Ribeiro. Muitas vezes abordam acontecimentos simples, hábitos populares que surgem e logo desaparecem, como o uso das pulseiras sexuais, aludem a temas sérios como das diferenças sociais, ou o mau vezo dos pais, hoje, de terceirizar a educação para a Escola. Homenageia figuras ilustres, como o faz, postumamente, falando de Rubem Cione, ou discute asserções de figuras de fama universal: Freud e Melanie Klein, discorre sobre o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Antônio Carlos Tórtoro, intelectual sério, estudioso, de um dinamismo exacerbado e raro, tornou-se, hoje, mais do que nunca, um leitor voraz de obras famosas, best-sellers nacionais e/ou estrangeiros. O resultado é que seus artigos publicados semanalmente, na Internet, tornaram-se mais eruditos, literários, muito atraentes. É de se esperar o sucesso deste livro. E mais: com certeza, logo teremos uma nova obra de nosso D. Quixote das Letras.

*Ely Vиейtez Lisboa**

(*) Escritora, com treze livros publicados, de poemas, contos, ensaios. É autora de *Minhas Estórias*, gênero infanto-juvenil e do romance *epistolar Cartas a Cassandra* (2003). Seus livros mais recentes são: *Replântio de Outono*, poemas (2008). Organizou a *Antologia Ave, Palavra!* - com 38 poetas de Ribeirão Preto, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro (2009). *Tempo de Colher* (2010), de artigos jornalísticos publicados no jornal *A Cidade*, de Ribeirão Preto.

Apresentação

“A complexidade começa logo que há sistema, isto é, inter-relações de elementos diversos numa unidade que se torna complexa (una e múltipla)”.

Morin

A ideia de fazer uma coletânea de meus artigos — publicados em jornais, revistas e sites — sobre Educação, família, realidade escolar, e suas relações com os acontecimentos divulgados pela mídia no cotidiano, nasceu no dia em que, durante o lançamento de meu livro *Piacevolezza*, no Ponto de Encontro, do Shopping Santa Úrsula, meu amigo, e pai de ex-aluna, Sebastião Correia de Carvalho, abriu a palavra ao público presente, indagou-me sobre qual a riqueza que eu havia obtido nos mais de trinta anos de magistério.

Minha resposta foi: grande parte de minha experiência, ao conviver com os jovens e suas famílias, está registrada em meus artigos escritos nos últimos vinte anos.

Nesse momento, o ex-prefeito, Dr. Welson Gasparini, também pai de ex-alunos, e que prestigiava o evento, quase me impôs a necessidade de, imediatamente, publicar o material de que eu dispunha, a fim de que um número maior de pais, a exemplo dele, pudessem conhecer um pouco da minha maneira de pensar a escola e suas relações com a família.

A partir daí, a ideia tomou corpo e, como eu não estava sonhando sozinho, Marcos Botelho e o Shopping Santa Úrsula tornaram realidade a publicação de REPERCUTINDO EDUCAÇÃO e a sinestesia decorrente de suas relações.

ANTÔNIO CARLOS TÓRTO

Currículo Educacional

É idealizador/fundador e patrono da Cadeira no. 40, e 1o. presidente provisório da ARE – Academia Ribeirão-pretana de Educação (3/8/2002).

1. Registros no MEC.

Licenciatura plena em Matemática (1o. e 2o. graus), Física (2o. grau) e Desenho Geométrico (2o. grau) - DR - 5
Registro: "1" no. 27787 de 25/06/74
Certificado de Especialista da Educação – Pedagogia - Administração Escolar (1o. e 2o graus) - DR - 5
Registro: 14.099 de 06/10/82
Certificado de Especialista da Educação – Pedagogia – Orientação Educacional (1o. e 2o. graus) - DR - 5
Registro: 21.267 de 23/03/84
Certificado de Especialista da Educação – Pedagogia - Supervisão Escolar (1o. e 2o. graus) - DR - 5
Registro: 53.881 de 07/11/90

2. Atividades Educacionais

Professor de Matemática Comercial e Financeira e Estatística (Curso Profissionalizante de 2o. grau) no Instituto Metodista Educacional.
de 26/02/73 a 08/03/82
Professor de Matemática do Curso Vestibular Equipe de 03/81 a 12/82
Professor de Matemática e Ciências (1o. grau) no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).
de 01/12/76 a 30/06/81
Coordenador Pedagógico, Coordenador de Informática e

Professor de Matemática (1o. e 2o graus) no Instituto Santa Úrsula de Ribeirão Preto de 01/03/82 a 20/12/94.

Diretor (coordenador) dos Cursos Noturnos – Profissionalizantes – do Ateneu Barão de Mauá de 01/02/86 a 13/03/87.

Coordenador Pedagógico, Orientador Educacional, Coordenador de Eventos e de Informática e Professor de Matemática (1o. e 2o. grau) do Centro Educacional Anchieta s/c Ltda., de 1º/2/95 até a presente data.

3. Atividades Realizadas

Membro Titular do Conselho Municipal de Educação – 1997/2003.

Fundador da Associação dos Ex-alunos do IMERP – Instituto Metodista Educacional de Ribeirão Preto 06/02/1982.

Fundador do GAV – Grupo Anchieta de Voluntariado, formado por alunos do Ensino Médio do Colégio Anchieta/Objetivo e que recebeu em 2001 o Prêmio Corassol na área de Educação.

Organizou e coordenou a oficina pedagógica “Resgatando a Poesia em Sala de Aula” para aproximadamente 400 professores da rede pública municipal – set/1996.

Lançou em Ribeirão Preto o Selo Comemorativo do IV Centenário da Morte de Anchieta (lançado, simultaneamente, em Anchieta/ES, São Paulo – SP e Lisboa – Portugal) - 9/6/97.

Foi membro da comissão julgadora do concurso de trabalhos “Parceiros do MERCOSUL” – out/98 – representando o Conselho Municipal de Educação.

Fez parte da comissão do Grupo Gerenciador 2000, que escolheu os nomes da lista reconhecimento aos Grandes Mestres, homenageados no Theatro Pedro II – out/1999.

É Coordenador de Eventos do Colégio Anchieta/Objetivo - responsável por todas as Gincanas, Feiras Culturais, Torneios Esportivos, Debates, Palestras ocorridos desde 1995 até hoje.

4. Homenagens Recebidas

Título de Cidadão Emérito, recebido em 6/11/98 pelas mãos da Vereadora Dárcy Vera, que informou ter sido feita a indicação do nome por um grupo de alunos do Colégio Anchieta.

Diplomas de Honra ao Mérito (em 2000 e 2002) por serviços prestados à comunidade, do Rotary Club Ribeirão Preto (arrecadação de alimentos durante Gincana no Colégio Anchieta).

Recebeu Troféu "Ensina Encena" da Secretaria Municipal da Educação, por serviços prestados - dezembro / 2002.

www.tortoro.com.br

ancartor@yahoo.com

Sumário

Prólogo	7
Apresentação	11
Currículo Educacional	13
A Sauna, a Ópera e o Professor Wilson	19
Pulseirinhas e Algemas	21
À Espera de um Milagre	23
A Educação de Nossos Sonhos	25
A Escola e a Entrega em Domicílio	27
A Família Não Vai: Já se Foi.	29
A Festa É (só) Nossa.	31
A Galinha	33
A Pedagogia do Presépio	36
A Pio XII no Regatas	38
A Pobre Mente Humana	40
As Ondas da Gripe Suína	42
Cadê os Pais?	45
Cala a Boca!	47
Cidadania Pós-Caseiro: na Escola	49
Cleptomaniaco ou Ladrão?	51
Clientes Especiais	53
Cuidado Com os Exemplos	55
De Olho no Boletim	58
De Quem É a Culpa?	60
Deficientes Morais	62
Dissecação Literária	64
É Bárbaro Ser Pedófilo	67
E Nem Perceberam	69
Educadores: Guerreiros da Luz	71
Engolindo Sapos... e Baratas.	74
Entre o Sistema Límbico e o Córtex Frontal	76
Entre os Muros da Escola	78
Espírito da Lei ou de Porco?	80
Fabricando Psicopatas	83

Famílias com Fome	85
Gaiola de Loucos	87
Habemus Biblioteca	89
Herança Maior	92
Humanos Pinguins Papua	94
Infeliz Natal	96
Lá e Aqui : Precisamos de um Sarkozy	98
Laboratório	100
Ladrões Ocultos	102
Macapagaios	104
Magistério: Profissão Perigo	106
Não Deveria: Mas que Existem, Existem	109
Medo da Família	111
Medo de Quê?	113
Medo ou Respeito?	115
Muro das Lamentações	117
Não Basta Cumprir o Dever	119
Não Precisamos de Izianes	121
Nós, Professores, Aceitamos o Resto	123
Nosso Hino	125
O Banquete de Prata	127
O Bullying e o Tatu	129
O Pianista	131
O Que os Pais Não Querem Ensinar	133
O Tesouro de Bresa (saber)	135
O Velho, o Menino e o Burro	137
Orientadores Educacionais: Supernannys	139
Orkut e Ex-Alunos	141
Os Educadores de Plantão	143
Os Seios da Dona Clotilde	145
Pais dos Bond, James Bond.	147
Pensar e Escrever é Arriscado	149
Pérolas aos Porcos	151
Precisa-se de Matéria Prima	153
Respeito às Diferenças	155
Romachellos	157
Rubem Cione: O Mestre	159

Santa Clara, Clareai !!!	163
São Paulo Futebol Clube e os Jovens Estudantes	165
Se Ficar o Bicho Come.	167
Ser ou não ser Britânico?	169
Sexo Ideológico	171
Síndrome de Hannibal	173
Só Para Zoar	176
TDAH – Transtorno Devido Ausência de (bons) Hábitos	178
Travessia	180
Um Lugar Onde o Não Pode Ser Sim	182
80. Aniversário da Academia Ribeirão-pretana de Educação	184
Você Poderá ser a Mãe de um Farah	186
Pai Covarde	188

A Sarna, a Ópera e o Professor Wilson

“Ouvir ópera é alimentar a alma, refrigerar sentimentos nesse caos que é viver”

Já por dez semanas tenho adquirido exemplares da Coleção Folha Grandes Óperas.

Adquiro o exemplar, aos sábados, na banca 13 de maio, rumo ao Clube de Regatas, e já vou degustando o conteúdo dos CDs que acompanham o livro de capa dura impressos em papel nobre importado (com breve biografia do compositor, explicações sobre a obra e sua história e o libreto no idioma original em Português para tornar mais fácil o acompanhamento das canções), todos eles uma obra prima até na esmerada forma de apresentação.

Essa publicação da Folha nos permite apreciar as obras-primas do gênero o qual nasceu popular e marcou a história, permitindo que conheçamos as óperas mais famosas dos compositores emblemáticos da história da música, obras que ultrapassaram épocas e fronteiras e são mostra de um grandioso gênero musical que se mantém atual até hoje.

Carmen, Fidélio, O Barbeiro de Sevilha, La Traviata, A Flauta Mágica, La Bohème, O Guarani, Eugene Onegin, Lucia di Lammermoor, e agora, A Valquíria são joias raras nas vozes de intérpretes internacionais, dentre eles Luciano Pavarotti, Plácido Domingo, José Carreras, Maria Callas e muitos outros.

Fui criado ouvindo trechos populares de óperas, numa vitrola que ocupava lugar de destaque na pequena e modesta sala de nossa casa na Olavo Bilac, Vila Seixas, ao som de Caruso, Gigli e outros, enquanto meu pai traduzia para mim o que seus

ídolos interpretavam em italiano, no meio do chiado normal das agulhas, cortando as ranhuras dos pesados discos de vinil.

Por esse motivo, depois de ouvir os CDs da Folha, já entro na sauna do clube cantarolando baixinho, buscando reproduzir árias que marcaram minha infância.

Mas nada substitui o assóvio do professor Wilson.

Semanalmente, por muitos anos, quase que invisível, envolvido que ficava pelo vapor escaldante, sentado ao fundo da sauna, lado esquerdo de quem entra, o Professor Wilson Alves Ribeiro, Cadeira número 32 da ARE- Academia Ribeirão-pretana de Educação, enriquecia o ambiente assoviando trechos de óperas, segura e suavemente, trazendo para o ambiente de repouso e introspecção da sauna, sua colaboração cultural.

Infelizmente não o vejo há muito tempo.

Mas como é incrível o poder da arte.

É impressionante saber que, após mais de quatrocentos anos, a ópera — que se desenvolveu e se transformou no drama musical de nossos dias, surgida em Florença, no final do Renascimento, devido aos esforços de um grupo de nobres florentinos conhecidos como a “camerata”, sendo a primeira obra intitulada “Dafne”, de Peri e Rinuccini, composta em 1594 — continua tão viva como nunca.

Pulseirinhas e Algemas

“Enquanto as leis forem necessárias, os homens não estarão capacitados para a liberdade”

Pitágoras

Cada vez mais, pessoas e grupos estão terceirizando responsabilidades e, por sua vez, governos com tendências imperiais assumem, ou tentam assumir, atitudes paternas nas relações com o povo.

Enquanto Lula, o Presidente do Brasil, afirma que “não podemos ficar subordinados ao que um juiz diz que podemos fazer” — deixando clara uma mensagem de insubordinação a qualquer tipo de decisão judicial, norma ou lei vigente em nosso país — nossos parlamentares perdem tempo discutindo a proibição, ou não, das coloridas pulseirinhas às quais foram vinculadas, por algum maniaco, ações de cunho erótico/ sexual.

Fico imaginando se, de repente, outro louco qualquer resolver, na internet, vincular o uso de bigode ao desejo de ser assaltado, ou uso de rabinho no cabelo das mulheres ao desejo de ser estuprada, ou uso de bermudas ao desejo de ser agredido, e assim por diante.

Nosso sábios políticos possivelmente resolverão acabar com bigodes, rabinhos e bermudas porque não são competentes para criarem leis mais rígidas que diminuam a ocorrência de estupros (alguns seguidos de morte), pedofilia, violências contra crianças e mulheres, preferindo aparecer e ficar na mídia, que dá a eles espaço efêmero, mas o único que, dadas suas incompetências, pode torná-los conhecidos nacionalmente.

Usar ou não as pulseirinhas é uma decisão que cabe somente aos jovens e aos seus pais.

Quando alguns pais pedem a criação de leis impedindo a venda e/ou o uso das pulseirinhas estão se declarando incapazes de educar seus filhos e, portanto, incapazes, na visão do governo, para qualquer outra coisa.

Penso que já chega de o governo e os políticos em geral nos tratarem como crianças, criando leis que querem estabelecer o que assistimos, pela TV, ao que comemos, ao que vestimos, a que tipo de livro ou filme poderemos ter acesso.

Enquanto isso, na mídia nacional, discute-se o caso do Juiz Luís Carlos de Miranda, que libertou um acusado pela morte de seis jovens logo após ser solto: e o Juiz culpa as leis, ou seja, os políticos que deveriam criar e aprovar leis com maior poder de coerção.

Mas leis para quem?

Leis somente para os pobres, os marginalizados?

Leis que proíbam pulseirinhas coloridas e deixem proliferar algemas em forma de fatos, declarações, projetos, leis e similares que estão fazendo de cada um de nós futuros vassallos de governos autoritários cujos verdadeiros e inconfessáveis objetivos só podem ser vislumbrados em suas memórias escritas em um passado não tão distante?

Por isso tudo não entendo o motivo da indignação geral quando, no Rio de Janeiro, picharam a estátua do Cristo Redentor, sabendo que, a cada momento, cuspiamos em seu rosto real elegendo sempre os mesmo governos corruptos que, por sua vez, dominam as instituições que deveriam ser as mais respeitadas em nome da ordem, da lei e da justiça.

À Espera de um Milagre

Nos colégios, estamos entrando no último bimestre do ano letivo.

A garotada, mais agitada que nunca, com conceitos ou notas faltando para fechar o ano, tenta, em sua maioria, a todo custo, encerrar o ano sem a necessidade de um período de recuperação.

Nessas horas, quem nunca procurou saber da vida escolar dos filhos aparece: e aparece, em geral, com pedras, foices, martelos, língua afiada, acusações sem fundamento e uma enorme sensação de culpa, de dever não cumprido de pai que se transforma em uma torrente de agressividade e intolerância na direção daqueles que, o ano inteiro, trabalharam em busca do burilamento das pedras brutas que, em geral, são as crianças e os adolescentes, frutos de famílias do século XXI que pouco tempo dispõem para educação chamada "de berço".

Já sem muitos argumentos, gastos todos em longas conversas recheadas ora de carinho, ora de ternura, ora de palavras firmes, ora de desafios, ora de indignação, os professores partem para medidas mais radicais: a colocação para fora de aula dos alunos que não permitem, com sua falta de respeito para com os colegas, que estes recebam os ensinamentos necessários e merecidos.

E, quando a punição implica suspensão, então a coisa ferve: a maioria dos pais se revolta porque não quer seus filhos em casa, nem um dia sequer.

Alguns poucos pais, aqueles que confiam nos responsáveis pelo colégio e que aproveitam a suspensão para terem uma conversa séria, exigindo dos seus filhos uma conduta condizente com o ambiente escolar, esses não terão mais problemas até o final do ano.

Mas aqueles que, por motivos inconfessáveis, se revoltam contra as medidas disciplinares adotadas, esses terão que voltar muitas e muitas vezes à presença de autoridades que estarão buscando dar aos seus filhos aquilo que eles deveriam trazer de casa: respeito pelo outro, seja o outro colega de sala, professor, diretor, funcionário, orientador ou mantenedor.

Ouvir, a cada dia, argumentações em defesa do jovens estudantes que não querem estudar — que não participam das atividades do colégio, que não param de conversar na sala de aula, que não cumprem as mínimas normas disciplinares e que, em geral, têm comportamentos decorrentes da instabilidade de lares desestruturados pelo mundo em que vivemos — leva-me, no final do dia, a me sentir como o personagem milagroso e misterioso, John Coffey, do filme “À espera de um milagre”, após a utilização de seus dons mágicos de cura: quero verbalizar toda a carga emocional, como se fora um enxame de abelhas, e, depois, deitar-me de lado, exausto, pedindo um tempo ao mundo, para descansar.

Os pais, ao final de um ano letivo, parecem estar à espera de um milagre — talvez mal acostumados com a tão criticada promoção automática — pois só um milagre pode permitir a um jovem aprender alguma coisa sem o esforço e a dedicação exigidos para isso.

A Educação de Nossos Sonhos

Durante as férias escolares, pude ler um livro que me foi dado de presente por um dos casais de pais fascinantes, cujo filho foi atendido por mim, um Orientador Educacional, no decorrer do ano letivo.

Logo na dedicatória, uma mensagem de incentivo, de agradecimento, reconhecimento e carinho.

Nas cento e setenta páginas que se seguem, encontramos uma fonte de informações que interessam aos pais, aos professores da pré-escola, do ensino fundamental, médio e universitário, aos psicólogos, aos profissionais de recursos humanos, aos jovens e a todos os que desejam conhecer alguns segredos da personalidade e enriquecer suas relações sociais.

Estou falando do livro "Pais brilhantes / professores fascinantes", Editora Sextante, de Augusto Cury, psiquiatra, cientista, diretor da Academia da Inteligência, mostrando que, para fazer a diferença, temos de adquirir os sete hábitos dos pais brilhantes e dos professores fascinantes. Além disso, ele chama a atenção para os sete pecados capitais dos educadores, ensinando dez técnicas pedagógicas que podem revolucionar tanto a sala de aula quanto a de casa.

É interessante o texto que revela, partindo do princípio de que o registro na memória é involuntário, que a emoção determina a qualidade do registro, que a memória não pode ser deletada, que o grau de abertura das janelas da memória depende da emoção, e que não existe lembrança pura.

Baseado no que ele chama de síndrome SPA (Síndrome do pensamento Acelerado), ele busca explicar as causas (e sugerir soluções práticas e objetivas) de um dos mais sérios problemas enfrentados por professores na sala de aula: os alunos que se

agitam na cadeira, mantêm conversas paralelas, não se concentram, mexem com os colegas, ou seja, assumem esses comportamentos na tentativa de aliviar a ansiedade gerada pelo SPA.

Segundo ele: "A maior consequência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a SPA. Nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente, mexemos. A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreria uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens. A ansiedade da SPA gera uma compulsão por novos estímulos".

Nas mensagens aos pais, parceiros dos professores na fantástica empreitada da educação, o autor sugere que, no relacionamento com seus filhos, ensinem a pensar, deem seu próprio ser, nutram a personalidade, preparem-nos para o fracasso, dialoguem como amigos, contem histórias e nunca desistam: ele propõe sermos (pais e professores) poetas na batalha pela educação e nos instiga a enxergar um tesouro soterrado nas rústicas pedras do coração dos nosso alunos e filhos .

No momento atual em que muitos acreditam que a informatização das escolas e a educação via Internet são trunfos principais da educação, Cury conclui: "...os computadores não conseguem ensinar a sabedoria, a solidariedade e o amor pela vida, os professores são os alicerces das profissões e o sustentáculo do que é mais lúcido e inteligente entre nós. O pouco de luz que entra na sociedade vem do coração dos professores e dos pais que arduamente educam seus filhos" .

A Escola e a Entrega em Domicílio

“O bom pai é aquele que tem a coragem de entregar seu filho para o mundo. Quem não faz isso está subestimando a criança e atrapalhando seu futuro e sua felicidade.”

Marilyn Heins

O tempo decorrido entre o sinal de entrada e o primeiro intervalo para o recreio é, com frequência, utilizado pelos pais para uma interminável entrega em um único domicílio: o colégio do filho.

Chega apostila para um, dinheiro do lanche para outro, pastas com trabalhos, sacolas com tênis, livros paradidáticos, cadernos, celulares, máquinas fotográficas, enfim, tudo o que os atarefados e comprometidos jovens não se lembraram de providenciar na noite anterior, para ser utilizado no período escolar do dia seguinte.

É um desfile incansável de motoboys apressados, pais angustiados e atrasados para seus próprios compromissos, mães chorosas, lastimando não terem previsto o esquecimento “normal” de seus adolescentes, avós, tios, irmãos, enfim, famílias inteiras na porta do colégio, trazendo tudo o que deveria ter sido providenciado pelos alunos e não o foi.

Um absurdo.

É preciso que, com urgência, sejam criadas escolas para ensinar os pais a educar seus filhos.

Os pais não admitem que seus filhos paguem, por mínimo que seja o preço, pelos seus esquecimentos e desleixos.

Esqueceu em casa um trabalho ou pesquisa? Que fique sem o respectivo conceito ou nota.

Esqueceu o dinheiro do lanche? Que fique sem o lanche — ninguém morre de fome por ficar meio período sem comer.

Esqueceu o uniforme do futebol? Não jogue.

Esqueceu o celular? Use o orelhão ou telefone do próprio colégio em caso de emergência.

Seria muito interessante que os pais lessem a matéria “Amor demais atrapalha”, publicada na revista Época, de 13/4, da qual transcrevo um pequeno trecho:

“Se não há dificuldades na vida das crianças e dos jovens, eles não vão desenvolver muitas habilidades, diz a americana Hara Marano, editora da revista *Psychology Today* e autora do livro *A nation of wimps: the high cost of invasive parenting* (Uma nação de fracos: o alto custo da paternidade invasiva), lançado em 2008.

Os hiperpais confortam demais, envolvem demais seus filhos o tempo todo, diz a pediatra e escritora americana Marilyn Heins.”

É preciso dar um basta a esse processo pernicioso de criação de um bando de fracos, de dependentes, de irresponsáveis, de reizinhos que fazem dos demais membros de sua família um conjunto de vassalos sempre pronto a suprir suas mínimas necessidades.

Se não ensinarmos nossos filhos como digerir pequenas contrariedades e frustrações durante o período escolar, mais tarde, nenhuma *Supernanny* será capaz de transformá-los em verdadeiros cidadãos, capazes de enfrentar os grandes desafios da vida real.

A Família Não Vai: Já se Foi.

Segundo o Aurélio, família são pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Pessoas do mesmo sangue. E nada mais.

Mas qual é a nossa realidade, a realidade verdadeira — não a virtual — verificada por meio da observação da vida escolar de nossos alunos?

Família, hoje, para a grande maioria, são pessoas, nem sempre do mesmo sangue (por exemplo, são mães e pais com seus respectivos filhos de outros relacionamentos) que repousam algumas horas — nem sempre as mesmas —, num mesmo lugar: tipo hospedaria de beira de estrada.

De manhã, a mãe sai para um lado, o pai para o outro, e a perua escolar, que já saiu com os filhos, só voltará com eles à tarde.

O café da manhã é tomado na padaria da esquina, apressadamente, e o almoço é no prato feito, quando dá tempo.

Os filhos comem o lanche nada dietético, bebem refrigerante e enchem-se de doces de todos os tipos e cores. E são os primeiros a chegar a casa.

As dezenove horas — ou vinte — chega a mãe e, às vinte e uma, vinte e duas, chega o pai. Ambos exaustos, ruminando os problemas não resolvidos no trabalho, somente com uma vontade: tomar banho e dormir.

Não passa pela cabeça de nenhum pai exausto perguntar aos filhos como foi o dia no colégio: eles poderão acreditar que, realmente, os pais querem saber e tentarão contar.

No final do bimestre, perguntar pelo boletim, então, é impensável. O boletim, preso na gaveta do Orientador Educacional da Escola, deixa a consciência tranquila para, no

final do ano, quando a reprovação for fato consumado, poder-se dizer indignado: eu não sabia, e/ou a escola não me avisou...

São poucos os lares onde, hoje, a família se reúne para, pelo menos, numa das refeições, trocar informações sobre o dia a dia, sobre as atividades de cada um, e, quando conseguem se reunir, a televisão, na sala de jantar, absorve a maior parte do tempo disponível.

Não existe mais o bate-papo com os vizinhos, o jogar conversa fora e, ao mesmo tempo, o comentar problemas da rua, do bairro, da vida alheia.

Missa ou Culto, aos domingos, então, nem pensar — seria mais uma hora, pelo menos, em que a família estaria em comunhão — tem o futebol com os amigos, a academia de ginástica, o tênis com as amigas, a cerveja no bar da esquina.

E os filhos?

Cada um na sua, já que estão com o celular próprio, mesada garantida e a escola paga: a educação e a formação estão sendo terceirizadas.

Só em alguns momentos críticos, a família tenta se sentir como tal: na gravidez precoce e imprevista, na hora em que o uso da droga se manifesta irremediável, no instante em que a violência das ruas deixa marca indelével.

Mas aí, em geral, é sempre tarde, a família já se foi: faltou a base, o alicerce, a vivência de uma relação familiar que exercite a reciprocidade, o respeito, a preocupação com o outro, a empatia, a fraternidade e o amor.

A Festa É (só) Nossa.

Uma festa junina no Colégio é sempre mais um momento de encontro entre alunos, pais, professores e funcionários, além de parentes e amigos que, em torno da fogueira, tomando um quentão ou uma cerveja, comendo pipoca, ou assistindo à apresentação de uma quadrilha, colocam em dia as novidades do cotidiano de cada um.

A música típica é fundamental, como é fundamental a música em qualquer tipo de reunião festiva.

Mas é só chegar o mês de maio, o ECAD manda sua correspondência cobrando direitos autorais: as escolas são fontes seguras para arrecadação de um imposto que sempre achei oportunista e injusto.

Pois vejamos.

A festa junina nunca dá lucro para o nosso Colégio. Em geral, as barracas são utilizadas pelos futuros formandos como fonte de renda em prol da economia dos próprios pais que gastam seus trocados com pescarias, bocas de palhaços, boliches, tobogãs, camas elásticas.

Ninguém paga ingresso, e o evento tem caráter didático-pedagógico, incentivando a prática do folclore, o conhecimento das músicas e danças típicas da época e até a declamação de quadrinhas .

É uma festa familiar, é o prolongamento das atividades desenvolvidas pelo Colégio no decorrer do ano letivo: é uma atividade extra classe com participação efetiva dos alunos na sua organização e desenvolvimento.

Penso, pois, que pagar direitos autorais referentes a eventos escolares é, antes de tudo, uma distorção da legislação vigente sobre direitos autorais.

Fazendo-se uma análise da legislação que rege a matéria, mais precisamente a lei no. 9610, de 19/2/98, que revogou, dentre outras, a Lei no. 5988, de 14/12/73, chegamos à conclusão de que é incabível a pretensão do ECAD e é indevido qualquer pagamento, a qualquer título, ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, já que o item VI, do artigo 46, da Lei no. 9610/98, estabelece que “não constitui ofensa aos direitos autorais, a representação teatral e execução musical, quando realizadas no recesso familiar ou, para fins exclusivamente didáticos, nos estabelecimentos de ensino, não havendo, em qualquer caso, intuito de lucro”.

Como educador, procuro sempre dizer aos alunos que a Lei, por mais injusta que possa parecer, existe para ser cumprida, mas sei, também, que “não dizer, em alguns casos, pode ser mais devastador do que dizer”.

Por isso, mesmo sendo Lei, é preciso que se discuta o alcance de sua aplicação pois não existe nada pior do que uma Lei que, ao ser aplicada, crie qualquer forma de injustiça.

Já nos bastam as injustiças contra as quais nossas leis são insuficientes e /ou nossos governantes são impotentes para aplicá-las.

A Galinha

“Educar é perder sempre, sem perder-se”

Artur da Távola

Certo dia, a galinha tomou as páginas dos jornais e revistas quando uma delas foi atirada contra a Prefeita de São Paulo, Marta Suplicy: a mídia nacional virou um galinheiro, por certo espaço de tempo.

Nas escolas, na versão dos meninos, elas já existem há muito tempo (desde os meus velhos tempos). Galinha é o nome dado às meninas que passam de mão em mão, as namoradeiras, as permissivas, as mais liberais: existem as “para casar” e as “para ficar”, sendo tudo permitido no momento de ficar: são até realizadas competições de quem beijou mais numa mesma noite ou quem namorou mais durante o ano letivo.

Nos tempos atuais, em que os “casais” gays ocupam espaço na mídia lutando pelo direito de se “casarem”, mulheres beijam mulheres em apresentações internacionais (e isso tudo divulgado, inclusive, via Internet), particularmente acho interessante e promissor quando ainda dois jovens (casal de menino e menina) se sentem atraídos.

Num mundo em que a mídia enaltece e promove mais o prazer do corpo do que o prazer do espírito, em que os pais temem a reação dos filhos, que um ator em apresentação de “Tristão e Isolda” mostra as nádegas fora do contexto da peça, em que vereadores e empresários promovem orgias com menores, em que pais estupram filhas com anuência das mães, fica muito complicado, na convivência escolar, pedir aos jovens que respeitem os mais vividos e seus velhos valores.

Mesmo para nós, os mais experientes e cinquentões (não sejamos falsos moralistas), beijar é muito bom, arroubos de paixão são ótimos, mãos percorrendo corpos é alucinante, o calor de corpos e bocas sedentas é quase irresistível: mas existe lugar apropriado para tudo.

Existe lugar para tudo, sim, até para um namoro mais, digamos, "caliente". No pátio, na frente, nos arredores do colégio, vestindo o uniforme do colégio, o namoro ou "ficada" mais quente, com direito a "amasso", passa a ser, por exemplo, uma afronta para os olhos dos mais idosos que vão buscar seus netinhos ao final das aulas, uma provocação para as mães de crianças menores que veem no gesto um incentivo prematuro à iniciação sexual.

E então surgem os problemas e os confrontos, tendo em vista que a dificuldade de perceber e respeitar o outro acaba de ser medida por uma pesquisa da Ipsos Brasil, em nove capitais brasileiras, com estudantes de escolas privadas. O resultado é estarrecedor (mas não surpreendente quem trabalha com jovens). Entre os entrevistados, 59% disseram que "fazem o que querem e não se preocupam com os outros".

Diante dessa realidade, só restam aos educadores, nas escolas, duas saídas: distribuir camisinhas à mão cheia (e não mais livros?) e permitir que os casais mais afoitos (sejam eles homo ou heterossexuais) matem suas paixões nos pátios e salas de aula (para felicidade geral da juventude estudantil) ou orientar, coibir excessos, avisar os pais sobre o andamento do "ficar" de seus filhos e contar com o apoio irrestrito dos responsáveis (o que nem sempre acontece), correndo o risco concreto de ser acusado de estar invadindo a vida privada (seria mesmo privada?) dos inocentes amantes.

Prefiro ficar com Artur da Távola: "Eu educo hoje com valores que recebi ontem, para pessoas que são o amanhã. Os valores de ontem, conheço-os. Os de hoje, percebo alguns. Os de

amanhã, não sei. Se só uso os de ontem, não educo, condiciono; se só uso os de hoje, não educo, complico; se só uso os de amanhã, não educo, faço experiências à custa das crianças; se uso os três, sofro, mas educo”.

A Pedagogia do Presépio

“Reconheço a felicidade pelo barulho que ela faz ao partir”

Jacques Prévert

É uma tradição que me traz felicidade.

Em novembro, já começo a pensar na confecção do presépio que ficará exposto na minha sala de jantar até o dia sete de janeiro do Ano Novo: um dia após o Dia de Reis.

Por volta de 1992, eu mesmo fiz as peças, uma a uma, de argila: pintei-as com esmalte.

O modelo utilizado foram as peças de um outro presépio: o que meu pai montava todo Natal, em minha casa, quando ainda eu era criança e só colocava a mão nas imagens com autorização e sob supervisão de alguém mais velho.

Eu e meu pai fizemos e desfizemos muitos presépios. Cada peça, ao ser colocada, tinha uma história que era contada e recontada: foi assim que me interessei pelo Novo Testamento (e depois pelo Antigo).

Lembro-me, inclusive, dos presépios que o vi montar sob uma escadaria da residência da família Biagi, quando ainda era vivo Baudílio: ali, perto do prédio do Estádio.

Muitos são os nascimentos do Cristo em minha memória e muitas foram as vezes em que, no Dia de Reis, logo de manhã, colocávamos as imagens, todas, em torno e bem perto da manjedoura, para significar a chegada dos Reis Magos.

Aprendi a nunca ter preconceito de cor com a presença constante de Gaspar, sempre ali, ao lado do Menino Jesus.

Aprendi a importância da reunião dos membros da família, com José e Maria, sempre ajoelhados aos pés da Criança: e, assim,

o amor pelas crianças.

Aprendi a importância dos mais humildes, de tanto posicionar o pastor e suas ovelhas no mesmo espaço reservado ao nascimento do Filho de Deus.

Aprendi a amar os animais, o jumento e a vaquinha, porque os vi aquecendo Jesus, anos e anos, nos presépios da minha casa. Aprendi a olhar e admirar o céu, a areia, os coqueiros, visitando o presépio que, na vitrine das Lojas Diederichsen, era tradicionalmente visitado pelas pessoas que passeavam pela cidade nos dias que antecediam o Natal.

Aprendi, com o plantio antecipado das sementes de arroz, ainda em casca, que existe um momento certo de plantar, para que brotos saudáveis e resistentes possam aguentar o passar dos dias: assim era obtida a erva verde que permeava as dunas de areia do presépio de imagens quase em tamanho real.

Tenho certeza de que Suzane Louise von Richthofen nunca viu e nem participou na montagem de um presépio ao lado de seu pai, Manfred.

Ela sempre teve tudo, ou quase tudo. Faltou algo: talvez um presépio.

Termino de escrever este artigo e já começo a pensar no meu presépio 2006, desejando que cada leitor faça de seu coração uma manjedoura onde o Cristo possa renascer, mais uma vez, ou até nascer, quem sabe, pela primeira vez, de uma série de muitas.

A Pio XII no Regatas

“A Banda de música tem um significado simbólico: ela representa os anseios estéticos de uma comunidade”

Numa das atividades comemorativas do aniversário do Clube de Regatas, os presenteados fomos nós, seu associados.

Ao final de uma manhã ensolarada de domingo, tivemos a satisfação de conhecer a Banda Marcial Pio XII, de Ponta Grossa, Paraná, com mais de 50 títulos importantes (nacionais e estaduais), conquistados em seus 21 anos de existência.

Sob a coordenação de Antônio Carlos Schmidt, e sob a batuta do jovem Maestro Miroslau Kreinski, os alunos do Colégio Marista realizaram uma apresentação de gala: uniformes com predominância do branco e preto, trabalhados com detalhes dourados; as balizas, jovens bailarinas, davam o toque feminino ao evento, com a leveza encantadora e precisa de suas evoluções e acrobacias.

Ao som de Olimpíada, Irlanda, Cortez, Copacabana, Recital para Metais, Sea Gate, Cartoon Sinfonic e, para encerrar, Parabéns a Você, crianças, jovens, adultos e idosos esqueceram-se das diferenças etárias e entregaram-se ao ritmo envolvente marcado pela percussão e pela riqueza de sons proporcionados por trombones, trompetes, tubas, trompas, bombardinos, bombardões... Instrumentos que, nas mãos daqueles jovens músicos, iluminaram a beira do Pardo, ligando o espaço do restaurante do bocha ao céu, integrando, de maneira mágica, as pessoas ali presentes.

Como educador, fiquei sonhando com a possibilidade de ter uma Banda daquela na escola onde trabalho, porque acredito

que, como afirma o conteúdo do folder de divulgação da Banda: “aprender música participando de uma Banda dá ao aluno a possibilidade de preencher seus momentos de lazer com uma atividade construtiva, evitando, assim, que a ociosidade o leve para outros caminhos, muitos deles danosos para sua integridade física e destruidores do moral e do caráter. Aliás, os jovens que participam desses conjuntos instrumentais são submetidos a uma disciplina rígida, imprescindível para que sejam atingidos os objetivos pretendidos. São subordinados à autoridade do coordenador, regente ou instrutor, criam uma personalidade que os torna resistentes a abordagens menos lícitas e que visam torná-los física e emocionalmente dependentes. Estudos de comportamento também comprovam que, nas Bandas de música, os integrantes não são submetidos a pressões psicológicas comuns aos músicos dos conjuntos atualmente em evidência.

Tocar um instrumento musical numa Banda é viver as alegrias que só a música pode proporcionar. Uma escola que se propõe a ensinar música deve existir para dar as primeiras noções musicais para jovens de ambos os sexos, com idade a partir dos sete anos, para que possam ser descobertos novos talentos, o que contribuirá muito para o enriquecimento cultural de toda a comunidade a que pertencem.

Foi bom poder sonhar e ver a Pio XII passar cantando coisas de amor.

A Pobre Mente Humana

***"As pessoas são os nossos espelhos"
Saí Baba, pensador indiano***

O final de ano de um educador é sempre terrível.

Se os seus alunos foram promovidos, o merecimento é dos próprios alunos, mas, caso sejam retidos, a culpa é, em geral, da escola e dos educadores: essa é a dura realidade, como costuma dizer o jornalista Datena, em seu programa diário na TV.

No final do ano letivo de 2006, cheguei a ser agredido verbalmente por um pai de aluno.

Posso garantir que é uma situação ao mesmo tempo constrangedora e esclarecedora: constrange porque sempre esperamos atitudes mais equilibradas de adultos responsáveis pela formação de seus filhos, mas também explica por que certos jovens dão tanto trabalho aos seus educadores durante todo o ano letivo.

No livro de Jamil Albuquerque, "A arte de lidar com pessoas – a inteligência interpessoal aplicada," ele cita Rhandy Di Stéfano, eminente pensador americano: "A mente humana tem modelos mentais, e vê o mundo por esses modelos. Como nós não temos condições de saber com exatidão o que se passa na consciência da outra pessoa, nós a avaliamos de acordo com a nossa programação mental, quase como se fizéssemos um clone da mente do outro".

E então o autor completa: "Aqui entra a regra do 90 / 10%, ou seja, 90% das opiniões negativas que as pessoas têm de você, não se referem a você, referem-se a elas mesmas! Só 10% têm a ver com você! Pense nisso. 90% de todas as críticas, reclamações, rótulos, opiniões negativas que você recebe não são sobre você!

Isso se baseia no fato de que nós vemos os outros através de nossas referências. Mais simples ainda é dizer que nós vemos os outros com nossos olhos. Conclusão: nós só vemos o que os nossos olhos sabem ver, não conseguimos ver o que os olhos do outro veem. Ou seja, cada vez que criticamos alguém, em 90 % dos casos, o problema está em nós mesmos”.

Saber disso não é suficiente para evitarmos cenas constrangedoras, mas é um incentivo para que — apesar da existência desses construtores de paredes que só sabem queixar-se, encontrar defeitos, ser estilingue — continuemos a trabalhar arduamente, buscando construir pontes, lembrando sempre que a raiva é o vento que apaga a vela da inteligência.

As Ondas da Gripe Suína

"Poucas pessoas são capazes de expressar opiniões que diferem do seu ambiente social. A maioria das pessoas são sequer capazes de formar opiniões assim".

Albert Einstein

Parece-me que a TV e a mídia em geral estão dando um tempo para a H1N1.

Mas, no final de julho e início de agosto, muitos foram os acontecimentos, nos meios escolares, ocorridos devido à paranoia geral que tomou conta da população.

Num certo dia, o aluno entrou no colégio às sete horas e trinta minutos.

Meia hora depois, a mãe vai buscá-lo, alegando o direito de protegê-lo da gripe suína.

Pergunta: ela só descobrira e conversara sobre a suína gripe nos últimos trinta minutos daquele dia?

Quanto interrogada sobre quando voltaria o filho às aulas normais, ela respondeu: na próxima semana.

Pergunta: será que ela sabia que, na próxima semana, ou muitas semanas depois, a gripe estaria atingindo a população da mesma maneira?

Os pais de outro aluno comunicaram que ele não frequentaria as aulas nos próximos quinze dias porque eles, pais, eram da área da saúde, e os postos estavam lotados.

Pergunta: após quinze dias, os postos estariam todos vazios e os milhares de casos resolvidos?

Um pai ligou dizendo que o filho estava gripado e perguntou se ele poderia frequentar normalmente as aulas.

Respondemos que existia a exaustiva orientação dos órgãos de saúde, na mídia, no sentido de que jovens com gripe, qualquer que fosse ela — suína, aviária, espanhola, equina — não assistissem às aulas. No dia seguinte, o adoentado foi e entrou na sala de aula com remédio, lençinho e tudo o mais, enviado pela mãe impotente para mantê-lo em casa.

Um aluno foi visto com máscara na sala de aula e alegou que a mãe, que trabalhava em hospital, dissera para ele ir de máscara, mas, enquanto estava sendo encaminhado para a direção, tirou a máscara nos corredores para que os colegas não o vissem “pagando mico”.

Pergunta: a mãe pensou que o filho, sendo o único a usar máscara numa comunidade de quase mil pessoas, estaria passando por uma situação constrangedora? Teria ela tido autoridade para obrigá-lo a usar a tal máscara quando fosse ele ao shopping ou à balada com as gatinhas? Saberia ela, em sendo da área da saúde, que os atingidos pela gripe é que deveriam utilizá-la?

Estariam os pais atentos à mídia e às declarações de infectologistas de renome, ou simplesmente cedendo ao teatro de terror que só interessava às grandes multinacionais que produzem os Tamiflus da vida?

As escolas públicas suspenderam por vinte dias as atividades escolares ao invés de aproveitarem a presença das crianças e jovens nas salas de aula para um trabalho em massa de orientações sobre como evitar a doença.

As escolas particulares quase que foram obrigadas a fazer parte da neura, por correrem o risco de não serem politicamente corretas, mas sabendo os prejuízos que seriam causados ao processo ensino-aprendizagem por uma paralisação tão prolongada: e agora nossos governantes chegam a admitir a diminuição dos dias letivos, ampliando os prejuízos já causados.

Mas como bom senso não é vendido em balcões,

aguardamos até a volta às aulas e gozamos — conforme orientações de Marta Suplicy — prorrogando, por mais uns dias, as comemorações do Dia do Orgasmo, ocorrido em 31 de julho.

Agora, que venham as novas ondas da gripe suína, que, como todo fato desconhecido, no meio de uma população que não sabe ler nem ouvir, levará, por mais algum tempo, as pessoas a atitudes, digamos, irracionais.

Cadê os Pais?

A Faculdade de Saúde Pública da USP vem oferecendo um curso para uma geração de pais cada vez mais perplexos com a velocidade das mudanças de valores e que não sabem como agir com seus filhos adolescentes (VEJA de agosto).

Na Escola, essa perplexidade se transforma em apatia quando constatamos que, cada vez menos, os pais participam das atividades educacionais, culturais e esportivas promovidas pelo colégio de seus filhos.

Quanto maior a série cursada, menor é o número de pais que se fazem presentes nas festas juninas, gincanas, reuniões de qualquer tipo: os jovens sofrem de uma orfandade progressiva.

Os pais das crianças da Educação Infantil, na faixa etária que vai dos 3 aos 6 anos, comparecem quase que em massa e vão desaparecendo da escola, chegando quase a zero a frequência em eventos promovidos para alunos do Ensino Médio, na faixa etária que vai dos 15 aos 18 anos.

Não querem comprar livros, não querem pagar excursões para museus, não querem gastar com teatro, não querem, enfim, aplicar na educação complementar de seus filhos: é uma terceirização da educação.

É uma terceirização desumana que se resume em deixar o filho no Colégio e pagar as mensalidades: quanto menos aborrecimento, melhor.

Tudo é aborrecido.

O telefonema do coordenador/orientador irrita, o convite para uma reunião incomoda, a atividade extraclasse é só mais um gasto, a tarefa cobrada pelo professor é perda de tempo, o livro paradidático a ser lido e trabalhado é só mais um item na extensa relação de gastos do mês.

Não basta ser pai, é preciso participar.

Às vezes, penso, como Balzac, que a ironia constitui o fundo do caráter da Providência.

Não é possível tanta preocupação verbalizada com a educação dos filhos e, ao mesmo tempo, tanto desinteresse prático pela qualidade dessa educação. Basta uma boa propaganda na mídia e pronto. Não olham os cadernos e apostilas de seus filhos, não acompanham as tarefas, não ligam para o colégio para saber a quantas andam as atividades e necessidades.

No livro "O diário de um mago," de Paulo Coelho, o personagem pensa, após quase ter sofrido um colapso: "A planta continuaria, como continuariam as outras plantas, os ônibus, o verdureiro da esquina que sempre cobrava mais caro, a telefonista que me informava os números fora do catálogo. Todas essas pequenas coisas — que podiam desaparecer se eu tivesse tido um colapso naquela manhã — ganharam de repente uma enorme importância para mim. Eram elas, e não as estrelas ou a sabedoria, que me diziam que eu estava vivo".

A vida é assim: sua importância está nas pequenas coisas, nos pequenos, quase insignificantes momentos.

Se você não vai assistir à peça de teatro do colégio onde seu filho é só um coadjuvante, se você não vai ao lançamento da antologia/brochura onde existe um poema saído com carinho das entranhas do seu filho, se você não o acompanha no jogo entre pais e alunos, se você não solta com ele uma pipa ou não tem tempo para ouvi-lo tocar durante uma festa tradicional da comunidade escolar, então não se engane: ele estará aprendendo com exemplos que, quanto mais ficamos velhos, mais temos que nos virar sozinhos.

Então, no asilo, já bem velho, você se perguntará, juntamente com outros que viveram como você:

Cadê os filhos?

Cala a Boca!

“Ele sabe dos caminhos dessa minha terra. No meu corpo se escondeu, minhas matas percorreu. Os meus rios, os meus braços. Ele é o meu guerreiro nos colchões de terra. Nas bandeiras, bons lençóis. Nas trincheiras, quantos ais, ai. Cala a boca - olha o fogo! Cala a boca - olha a relva! Cala a boca, Bárbara”.

Ao ouvir os versos de Chico Buarque vem à mente um dos maiores problemas do professor em sala de aula: a conversa ininterrupta de certos alunos, o assunto sem fim que vai do início ao final das aulas.

E, nos casos crônicos, não adianta insistir com pedidos amáveis, quase súplicas: o tagarela não para e continua a tirar o direito dos demais alunos a uma aula produtiva e com adequada sequência pedagógica.

E fica pior ainda se você tentar argumentar, tentar mostrar que a conversa dele está atrapalhando os colegas, porque ele enfileirá uma série de justificativas que irão desde o “mas eu não estou atrapalhando” até o arrogante “eu estou pagando e faço o que eu quero”, nem sempre dito com palavras, mas com gestos e expressões faciais.

E então o professor perde a paciência com o aluno inoportuno e solta um sonoro: “Cala a boca!”

E os pais do adorável jovem “aborrecente” e tagarelate, ECA na mão (ECA, para quem não sabe, é o Estatuto da Criança e do Adolescente, aquele que só fala em direitos e se esquece de mencionar os deveres das mesmas crianças e adolescentes), brada aos sete mares os direitos da sua cria, indignado com a falta de sensibilidade do educador que ele até considera insano. Vai à direção, exige providências enérgicas.

E assim vão se transformando em (de)formadores de

futuros adultos, “cidadãos” inadaptados à vida social, aquele mesmo que fala alto no cinema, que dá gargalhadas durante a apresentação da ópera, que tece comentários durante uma peça de teatro e que, numa conversa, não deixa ninguém falar sem uma interrupção inoportuna e estridente, acompanhada de gestos largos e extravagantes.

Esses, em geral, são os mesmos pais que se consideram no direito de estacionar em fila dupla na porta da escola, atrapalhando o trânsito, como se a rua fosse sua propriedade privada; são os que jogam latas de refrigerante pela janela do carro como se a cidade, onde caminham os “outros”, fosse sua lata de lixo. São esses pais que, somente porque pagam o colégio, acham que seus filhos devem se comportar como se estivessem em casa. Eles estão ensinando a seus filhos que o dinheiro compra até o que não tem preço: a educação, as normas, as leis.

O respeito dos alunos pelos professores e educadores deve ser obtido por meio do bom relacionamento, respeito mútuo, camaradagem, mas, se isso não for possível, os professores e educadores têm o dever de se utilizar de formas mais ríspidas para que não sejam literalmente agredidos por jovens que, na convivência com o cinismo e com a ilegalidade das práticas da elite, corrompem-se e deseducam-se como acontece com boa parte das novas gerações.

Cidadania Pós-Caseiro: na Escola

“Tornou-se arriscado exercer a cidadania nestes tempos pós-Francenildo”

Fernando Rodrigues

Folha de São Paulo

A mãe liga para o Colégio.

Em princípio, não quer se identificar: mas fará uma denúncia.

Denuncia um caso de bullying, uso de drogas, ou que seu filho está tendo que deixar colegas copiarem dele o resultado de uma pesquisa ou tarefas, enfim, está em busca de solução para algum problema que a incomoda. Mas não quer dar nomes, não quer que o filho saiba, não quer se identificar, enfim, não colabora.

No bairro, uma matilha de cães não permite, até alta madrugada, o sono dos vizinhos: mas poucos são aqueles que se propõem chamar a polícia, ir com os policiais até a porta dos perturbadores da ordem pública e buscar seus direitos garantidos pela lei do silêncio.

No trabalho, um colega não cumpre suas tarefas e sobrecarrega colegas com sua irresponsabilidade. Todos sabem o que está ocorrendo, mas ninguém denuncia para o patrão: o folgado frequenta a casa, e é íntimo do filho do chefe.

No bar da esquina, todos sabem que o amigo é traído pela esposa já há algum tempo, mas ninguém diz nada: ele será, como sempre, o último a saber.

E agora, o STF- Supremo Tribunal Federal, ministra uma lição para todos aqueles que souberem de alguma coisa escusa — principalmente para caseiros, mordomos, secretárias, motoristas, assessores de baixo escalão e afins — mas que se

sentem inseguros para denunciar; não digam nada, pois podem estar mexendo com poderosos e, nesse caso, suas palavras não valerão nada.

É nós, educadores, ficamos na berlinda: como defender a ideia de que levantar o braço e apontar algo de errado é um dever do cidadão? Como ensinar a diferença entre ser testemunha e ser dedo-duro? Como impedir que nossa juventude fique desestimulada em participar da vida pública denunciando a corrupção e os desmandos de autoridades constituídas?

É nós, cidadãos honestos, como ensinar nossos filhos e netos que, para a justiça brasileira, sempre prevalecerá a tradição de não punir poderosos, a não ser que se tenha contra eles provas irrefutáveis e cabais — declaração de próprio punho do réu, assumindo a transgressão, com firma reconhecida em três cartórios, com fotos e gravações feitas com autorização legal — para se dar início a um processo?

Afirma o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello, “a corda acaba estourando, sempre, do lado mais fraco”, mas eu, mesmo sabendo disso tudo, prefiro ouvir Pablo Picasso: “Deus é, sobretudo, um artista. Ele inventou a girafa, o elefante, a formiga. Na verdade, Ele nunca procurou seguir um estilo, simplesmente foi fazendo tudo aquilo que tinha vontade de fazer”.

Eu, poeta/fotógrafo/educador, vou continuar denunciando, mesmo correndo o risco de me transformar num João Francenildo Batista.

Cleptomaniaco ou Ladrão?

As dificuldades financeiras por que passam as famílias brasileiras — mesmo as de classe média — fazem da apropriação indébita uma prática de alguns jovens — mesmo nas escolas particulares ou, talvez, principalmente nelas — tendo em vista que ali convivem alguns que têm um pouco mais do que outros e que, estando num meio socioeconômico com fácil acesso às informações e pressão de consumo da mídia, é mais tentado, quando facilitado, à prática do roubo de pequenos objetos: canetas e estojos da moda, jogos em CDs, pequenos aparelhos de som, perfume, batom, e até pequenas quantias em dinheiro.

A constante vigilância dos agentes escolares nem sempre é suficiente para evitar tais ocorrências, pois os jovens, em geral, não tomam as devidas precauções no sentido de evitarem as condições que podem propiciar ocasiões tentadoras para jovens com formação duvidosa e necessidades não satisfeitas: a ocasião faz o ladrão.

Mas ninguém melhor que os pais, no convívio diário do lar, para detectar qualquer material estranho ao ambiente familiar: um CD novo, um aparelho de som, um diskman, um walkman, um estojo, um boné.

É preciso, sempre, saber a fonte de qualquer aquisição, mesmo que seja um simples chiclete, uma bala.

Costumo alertar meus alunos, sempre que a ocasião permite, de que nunca devem mexer no material alheio — mesmo que seja por brincadeira — uma vez que é comum abrirem a mochila dos colegas, esconder algum objeto dali retirado ou, colocar no lugar os de outros colegas: é o que chamam “zoar”.

Também costumam não ver nenhum mal em permanecerem na sala de aula nos momentos estabelecidos para

recreio: em caso de desaparecimento de qualquer objeto, eles não pensam na hipótese de serem os primeiros sobre quem serão levantadas suspeitas (nem sempre confirmadas, mas que criam, para o futuro, um clima de suspeita constante com relação a sua honestidade).

Apanhado em flagrante, o pequeno infrator sempre busca desculpas, sempre tem alguns "amigos" como testemunhas de defesa, sempre nega.

Então, não cabendo aos responsáveis pelo colégio a punição, passa a ser dos pais a tomada de medidas cabíveis em tais situações .

Se confiar nos educadores, nas mãos dos quais deixam diariamente a guarda de seu filho, ficarão agradecidos e passarão a prestar mais atenção às atividades e amizades dele.

Caso contrário, duvidarão das informações obtidas, dirão que confiam plenamente na educação que deram ao filho, ameaçarão todas as testemunhas com o Estatuto do Menor e do Adolescente, dando, assim, inconscientemente, seu aval a outras possíveis ocorrências similares que, cometidas em outros meios — não o escolar — poderão trazer a desagradável surpresa de uma prisão por furto e consequentes penas de acordo com a lei.

Numa sociedade em que o ladrão com poder econômico é cleptomaniaco, e o ladrão pobre é ladrão mesmo, é muito importante a investigação profunda e incansável, (mesmo que haja um conflito) quando qualquer suspeita for levantada por quem quer que seja, principalmente por educadores, os quais, cotidianamente, estão ao lado de seu filho: em geral, um jovem que não tem a presença constante e diária de seus pais, dada a necessidade premente da luta desesperada pela sobrevivência.

Não devemos evitar os conflitos: depois dos conflitos é que repensamos o que somos.

Clientes Especiais

“A inteligência humana tem limites. A estupidez, não”

Ignatius Nobel

No meio de um amontoado de notícias desanimadoras com relação à dificuldade que certos pais apresentam ao tentar educar seus filhos e as consequências dessa inaptidão, leio uma notícia surpreendentemente positiva: um rapaz de 21 anos foi preso por seus pais se recusaram a pagar a fiança de R\$ 500,00, alegando a mãe: “estou com o coração partido, mas, se tivéssemos pagado a fiança, ele teria saído da cadeia e já teria pegado a camioneta de novo. Quero meu filho comigo, mas quero que ele tenha uma conduta responsável, que saiba o que está fazendo”.

Segundo a notícia, o pai justificou sua decisão: “vamos deixar que ele reflita na cadeia, sobre o que é melhor para ele. Como pegou o meu carro, amanhã ou depois poderá sair pegando o de outras pessoas”.

Infelizmente nem sempre é assim. Trabalho na educação de jovens e tenho encontrado pais que, não tendo como justificar certos comportamentos

inadequados de seus filhos, alegam que não estão contra as medidas tomadas pelo colégio, mas, sim, contra a forma como são comunicados sobre as ocorrências escolares, ou seja, maneira nada objetiva de enfrentar os problemas.

Vivemos numa sociedade em que prevalece uma classe média insegura, carente, em que a permissividade é o melhor remédio contra a inevitável insegurança social, ou seja, vivemos num mundo em que os pais fazem qualquer coisa...

filhos acreditem gozar de um privilégio absoluto; querem sempre um tratamento especial.

É só prestarmos atenção à declaração do pai de um dos cinco agressores da empregada doméstica Sirlei: "é uma injustiça prender pessoas que têm estudo, que têm caráter (sic), junto com uns caras desses".

Uma declaração desse tipo só demonstra o desespero de alguém que sente seus privilégios ameaçados e descobre que não eram "clientes especiais".

Frases assim revelam a distância entre o filho que o pai conhece em casa (filho que teria "caráter") e o filho que se revela na ação exercida com apoio de grupos.

O jornalista Contardo Calligaris, em um de seus artigos, cita Eliane Cantanhêde, que descreveu perfeitamente o mundo no qual é possível que rapazes de classe média possam até queimar índio (pensando que é "só um mendigo") e espancar uma mulher (pensando que é "só uma prostituta").

Pais que defendem incondicionalmente seus filhos contra professores e educadores, e sempre jogam a culpa em colegas, ou justificam deslizes com a frase "mas outros também agem assim", correm sérios riscos de um dia descobrirem que um grupo e/ou a sociedade não produzem, eles só possibilitam que as falhas de caráter se manifestem: é na escola, com pequenas punições e advertências, que poderemos evitar futuros momentos de estupidez e violência.

Cuidado Com os Exemplos

O código civil estabelece a reparação por danos ao patrimônio no seu Art. 562º Princípio geral: Quem estiver obrigado a reparar um dano deve reconstituir a situação que existiria, se não se tivesse verificado o evento que obriga à reparação. Art. 564º Cálculo da indenização: O dever de indenizar compreende não só o prejuízo causado, como os benefícios que o lesado deixou de obter em consequência da lesão.

Então, como preparar os jovens para, no decorrer dos anos de sua formação, não incorrerem, um dia, em tal delito?

Penso que a escola é o mais adequado local para que o jovens possam aprender, nas pequenas ocorrências, o valor que deve ser dado à propriedade do outro, seja essa propriedade um estojo, uma caneta, uma carteira, um vidro, uma cadeira.

Em geral, a primeira atitude dos pais é se recusarem a pagar o dano provocado por seu filho a outrem (principalmente se o outrem for a escola): a culpa, na maioria das vezes, é imputada ao outro.

Os argumentos são os mais variados e vão desde o: "não vou pagar porque não foi propositalmente" até o "não vou pagar porque já pago a mensalidade escolar".

É importante que os pais reflitam não somente sobre o lado material da questão, o valor financeiro do "estrago", mas, sim, sobre o estrago real que estarão causando à formação de seus filhos quando, com suas posturas, estiverem ensinando que: "o que é dos outros pode ser quebrado sem nenhum ônus ou consequências", ou "a culpa é sempre do outro que deixou algo no lugar errado", ou "o patrimônio dos mais ricos pode ser destruído porque podem pagar os prejuízos", ou "sempre terei quem me defenderá das cobranças de danos que eu vier a causar

a quem quer que seja”.

Recentemente, num jornal de Ribeirão Preto, uma nota sob título “Barraco na Escola” relatava o caso de alunos de uma escola que entraram correndo na sala de aula e derrubaram, pasmem, a professora, chegando a rasgar as suas vestes, dada a violência do impacto. A diretora foi chamada e, na versão do jornalista, ela “agrediu verbalmente os jovens, usando expressões que colocavam em dúvida a masculinidade e a conduta moral das mães dos garotos. E, para concluir, a diretora, que é irmã da professora, teria exigido que cada aluno levasse R\$ 2,00 para pagar uma nova calça para a maninha”.

Penso que a referida “esculhambação”, por mais dura que tenha sido, ficou muito barata para tamanho desrespeito cometido contra a já tão sofrida professora da rede pública estadual.

Pois bem, a nota conclui, pasmem, que “Os pais bateram na porta da escola no outro dia e a diretora resolveu esquecer o assunto”.

O que podemos dizer da tal conduta dos pais? Moral? Cidadã? Exigem respeito por parte da diretora: e os deveres seus (de educá-los de forma adequada) e de seus filhos (de saberem respeitar autoridades)?

Nenhuma nota sobre a punição dos “anjos”.

Será que a professora teve que pedir desculpas às inocentes crianças? Será que terão que derrubar e rasgar as vestes da Diretora, depois as do Prefeito, depois as do Juiz, para, depois de presos, descobrirem que existem normas de bom comportamento? E os danos causados? Quem será responsabilizado? Não deveria caber aos pais, responsáveis legais pelos educados jovens, o ressarcimento?

A lei é simples: quebrou, rasgou, riscou, danificou propriedade alheia, tem que pagar.

Tenho certeza de que, quando quebram algo em casa,

levam uns tapas, advertências, castigos: ou estão recebendo elogios, palavras de compreensão e amor, afagos, beijos?

Caros senhores pais, ao ensinar o desrespeito às autoridades, estão criando condições necessárias e suficientes para serem desrespeitados a qualquer momento: então, não reclamem: vocês os ensinaram com seus exemplos.

De Olho no Boletim

Todo final de ano a história se repete: pais que, durante o ano letivo não tiveram tempo nem de ir ao colégio para receber o boletim de seus filhos, agora aparecem, cheios de culpa pelo abandono parcial da prole, e querendo remediar o decorrente complexo de culpa, acusando a escola pelo fracasso escolar dos filhos.

Içami Tiba, reconhecido mestre em Educação, em seu novo livro "Adolescentes: quem ama, educa!" trata, dentre outros assuntos, no capítulo 2º, página 210, da importância do boletim.

"É importante os pais estarem atentos às provas, conferirem os boletins da escola desde o início do ano (e não só aparecerem no colégio com advogados, tios, avós, cachorro de estimação, e todo mundo querendo dar aulas de Educação) e comentarem o resultado com o filho. O boletim é uma das referências de como eles estão se saindo nos estudos. Faz parte da vida cobrar o que se delega. O filho tem o poder de estudar. Os resultados podem ser melhores quando se cobra o boletim (o boletim de alguns alunos, em geral os que acabam reprovados, fica no colégio, às vezes o ano todo, sem que alguém tenha tempo de ir buscá-lo, mesmo após telefonemas e avisos solicitando a tão fundamental presença).

Nenhum profissional pode ser bom se não cumprir as suas obrigações e souber atender bem os seus clientes (patrões, sócios, parceiros, concorrentes, etc). Com obrigações e prazos não cumpridos, perdem-se empregos, contratos, concorrências, etc.

Pais que não acompanham o boletim correm o risco de serem surpreendidos por reprovações (e em geral o são). A repetência escolar geralmente reflete duas falências: a do próprio repetente (que não são cobradas pelos motivos colocados no início desse artigo) e a do seus pais, cujo investimento só deu prejuízo.

As possibilidades de passar de ano são muito maiores do que as de repetir. Para ser aprovado basta que se produza um pouco mais que a metade do que lhe é solicitado.

Para não ser reprovado, ainda existem várias oportunidades, tais como recuperações semestrais, finais, etc. Repetir significa fracassar em tudo isso.

O que magoa e revolta os pais é a reação do filho à sua repetência com uma grande indiferença. Até parece que não foi ele que repetiu o ano (em geral, pais de alunos reprovados querem encontrar culpados, de preferência, fora do âmbito familiar). Os pais ainda se preocupam com a autoestima do reprovado, como o filho vai olhar seus colegas aprovados, como vai ser visto pelos mais novos colegas de classe, etc.

Todos esses sofrimentos e prejuízos poderiam ser evitados caso o boletim não fosse negligenciado. É impossível que um filho bem-nascido, normal, numa escola média, não consiga recuperar um primeiro bimestre malfeito.

Infelizmente o boletim, apesar de ser muito precário, ainda é um dos únicos meios da avaliação para acompanhar o desempenho do estudante. Portanto, não importam quais sejam as conversas, explicações ou desculpas dos filhos, nada deve justificar uma nota (ou conceito) baixa e muito menos uma repetência escolar.

Os pais delegaram aos seus filhos o poder de estudar. Está claro que têm que cobrar o boletim."

Portanto, para evitarmos dissabores e cenas desagradáveis de pais desesperados — por culpa exclusiva de filhos irresponsáveis — ao final de mais um ano letivo que se inicia, vamos ler "Adolescentes: quem ama, educa"! para conhecer os filhos adolescentes de hoje e dar-lhes maior atenção, pois, apesar de muito mais informados, globalizados e independentes que os do passado, são mais abandonados, tendo, em alguns casos, terceirizada sua formação e educação.

De Quem É a Culpa?

A criança e o pré-adolescente agridem os colegas de sala com palavras, cotucões, rasteiras, tapas, cotoveladas.

Ar agressivo, mas calados, não se defendem das acusações ou advertências dos encarregados pela disciplina no colégio.

Seus pais estão cientes de todas as ocorrências, mas eles não mudam: por que será?

Quando o aluno é suspenso por desacato à professora, a mãe se apresenta, intimada pela Coordenação de Disciplina.

Chega calada, tensa. Não esconde o incômodo da situação.

Ouve por minutos a relação das inúmeras ocorrências de indisciplina explícita protagonizadas pelo filho em um único mês.

Mas eis que surge uma brecha na exposição do Coordenador, surge um fato que permite a ela culpar alguém pelo ocorrido, e ela, quase saltando da cadeira, exclama: mas isso é culpa do pai!

E desenvolve, como uma advogada, previda pelo promotor, todo um rol de motivos para justificar aquela atitude do filho, a qual o levou a ser suspenso.

E, mais uma vez, cai por água abaixo qualquer possibilidade de aquele jovem entender que deve assumir seus erros, suas falhas e as consequências pelo cometimento de qualquer que seja a atitude que venha a ferir o Regimento Escolar: a culpa é sempre de alguém, nunca dele.

É óbvio que ele é vítima, como muitos outros, de pais que temem assumir seu papel de educador: por não terem tempo para os filhos, passam a defendê-los incondicionalmente, quando, diante de outras pessoas, como forma de dizer que os amam, tentam, assim, livrar-se da culpa que os atormenta.

Possivelmente sejam esses os mesmos pais que pedem, por exemplo, para a sociedade se mobilizar para combater certos programas de televisão, mas não se propõem, por falta de tempo, a discuti-los com os filhos e nem desligam a TV com medo de parecerem chatos e retrógrados.

São, possivelmente, os mesmos pais que, para defenderem seus filhos contra quaisquer acusações, soltam as já conhecidas frases: e os outros? Não fazem a mesma coisa? O que vocês estão fazendo com os outros?

Se não for por culpa “daquele” amigo, o fulano, que anda com o beltrano, então a culpa é do funcionário do colégio que não olha, como deveria, o recreio das crianças: os outros são sempre os culpados, as professoras são sempre pessoas falsas, megeras, mal intencionadas.

E, como sabemos, se não existe a culpa, não há necessidade de mudança, e, se não há necessidade de mudança, com certeza, aquela zelosa mãe, com aquele amável filho, certamente estarão frequentando, novamente, muito em breve, a sala do insuportável e injusto Coordenador de Disciplina.

Deficientes Morais

*"Temos aprendido a voar como os pássaros,
a nadar como os peixes, mas ainda não
aprendemos a sensível arte de viver como
irmãos".*

Martin Luther King

Domingo de sol.

Busco uma vaga no estacionamento do clube quando, à minha frente, um veículo para na vaga reservada aos deficientes físicos.

Continuo minha busca e paro logo depois, numa das inúmeras vagas existentes.

Mas, pasmem, quando passo pelo suposto deficiente físico, descubro que a deficiência dele é moral: ele não tem nenhum tipo, pelo menos visível, de deficiência física.

Fico envergonhado de ser brasileiro.

Lembro-me de um texto que tem transitado pela Internet, em que um brasileiro conta sua experiência vivida na Suécia, onde um funcionário da Volvo, seu amigo, mesmo chegando mais cedo, e com o local vazio, estaciona seu carro longe da entrada da fábrica e se propõe a caminhar um longo trecho a fim de que seus colegas que chegarem depois tenham vagas desocupadas, e, assim, não cheguem atrasados ao local de trabalho: invejável cultura coletiva.

Esses espertinhos, seguidores da Lei de Gérson, não sabem o quanto é asqueroso e triste ver um adulto desrespeitando um item tão básico da educação: são ladrões, frutos de uma estrutura deficiente, que se apoderam do direito alheio.

É incrível, também, constatar que, em geral, esses infratores

são proprietários dos melhores carros e, possivelmente, defensores dos políticos que hoje se locupletam com "beiradas", mensalões e golpes de todos os tipos, corruptos e corruptores assumidos que, se abordados, tentarão comprar consciências ou amedrontar funcionários que, porventura, tentarem cumprir suas obrigações de zelar pelo cumprimento da lei e das normas vigentes.

Algumas situações chegam a ser ridículas, como o caso em que uma dessas jovens mal-educadas desce do carro, olha para um lado e para outro, finge mancar durante alguns metros, e, depois, sentindo-se segura e esperta, sai andando normalmente: aleijão moral oriundo, possivelmente, de lares aos quais a Supernanny não teve acesso.

Penso que é obrigação moral de clubes e shoppings zelarem pelas vagas especiais (inclusive para idosos) estabelecidas por eles, a fim de evitar um fato estatisticamente intrigante: é incrível como aumenta a presença de deficientes físicos no clube, em dias de muita frequência ou de chuva.

É preciso parar de brincar, de fazer de conta, de fechar os olhos quando normas são desrespeitadas, é preciso dar pleno apoio às pessoas que cuidam dos estacionamentos e que flagram "otoridades" que, por serem amigos do rei, se sentem imunes às normas que, segundo eles, só servem para os outros.

Enfim, não estamos na Suécia, mas penso que ainda é possível viver como irmãos.

Dissecação Literária

Fui agradavelmente dissecado em um artigo, intitulado “Carta aberta a um amigo”, da colega e acadêmica da ARL e da UBE, Ely Vieitez Lisboa, publicado no Jornal Metrópolis, de abril de 2002.

No dia seguinte à publicação, recebi diversos telefonemas de amigos pleiteando o direito de subscrever a referida carta cujo teor segue abaixo, na íntegra.

“Não escrevo ao presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras, ao Coordenador Pedagógico, ao acadêmico, ao matemático, ao articulista, ou ao poeta, mas ao amigo. Caro Antônio Carlos Tórtoro, analisei, lucidamente, por que você é pedra de escândalo, provoca críticas e irritação, muitas vezes. Já não se usa homem como você. Ignora a globalização, gente feita em série. Hoje há um pacto anônimo e silencioso que rege a reificação humana e quem é diferente paga preço alto. Você tem a coluna vertebral feita de aço, jamais se curva. Seus posicionamentos são muito claros, francamente, todos são meio políticos, na pior acepção do termo: ninguém é contra ou a favor, muito pelo contrário. O sim, sim, não, não bíblicos transformaram-se em um túbio talvez provisório. Pontualidade, fidelidade, franqueza, teimoso como um Sísifo redutivo, continua empurrando sua pedra montanha acima, trabalhando numa faina tresloucada, desinteressado do lucro, tão preocupado está com o dever, a tarefa a cumprir. Ninguém é mais assim, caríssimo. Julgam-no, pois, ultrapassado, ingênuo, meio rude, obsoleto. E culturalmente? Saber matemática não era o bastante. Embrenhou-se pela poesia, começou a ler grandes autores também da prosa: as citações em seus artigos são a evidência inofismável. Sabia? Correm por aí histórias folclóricas a seu respeito. A minha

predileta é aquela quando você trabalhava em um colégio religioso e a falsa doce freira começou a perseguí-lo pelo pecado de você ser maçom. Ela desconhecia a liberdade de opções do ser humano? Na sexta-feira, você era o coordenador pedagógico e mal conhecia um computador. Ela, maquiavelicamente, mudou o de cargo: a partir de segunda-feira, você seria o professor de computação. Você fez o que ela pretendia? Abandonou o emprego? Não. Comprou livros e livros sobre o assunto e dois dias depois era perito no computador e seus mistérios. Que força é essa? De onde tira sua pertinácia?

Muitos o consideram um homem meio "gauche", irritam-se com sua exagerada seriedade, intransigência. Não querem que cobre compromissos assumidos (é tão "raffiné", hoje, dizer que se esqueceu, devido à vida muito agendada...), odeiam quando tenta levantar verbas para a ARL, projetos culturais; criticam se você aceita cargos, escandalizam-se porque você nada recebe por eles, enfim, meu amigo, de que barro você é feito?! Olhe ao seu redor: quase todo mundo usa máscaras, representa papéis, armazena de mentiras capciosas, considera normais todas as fraquezas e vícios humanos. E você continua o contrário de tudo isso?!

Já ouvi duas vezes a assertiva preciosa: "Ele não sabia que era impossível, foi lá e fez". Desconheço o autor, mas ela lhe cabe como uma luva.

Seu lema de vida deve ser a frase do filósofo espanhol, Jesús Urtega: "É preciso saber o que se quer e estar no que se faz". Sabe o que eu desejaria? Como na bizarra novelinha da Globo, de inacreditável sucesso, fazer uns vinte clones seus. Empossá-los nos governos municipal, estadual e federal. Seriam varridas as falsidades, a falácia, a demagogia, as traições, os conchavos espúrios. Todos os problemas do Brasil poderiam ser resolvidos.

Escrevo-lhe, Antônio Carlos Tórtoro, porque admiro quem marcha na contramão, aqueles que não se moldam, como se fossem de essência líquida (de argila?!), os guerreiros, idealistas,

sonhadores. Siga sua difícil vereda, meu admirável amigo, mas você não está sozinho. Houve um homem, um irmão, que até morreu para redimir os pecados dos homens, sem questionar se valia a pena. Avante, pois, querido Quixote moderno! À sua frente haverá, sempre, infínitos moinhos de vento, com os quais você terá que lutar. Para heróis de seu feito não há reconsiderações, recuos, desistência. Penso, contudo, que o mundo ainda vale a pena, pelas surpresas da Criação, como você."

É Bárbaro Ser Pedófilo

Ligue-me um amigo, muito preocupado, assustado até, e, sem preâmbulos, mencionou a sua mais recente descoberta: descobriu que sou um pedófilo !

Sem saber o que responder, num primeiro momento, só me restou perguntar a ele qual o motivo de tão surpreendente revelação.

E ele respondeu-me haver descoberto essa sua nova situação ao consultar no Aurélio a palavra pedofilia: Qualidade ou sentimento do pedófilo.

Por meio das notícias dos jornais, ele pensava saber o que era um pedófilo, mas, mesmo assim, continuou sua pesquisa e encontrou pedófilo: Que ou aquele que gosta de crianças!

O seu mundo caiu. E ficou pior, ainda, ao ler, no Michaelis, que pedofilia é amor às crianças!

A maior dúvida passou a ser como explicar para sua filha que Papai Noel é pedófilo sem criar na criança um trauma. Já imaginaram o bom velhinho preso, saco nas costas, sendo confundido com um desses pseudomédicos (ou seriam pseudopsiquiatras?) que se utilizam de suas condições profissionais e abusam de jovens e crianças?

Tentei convencê-lo, dizendo que as palavras, com o tempo, perdem seu sentido inicial, ganhando outros, e sugeri, como exemplo, o termo "bárbaro" que, entre os gregos e romanos, dizia-se daquele que era estrangeiro, ou seja, sem civilização, selvagem, inculto, rude, inculto e até cruel, desumano e inumano. Hoje sabemos que o termo, mais recentemente, passou a significar muito bom, muito bonito.

Não o convenci de todo. Não é bom as pessoas perderem a confiança no "pai dos burros", o último reduto daqueles que se

aventuram na busca de significados para as palavras de nosso idioma.

Eu também fiquei preocupado.

Temos, no Colégio onde trabalho, um aluno coreano que consulta, com frequência, seu dicionário de bolso, para decifrar palavras de textos utilizados em sala de aula. Pensei comigo: qual a reação geral, se, porventura, ele, ao ter que escrever uma redação falando de seu amor pelas crianças (os asiáticos parecem gostar e respeitar muito as suas crianças), colocar nela um título igual ou parecido com o desta crônica?

Será considerado um bárbaro, no sentido original da palavra, até prova em contrário: corre risco de ser mal interpretado.

Sei que, se descemos à raiz das palavras, elas, frequentemente, dizem o oposto do que imaginamos, como, por exemplo, em japonês, a palavra crise é o mesmo que oportunidade. Mas insisto em que sejam criadas novas palavras que substituam pedófilo e pedofilia.

Sabemos que “palavras, afinal, são feitas apenas de ar” e que elas carregam sempre uma dubiedade: o que é bom para enriquecer produções literárias e nossa Língua Portuguesa.

Mas quero, exijo dos lexicógrafos outra palavra que passe a identificar a prática dos que abusam sexualmente de crianças e jovens, a conduta daqueles que “gostam” de crianças de uma forma tão terrível e aviltante como define o Dicionário Houaiss: “perversão que leva um indivíduo adulto a se sentir sexualmente atraído por crianças ou prática efetiva de atos sexuais com crianças”.

Como José Castello, em “Fantasma”, eu diria para o meu amigo que “é sempre mais prudente duvidar das palavras: as palavras são mesmo perigosas” .

E Nem Perceberam

Correu pela Internet um texto de José Saramago, lido no encerramento do Fórum Social Mundial e que ganhou muito destaque na mídia.

Ele conta, em brevíssimas palavras, um fato notável da vida camponesa, ocorrido numa aldeia dos arredores de Florença há mais de quatrocentos anos, quando um homem, num certo dia, ocupa o lugar do sineiro e toca o sino a finados, sem motivo aparente de morte na aldeia. Ora, não sendo esse o homem encarregado de tocar habitualmente o sino, compreende-se que os vizinhos lhe tenham perguntado onde se encontrava o sineiro e quem era o morto. “O sineiro não está aqui, eu é que toquei o sino”, foi a resposta do camponês. “Mas então não morreu ninguém?”, tornaram os vizinhos, e o camponês respondeu: “Ninguém que tivesse nome e figura de gente, toquei a finados pela Justiça, porque a Justiça está morta”.

No decorrer das últimas semanas, acompanhei, pasmado, a discussão pública e agressiva travada por duas instituições de ensino de Ribeirão Preto, no sentido de provarem, aos seus leitores estarrecidos, com qual delas estava a verdade com relação ao aluno (ou alunos) aprovado em primeiro lugar no ENEM 2001.

Para quem não sabe, o ENEM é um instrumento de avaliação voluntária, que o Ministério da Educação coloca à disposição das universidades, escolas técnicas, empresas e sociedade em geral.

Em tempo, foi publicada uma “nota de esclarecimento” do Ministério da Educação e do “Governo Federal”, alertando a população de que a polémica criada na imprensa de Ribeirão Preto em torno do primeiro colocado no ENEM 2001 diminui um fato louvável: o fato de que somente 4 jovens obtiveram a

nota máxima na prova objetiva, o que merece os cumprimentos e admiração de toda a sociedade. Alertou, ainda, que a população de Ribeirão Preto não se deve deixar levar por uma batalha publicitária que em nada contribui para a elevação da qualidade da Educação neste País, a qual é o objetivo da sociedade brasileira, do Ministério e do ENEM.

Nada é pior do que presenciar uma discussão. Se for uma discussão entre dois educadores, na frente de seus educandos, pior ainda. Então, o que falar sobre uma discussão entre duas instituições de ensino?

A discussão pública entre Jader e Barbalho e Antônio Carlos Magalhães todos sabemos como acabou: perderam ambos.

Será tão importante destacar somente aqueles que tiram o primeiro lugar?

O que significa o primeiro lugar? Seriam futuros bons líderes? Seriam futuros bons exemplos? Seriam futuros bons cidadãos?

Osama Bin Laden e o Juiz Lalau devem ter sido sempre os primeiros em suas respectivas atividades, mas nunca foram, e nem serão, exemplos de seres humanos.

A péssima lição extraível do episódio salta aos olhos. Não morreu ninguém que tivesse nome e figura de gente, mas eu gostaria de tocar a finados pela Educação, porque a Educação está morta.

Educadores: Guerreiros da Luz

Toda novela tem uma escola, e “Cama de Gato” tem a sua, onde estuda Tarcísio (Heslander Vieira) e que, diariamente, traz situações do cotidiano escolar.

Paulo Coelho diz, em um de seus artigos: “Um guerreiro da luz não adia suas decisões”.

Ele reflete bastante antes de agir. Considera seu treinamento, sua responsabilidade e seu dever para com as pessoas que ama. Procura manter a serenidade e analisa cada passo como se fosse o mais importante.

Entretanto, no momento em que toma uma decisão, o guerreiro segue adiante: não tem mais dúvidas sobre o que escolheu, nem muda de percurso se as circunstâncias forem diferentes do que imaginava.

Tudo que faz é adaptar-se ao caminho, às vezes agindo com a solidez de uma rocha, às vezes deixando-se levar como as águas de um rio que sabe aonde vai.

Se sua decisão foi correta, vencerá o combate — mesmo que dure mais do que o previsto. Se sua decisão foi errada, ele será derrotado e terá que recomeçar — com mais sabedoria. Mas um guerreiro da luz, quando começa, vai até o fim”.

Num final de ano, nós, educadores, constatamos o quanto temos de guerreiros da luz no decorrer do ano letivo.

É muita responsabilidade atirada em nossas mãos pelos pais e a sociedade. Tudo é dever da escola: ensinar o conteúdo programático e normas de conduta, ditar limites, cobrar tarefas e trabalhos escolares, fazer cumprir horários, lembrar compromissos, e muito mais.

E tudo isso tendo que manter a serenidade. Qualquer gesto mais abrupto, qualquer palavra mais áspera ou mesmo uma

aparente indiferença levada pela quantidade de atividades a serem desenvolvidas em curto espaço de tempo são suficientes para as mais contundentes críticas e reclamações eivadas de insinuações tão maldosas quanto inconsistentes.

É impressionante a quantidade de momentos vividos anualmente, em que um educador tem que manter o percurso por ele estabelecido, ficando pé nos valores morais e éticos em que acredita, diante de pressões exercidas por aqueles pais que veem nos professores de seus filhos simples babás de luxo ou bedéis diplomados.

Fica difícil o estar entre a rocha e o rio: rocha, para manter a disciplina, o respeito dos alunos, e, ao mesmo tempo, rio, para se deixar levar pelos laços de carinho, amizade e até de amor que se constroem em tantos momentos de íntima relação mestre e discípulo.

Como é descomunal a íntima cobrança de não poder errar, e ter que, ao decidir-se, ir até o fim, mesmo que isso, muitas vezes, signifique perder o emprego, perder alunos, sofrer agressões de pais, ouvir ameaças veladas e sentir o desprezo injusto de jovens insatisfeitos.

Já perdi emprego em colégios porque denunciei abusos de diretores contra alunos e professores, já perdi emprego porque resolvi combater bons combates, já perdi meu emprego para que outros colegas continuassem com os seus, já perdi emprego porque colegas não conseguiam acompanhar meu ritmo de trabalho, mas nunca perdi um emprego sequer por irresponsabilidade, falha de conduta, desrespeito ao meus superiores, alunos e colegas.

Sempre paguei um alto preço por saber o que estou procurando, por buscar ser guerreiro da luz e não adiar minhas decisões e, assim, chega sempre mais um final de ano em que os que foram aprovados o foram por esforço próprio, e os reprovados o foram pela escola e pelos erros dos educadores.

Os agradecimentos são cada vez mais escassos e, na maioria das vezes, nem chegam, mas as críticas e acusações são suficientes para, lançadas ao fogo, manterem acesa a chama do servir, sempre.

Engolindo Sapos... e Baratas.

*“Vi ontem um bicho / Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos”.*

Manuel Bandeira

Recentemente, li, no site G1, a seguinte notícia:

“Por que esperar na fila quando você pode comer uma barata?”. Essa é a pergunta que o parque de diversões Six Flags Great America está fazendo a caçadores de desafios durante sua festa baseada no Halloween, a FrightFest. O parque está desafiando clientes a comerem uma barata de Madagascar viva, em troca de ilimitados cortes em filas, ou seja, quem comer não terá que esperar mais para entrar no parque ou nas atrações.

A promoção, que deixou os funcionários do Departamento de Saúde do Condado de Lake arrasados, começou no dia 7 de outubro. Qualquer um que mastigar toda a carnuda barata, que mede de duas a três polegadas, consegue passes-livres para quatro pessoas entrarem na frente das filas de percurso durante o dia 29 de outubro.

Funcionários do parque insistem em que é seguro comer as criaturas rastejantes, mas servidores de saúde alertam os participantes de que consumir baratas vivas pode aumentar riscos de doenças gastrintestinais e alergias, segundo Bill Mays, o diretor do Departamento de Saúde do Condado de Lake”.

Em um parque famoso de diversão, aqui no Estado de São Paulo, podemos furar a fila, adquirindo, a preços salgados, um passaporte que dá esse direito ao portador, passando ele à frente daqueles que só (sic) pagaram o ingresso — que também não é barato para os padrões da maioria da população brasileira — fazendo engolir esse sapo aqueles que não

possuem melhor condição financeira.

Também eu soube de um caso em que um grupo de jovens estudantes desafiou um colega a comer restos de comida do chão, mesmo já tendo sido pisoteado e cuspido o referido alimento: e o desafiado comeu restos para ganhar alguns trocados.

O que espanta é que, em todas essas ocasiões, em todos esses casos, sempre esteve presente uma plateia silenciosa, calada, e, até certo ponto, curiosa e conivente.

Que mundo cão esse em que, mais do que nunca, o homem é o lobo do homem, mesmo que tudo ocorra de forma travestida, sob um manto de modernidade, de vale-tudo?

Não existe mais empatia, não existem valores, não existe mais a salutar prática de se colocar no lugar do outro, não existe mais o respeito, em todos os sentidos, o altruísmo é moeda rara de troca entre os seres humanos, o que vale é poder se divertir, mesmo diante da fraqueza, da miséria e da desigualdade humana: vale a antropofagia.

Mas é preciso se fazer alguma coisa.

Pensando nos versos de Bandeira, eu diria: não somos cães, não somos gatos, não somos ratos, afinal de contas, meu Deus, somos homens!

Entre o Sistema Límbico e o Córtex Frontal

Entre a ativação do sistema límbico — no interior mais primitivo do cérebro, após os pais de um aluno receberem as notas do boletim ao final do semestre — e o início do funcionamento do córtex pré-frontal — região fundamental para a racionalidade — está a sala do Orientador Educacional, onde alguns poucos (felizmente) pais, furiosos, com o fluxo de sangue aumentado, com hormônios liberados, em especial a adrenalina, ritmo cardíaco acelerado e temperatura elevada, descarregam toda a sua raiva numa explosão de fúria incontrolada e mais agressiva do que o som de vuvuzelas.

Dependendo do acervo ético, legal, moral e religioso, ou seja, da cultura dos pais, a explosão desproporcional ou fora de hora não resiste a um diálogo adulto e sem preconceitos, pois é sabido que uma boa conversa, depois que a raiva foi posta sob controle, pode revelar que não havia motivo real para irritação: nem tudo o que parece injusto e motivo da raiva de fato o é.

Nos dez a quinze minutos em que o Orientador sofre todo o tipo de insultos, insinuações, agressões verbais e ameaças físicas — porque os pais querem ouvir o de que gostariam, e não o que temos a dizer — o córtex desses pais recebe mais sangue, a atividade dele aumenta, ele começa a interagir com o sistema límbico para controlar racionalmente a raiva, até que a diretora tome conhecimento dos fatos, dado o clima de tensão criado.

Resta ao Orientador respirar fundo, controlar-se dentro do possível (e às vezes do impossível), entendendo que o sentimento de raiva sempre vem do próprio indivíduo furioso, não dos outros, embora seja aos outros que os descontrolados atribuem as causas do conflito: a grande maioria projeta para a realidade

o que está em seus pensamentos, superestimando eventos e colocando, na boca de seus interlocutores, palavras que não foram ditas.

É importante frisar que a conversa com a direção do Colégio, após os desaforos atirados sobre o Orientador, é bem diferente e em outros níveis, tendo em vista a ação do córtex pré-frontal (quando ele é saudável).

Mas, durante o tempo gasto pelo organismo, entre a ativação do sistema límbico e o funcionamento do córtex, muitas são as pérolas atiradas para todos os lados: “pago a escola para não ter reclamações e nem problemas com meu filho”, “nesta escola são todos mentirosos e estão perseguindo meu filho”, “meu filho nunca teve problemas antes de vir para esta escola”, “isso não vai ficar assim, vou pegar você qualquer hora”, “se meu filho for punido, vou à Justiça procurar pelos meus direitos”, “pela lei, meu filho não pode e não será reprovado”.

Talvez por esses e outros motivos é que temos notícias na mídia de coletores de lixo que agrediram crianças mal educadas que os ofenderam chamando-os de fedidos, na zona Norte de Ribeirão Preto; ou da professora que está sendo crucificada porque prendeu um menino à cadeira da classe, em Brasília.

O intrigante, se não revoltante, é que ninguém pergunta, antes de defender seus “direitos”: como será o comportamento desses anjinhos nas suas relações com superiores e colegas, na sala de aula, nas excursões da escola, no clube recreativo?

Hoje, crianças de cinco, seis anos chutam professoras, falam palavras, mentem, deturpam informações, fazem vítimas de bullying seus colegas de sala, furam pneus ou danificam a lataria dos veículos de seus professores, orientadores e diretores: e alguns pais, que não dedicam aos filhos o tempo necessário para lhes dar uma boa formação, ética, moral e religiosa, defendem a ideia de que a escola é que deve adaptar-se aos seus filhos e não o inverso.

Tudo normal, segundos alguns, que acreditam no fim dos tempos que antecederem dezembro de 2012.

Entre os Muros da Escola

“É por meio da gravata que o homem se revela e se manifesta”

Honoré de Balzac

Quando chega o crepúsculo de uma sexta-feira, deixo minha sala de Orientador Educacional e percorro, quase que num ritual semanal, os longos corredores do meu colégio até chegar ao estacionamento, densamente arborizado e que acolhe saguis e pássaros de diversas espécies, que me recebem com seus cantos embalando um sentimento profundo de dever cumprido.

É como sair, ao final de cada semana, de um filme, uma longa e apaixonante película real.

E foi talvez por isso que, ao tomar conhecimento, lendo jornais, da existência de um livro, “Entre os muros da escola” — romance de François Bégaudeau , autobiográfico, que originou o filme de Laurent Cantet, Palma de Ouro no Festival de Cannes no ano passado — resolvi ler a obra que já vendeu 170 mil exemplares na França.

Pensei comigo: se esse é um livro que trata de problemas originados pela diversidade de linguagens e universos, espelhando os conflitos de qualquer sala de aula do mundo, de comportamentos excedidos de professores, funcionários e alunos, dificuldades individuais e sociais de integração recorrentes em cidades cosmopolitas e miscigenadas, dentre uma série de outros assuntos, então é um livro que fala da minha realidade, não importando se em Paris ou em Ribeirão Preto.

E assim pude, em dois dias, nas 260 páginas que contam a história de um professor de Francês, em Paris, encontrar dificuldades e problemas comuns entre as duas escolas.

Pude reencontrar alguns de meus professores em Bastien, Luc, Giles, Chantal, Fracois, Julien, Line, Léopold, Rachel, Sylvie, Revi, em Dico, Frida, Souleymane, Amar, Djibril, Sandra, Hinda, muitos dos alunos que passam diariamente pela minha sala.

Comparei, refleti, questionei posturas deles, alunos e professores franceses, do diretor Pierre e dos coordenadores Christian e Serge: os problemas, aqui e lá, são quase iguais, porque aqui não implicam diferenças raciais e étnicas, por isso as soluções na minha escola são diferentes por implicarem resolver diferenças de criação, de formas de convivência familiar, de maneiras diversas de ver a Educação por parte do Colégio e dos pais de alunos.

Na escola de Bérgaudeau, os alunos, suas ideias e posturas são identificados pelas suas camisetas e pelas mensagens nelas divulgadas. A dificuldade de comunicação vem da diversidade de línguas e dialetos, a reciprocidade de tratamento é questionada pelos alunos, e o senso de justiça está à flor da pele dos adolescentes. Entre os professores, as mesmas queixas, os mesmos comentários de qualquer sala de professores sobre turmas e alunos-problema, enfim, as dificuldades de uma profissão que está constantemente educando no presente, com fórmulas do passado, tendo em vista um futuro que se desconhece, e o desencontro de gerações.

Aqui, com o uso de uniformes, as diferenças se constroem pelo corte de cabelo, grife do tênis, marca do celular, uso ou não do brinco, boné, óculos — já que não se usa mais a gravata. A dificuldade de comunicação, em alguns momentos, é pela falta de leitura e vocabulário por parte de crianças e adolescentes, criando, às vezes, situações até cômicas devido à interpretação de palavras utilizadas por algum professor mais, digamos, culto.

Enfim, ler "Entre os muros da escola" é como ver-se em vídeo, em diversas e múltiplas situações, e permite refletir ao fazer rever situações de sala de aula: vale a pena para quem, como eu, ama o que faz, e até no lazer diverte-se com temas vinculados à Educação.

Espírito da Lei ou de Porco?

Em artigo intitulado "Resultados desanimadores", o diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) pergunta: "Qual o futuro profissional que podem esperar esses milhares de jovens que ainda apresentam deficiências na habilidade de organizar informações para tomar decisões e enfrentar problemas, competência avaliada no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e que teve a menor média nacional?".

Eu respondo: possivelmente medíocre.

Após a publicação da deliberação CEE, no. 11/96, que dispõe sobre pedidos de reconsideração e recursos referentes aos resultados finais de avaliação de alunos do sistema de ensino de 1º e 2º graus do Estado de São Paulo, regular e supletivo, público e particular, passou a ser impossível a reprovação de um aluno.

No seu artigo 1º, parágrafo 2º, a exigência de apresentação, juntamente com todos os demais documentos, de uma ficha denominada "Ficha Individual de Avaliação Periódica" (Art. 1º, § 2º) — Art. 1º, § 4º - constitui documento indispensável para decisão do recurso pela autoridade responsável — obrigatoriamente assinada por responsável pelo aluno, é a pedra irremovível no caminho das instituições de ensino que querem dar um mínimo de moralidade ao processo de promoção dos educandos. Vejamos, pois.

O "responsável" matricula seu filho no início do ano. O jovem não faz as tarefas, não participa convenientemente das aulas, não apresenta trabalhos, atrasa-se para as primeiras aulas, sai antes das últimas, e obtém, é óbvio, conceito não suficiente no boletim, em todas as disciplinas. O "responsável" não vai ao colégio apanhar o boletim, alegando falta de tempo: e isso nos quatro bimestres, apesar de telefonemas da coordenação, avisos

por escrito que voltam assinados não se sabe por quem, etc. No final do ano, se a mencionada ficha individual não estiver assinada, nada feito. O “responsável” que só descobre que tem filho ao final do ano, quando ele já está retido, resolve aparecer, reclama na Delegacia de Ensino e pronto: seu filho está aprovado para a série seguinte, com uma documentação tão isenta de qualquer anotação sobre o ocorrido quanto a de qualquer outro considerado excelente aluno. Qualquer menção quanto a essa forma gauche de aprovação desse aluno relapso é tida pela lei como discriminação.

Essa é a mesma lei que permite aos admiradores de José Dirceu saírem dizendo por aí que ele é inocente porque não existem provas, isso apesar de ele ter sido considerado culpado por 13 votos a 1 no Conselho de Ética: querem que os acusadores encontrem um documento, assinado pelo acusado, confirmando seus delitos? Da mesma forma, alguém acha que um “responsável” vai se dirigir periodicamente ao colégio do seu filho para assinar sua ficha de futura condenação?

Assim, de forma legal, mas não moral, apoiados pela irresponsabilidade de pais que nunca têm tempo para a vida escolar de seus filhos durante o Ensino Fundamental e Médio, mas que se utilizam da lei para jogarem o problema da incompetência do filho para os anos seguintes, ajudam a formar médicos e advogados de porta de cadeia, dentre outros prédios e profissionais que infestam o país, tendo em vista que o nível de formação nas universidades acaba sendo atingido também pela formação de péssimos docentes oriundos desse triste cenário em que aprovar é preciso, estudar não é preciso.

Esse é o resultado da aplicação, por parte daqueles que dirigem os destinos (já previsto tristes) da nossa Educação, do chamado e decantado espírito da lei — ou seria espírito de porco? — que permite a um aluno, por exemplo, retido em um estabelecimento de ensino, mesmo com a existência de fichas

assinadas e outros documentos assinados pelos pais, possa ser avaliado por outro estabelecimento de ensino — Decreto Lei 497 / 99 de 19/11 — “quando o aluno, já cursando a escola, se acha preparado para avançar uma série, ou por ter reprovado em poucas disciplinas, ou por não concordar com a avaliação, ou ainda simplesmente porque sente que pode - em todos esses casos ele poderá ser reclassificado” — que, considerando-o competente, poderá matriculá-lo na série seguinte, ou seja, aprovar a qualquer preço ou risco, tendo em vista que, quando o aluno sentir vontade de aprender, ele sempre terá possibilidade de fazê-lo, não importa se com trinta, quarenta ou sessenta anos: é mole?

Nada vale, nesses casos, o trabalho exaustivo de professores, coordenadores, orientadores e direção durante todo um ano letivo, mas é preciso continuar a exercê-lo, pois está comprovado que, quando os pais e escola formam uma parceria e trabalham o ano todo preocupados com a vida escolar do aluno, ele, com raríssimas exceções — casos de dificuldades inerentes a problemas de saúde ou sérios problemas de relações familiares — será aprovado ao final do ano e com um cabedal de conhecimentos necessários e suficientes para um bom desempenho em seu futuro profissional.

É preciso mudar nossa realidade educacional a fim de tornar possível venceremos os desafios inerentes ao desenvolvimento.

Fabricando Psicopatas

*“Mas eu prefiro abrir as janelas
pra que entrem todos os insetos”*

Chico Buarque

A tela da TV e o monitor do computador são janelas para o mundo: e foi debruçado nessas janelas que vi um mundo transformado em fábrica de psicopatas.

Essa realidade pode facilmente ser constatada quando pensamos, por exemplo, nas características da maioria dos poderosos — na política, nos negócios, nas religiões, nos movimentos nacionais e internacionais: são frios, egocêntricos, sem remorsos, insensíveis, sem sentimentos altruísticos e compaixão, não sentem remorsos, geralmente são inteligentes, mentirosos, manipuladores e não conseguem se enquadrar nos padrões éticos e morais da sociedade; vivem para satisfazer seus próprios desejos, mesmo que, para isso, tenham que desfalcar uma empresa ou matar alguém, não têm alucinações ou delírios, e sabem distinguir o certo do errado. O que os caracteriza é um defeito de caráter: para um psicopata, cortar uma pessoa ou um pedaço de barbante é a mesma coisa, diz, na revista *Época*, o neurologista Ricardo de Oliveira.

Agora vejamos na maioria das situações encontradas em nossa realidade escolar, reflexo dessa sociedade.

Pais, egocentricamente, achando que, no colégio, seu filho é o único aluno e que tudo deve girar em torno de seus desejos e expectativas, sendo os demais simples coadjuvantes.

Alunos que são surdos aos apelos no sentido de participarem de movimentos altruístas, e que se divertem friamente, sem remorsos, sem compaixão, com as deficiências

de seus companheiros de turma: é o bullying um mal que assola de forma endêmica as relações sociais.

Crianças, em tenra idade, e, conseqüentemente, jovens, mentirosos e manipuladores, que não conseguem se enquadrar nos padrões éticos e morais da sociedade porque a maioria dos lares está em pedaços, e a formação inicial deles é um mosaico incompreensível de “sim” que pode ser “não” e “não” que pode ser “sim”, e que, com birras e chantagens emocionais, buscam e quase sempre conseguem satisfazer seus próprios desejos, mesmo que, para isso, tenham que bater nos pais, criar problemas no colégio, ameaçar se drogar ou fugir de casa. Na maioria dos casos, apresentam sérios defeitos de caráter que os pais insistem em não ver, buscando calar esses efeitos com remédios, dinheiro e permissividade total.

Nos pátios e nas salas de aula, não são incomuns crianças e jovens que se agridem, se empurram, trocam tapas e pontapés, ofendem-se com palavras e machucam-se como se pessoas e bonecos de pano fossem a mesma coisa: tudo é, para eles, uma grande brincadeira. A empatia, que permitiria a cada um se identificar com o outro, colocar-se no lugar do outro, quase já não existe: é cada um por si, e cada um sentindo-se só na multidão psicopática.

E o pior: a grande maioria prefere não olhar pelas janelas, e outros tentam, a todo o custo, fechá-las, fazendo como o avestruz que nega a realidade, como diz a lenda, enfiando a cabeça num buraco.

Famílias com Fome

Famílias não são somente aquelas tradicionalmente formadas por pai, mãe e filhos: são também aquelas formadas por grupos de pessoas que se unem, ou são unidas, por não terem as suas próprias famílias.

Os asilos, as creches, as instituições de amparo aos mais diversos tipos de necessitados também são famílias especiais cujos membros, não fosse a ajuda da comunidade, também passariam fome.

Muitos pais ainda acham que gincana é perda de tempo porque não conhecem os resultados obtidos por essa atividade desenvolvida, anualmente, pelos alunos do colégio Anchieta/Objetivo.

Um resultado, sem dúvida nenhuma, é a quantidade de arroz e feijão arrecadada: algumas toneladas no decorrer desses últimos quatro anos.

Terminada a tarefa (arrecadação), os amigos Djair Feccini e Dr Panazzolo, do Rotary Club Campos Elíseos, entram em contato com as instituições beneficentes de Ribeirão Preto e, sempre, em torno de vinte ou mais delas são agraciadas com os alimentos obtidos com o trabalho de alunos e pais durante uma semana.

Quem tem a oportunidade de participar dessa distribuição recebe, do brilho dos olhos e das palavras de agradecimento e carinho dos abnegados que vão buscar os alimentos, uma força redobrada e incrivelmente propulsora para realizar a tarefa no ano seguinte; para algumas crianças e idosos, aquele alimento será o único do dia!

Gandhi dizia: "Deus responde à prece à sua própria maneira, não à nossa": o alimento, para alguns, segundo suas

próprias declarações, enquanto recolhiam os pacotes que lhes eram devidos, era a forma de resposta às suas preces naquele momento.

Ganharam todos que participaram.

Perderam os que não participaram. Perderam os que só criticaram. Perderam os que trouxeram alimentos, mas que, por ter terminado o prazo dado pelo regulamento da gincana, levaram o alimento de volta para suas próprias casas. Perderam os que, tendo amigos, não os conclamaram para a doação. Perderam os que não aproveitaram o momento para mostrar aos seus filhos as graças que podemos alcançar com o simples gesto de SERVIR.

Gaiola de Loucos

Na Índia, segundo um artigo de Salman Ruhdie, "O assassinato de crianças é uma especialidade indiana, por assim dizer. Os assassinatos cotidianos de bebês indesejados, do sexo feminino, o massacre de inocentes em Nellie, Assam, na década de 80, quando povoados se voltaram contra povoados vizinhos, o massacre de crianças sikhs em Nova Déli, durante as pavorosas chacinas de represália que se seguiram ao assassinato de Indira Gandhi: todos esses casos são testemunhos de nosso dom especial, que sempre se evidencia com mais brilho em épocas de agitação religiosa, para encharcar nossas crianças de querosene e lhes atear fogo, ou para cortar seus pescoços, sufocá-las ou simplesmente matá-las a golpes de um bom pedaço de pau"

De Londres, vem uma notícia: "A Escócia proibiu a caça à raposa, enquanto o Parlamento britânico continua evitando abolir essa atividade, que gera controvérsias e polémicas há mais de uma década. Com essa medida, a Escócia torna-se a primeira região do Reino Unido a proibir essa prática. A caça à raposa, popular entre a nobreza, mas rechaçada pelos defensores do meio ambiente e dos direitos dos animais, é uma das atividades preferidas pela família real, praticada assiduamente pelo príncipe Charles e por sua companheira Camilla Parker-Bowles".

Poupamos animais, mas continuamos a matar crianças!

No Brasil, criticamos a quantidade exagerada de feriados, principalmente as famosas "esticadas" quando o feriado cai numa quinta-feira. Recentemente, no Rio de Janeiro, a crítica nos meios de comunicação atingiram até o pseudossanto, São Jorge, que ganhou um feriado especial. Alguns acham que, por isso, não vamos a lugar nenhum e continuaremos terceiro-mundistas.

Já no Japão, primeiro mundo, uma nação conhecida como

workaholic (compulsiva por trabalho), a mais recente proposta feita como remédio contra sua pior crise econômica do pós-guerra é, surpreendentemente, aumentar o número de feriados nacionais!

Qual será o caminho a ser seguido: Tóquio ou Brasília?

Então, um advogado e ex-juiz, em Belém do Pará, “mata”, com cinco tiros de um revolver Taurus, calibre 38, um “inocente” computador, da Delegacia de Mariba, acusando-o, veementemente, de má condução do inquérito instaurado para apurar a invasão de um condomínio evangélico para o qual trabalhava: “o computador está do lado da bandidagem”, disse ele.

Até o computador já optou pelo outro lado, não bastassem algumas autoridades, alguns “notáveis”, alguns políticos, alguns delegados, alguns fiscais, alguns padres, alguns bispos, alguns, alguns ...

Os valores, se é que ainda perduram, estão de cabeça para baixo: o mundo se transformou numa gaiola de loucos.

E, assim, sem saída evidente, sem futuro, sem caminhos, sem objetivo, sem uma luz no fim do túnel, indecisa, sem alguém ou algo para se ter como modelo, a juventude e os adultos mais fracos que não têm uma base social e religiosa estruturada e sólida drogam-se, transformando-se em clones/zumbis , tão em evidência nas telas da Globo.

Talvez o caminho esteja nas palavras de Chaplin: “Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será violência e tudo estará perdido”.

Habemus Biblioteca

Trabalho num colégio que acaba de completar 30 anos de existência, e, dentre seus pontos de maior agitação, está a sua biblioteca: uma casa de Irene onde os jovens e crianças se encontram e se distribuem, em grupos ou individualmente, para ler, fazer trabalhos escolares, pesquisar via Internet, utilizar CDs educacionais (acervo multimídia), atualizar-se por meio de jornais e revistas (locais e de circulação nacional), divertir-se com histórias em quadrinhos.

Nossa biblioteca tem, em seu acervo, coleção didática e paradidática que busca refletir os programas de estudo e de currículo adotados na escola, cumprindo, assim, sua parcela de responsabilidade no processo ensino-aprendizagem: e tudo sob o olhar atento de uma funcionária — Bacharel em Direito, que orienta, sugere, indica, busca e supre as necessidades dos frequentadores e que mantém a ordem e a disciplina mínima para o bom andamento desse espaço escolar.

Uma bibliotecária, portadora do devido CRB, orienta, quando necessário, os trabalhos de organização e administração desse local, que conta com um programa digital de controle de acervo e um espaço cultural para exposições das diversas artes produzidas por nossos educandos sob a orientação de docentes que sabem, e o fazem com frequência, como utilizar o potencial educacional desse ambiente de descontração e acolhimento, cientes da importância da pesquisa escolar como processo de busca e ferramenta prioritária para adoção de novos paradigmas: conscientização de que os alunos vivem em uma sociedade onde a abundância de informação traz a necessidade de selecionar, coletar, explorar e avaliar as informações.

Sabemos que, em geral, inexistem políticas na área da

Educação, programas definidos de implantação e implementação de bibliotecas escolares. Sabemos que, segundo dados estatísticos (texto de Cássia Furtado: A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação) sobre educação no Brasil, apontados no Livro Verde (IBICT,2000), somente cerca de 25 % das escolas da rede pública possui biblioteca e sabemos, também, que, para uma rede escolar constituída por mais de 220.000 escolas, o número de bibliotecários formados não ultrapassa 25.000.

E foi diante desse quadro que recebi a visita de uma representante do CRB – Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª. região: pela primeira vez, em mais de dez anos.

E ela queria conhecer a nossa biblioteca e saber como ela funciona, se é registrada no CRB, e se tínhamos uma bibliotecária cujas competências estivessem de acordo com Leis, Decretos, resoluções, 4084, 56725, 9674, 033...

Advogado do diabo, eu perguntei: e se não tivermos?

E a resposta foi: vamos sensibilizar e orientar os responsáveis pelo colégio sobre a importância da biblioteca escolar.

Respondi: e se o colégio não quiser ou não tiver possibilidade de atender às suas orientações?

Ela respondeu: será aplicado ao colégio o que estabelece a legislação em vigor.

Concluí: então, de acordo com o CRB, que a senhora representa, pouco importa se uma biblioteca funciona ou não, pouco importa se os alunos estão tendo oportunidade de ler ou não: o mais importante é que a biblioteca e a profissional estejam registradas no CRB — ou seja, a garantia de arrecadação de taxas e outras cobranças mais.

E eu me pergunto: quantas escolas públicas, em 2009, já foram visitadas por representantes desse conselho? Quantas bibliotecas foram criadas em Ribeirão Preto, por ações objetivas

desse conselho? Quantas bibliotecas estão deixando de ser criadas, ou fechando, devido a essas cobranças legais, incompatíveis com nossa realidade escolar?

Participei, na época de Galeno Amorim, na Secretaria da Cultura, do processo de criação de oitenta bibliotecas — inclusive tenho meu nome divulgado em uma delas — coordeno uma delas num clube recreativo e colaboro, quando solicitado, com doações para diversas pequenas bibliotecas coordenadas por abnegados que, distribuídos por nossa cidade, estão pensando, primeiramente, em dar condições de acesso ao livro ao maior número possível de leitores para, só depois, impor condições legais ao funcionamento delas, imposições essas que têm como objetivo imediato garantir empregos a uma determinada categoria.

Acredito que, quando suficientes forem as bibliotecas existentes, e realmente for fundamental a utilização de profissionais formados em universidades, para que elas desempenhem seu papel social, não haverá necessidade desse tipo de achaques.

Habemus biblioteca em nosso colégio, e sem ajuda alguma de governo ou de qualquer tipo de conselho: deixem trabalhar as escolas.

E que tal o CRB movimentar-se junto ao Governo Federal para que os ministérios da Educação e Cultura criem novas bibliotecas e destinem verbas para alocar um bibliotecário profissional para cada uma das bibliotecas existentes no país?

Herança Maior

“O pai morre, é como se não morresse porque deixa depois de si alguém semelhante a ele”.

Eclesiástico 30,4.

No final de ano, o pior momento de um Orientador Educacional é aquele em que dá a notícia da reprovação de um aluno aos seus pais.

É constrangedor porque, quase sempre, a expressão do pai ou responsável é de desespero: desespero por sentir que não fez a sua parte, em geral, por falta de tempo.

Mas o desespero imediato logo dá lugar a uma tentativa de justificar a reprovação, de encontrar um culpado, de encontrar motivos.

As tentativas vão desde oferta de dinheiro para a direção do colégio relaxar a reprovação, até a ameaça de contratação de advogados para defenderem, na marra, a aprovação do filho, passando por procura de apoio da Delegacia de Ensino, de políticos influentes e do Bispo.

Existem aqueles que imediatamente procuram na escola os erros que levaram à reprovação de seu filho: a escola não deu os avisos, a escola não comunicou as ocorrências, a escola não fez reuniões em quantidade suficiente, a escola não deu a devida atenção ao filho que sofre de distúrbios de comportamento ou do famoso déficit de atenção.

Mas, feitos os levantamentos da vida escolar do aluno, constatamos que esses pais não foram às reuniões marcadas, não foram buscar os boletins de seus filhos no momento oportuno (mandaram bilhetes justificando ausências por falta de tempo),

não se preocuparam em forçar seus filhos a assistirem aos plantões de dúvidas e a participarem das atividades semanais das oficinas psicopedagógicas: enfim, todos são culpados, menos os pais, pois, afinal de contas, fizeram a sua parte pagando o colégio em dia.

Num dos casos excepcionais, um pai de filha reprovada teve, como primeira frase, logo após a desagradável notícia, o seguinte: nós, os pais, somos os únicos responsáveis pela reprovação de nossos filhos, e, por isso, não posso castigá-la e temos muito que conversar em casa.

Isso me fez lembrar o versículo quarto, do capítulo 30, de Eclesiástico: "O pai morre, é como se não morresse porque deixa depois de si alguém semelhante a ele."

Os pais, na sua maioria, não conseguem entender que seus filhos são o resultado de seus exemplos, de suas práticas, de suas ideias, de seus comportamentos, de seus ideais: e têm medo de impor limites, de exigir o respeito às normas e às leis, e de contrariá-los em quaisquer de seus desejos.

Mesmo o Cristo, Filho de Deus, se lermos com atenção o Novo Testamento, vamos notar o quanto dele e de suas posições como homem foi originário dos exemplos de seu pai, José, um trabalhador incansável e pai de família exemplar.

"Aquele que ama seu filho usará com frequência o chicote (verbal). Aquele que educa seu filho terá nele motivo de satisfação".

E educar é, também, e principalmente, acompanhar, dia a dia, a vida escolar de seus filhos.

Humanos Pinguins Papua

Há um tempo eu assistia a uma reportagem na rede Globo que mostrava, dentre outras atividades do pinguim papua, a sua destreza em roubar pedrinhas dos ninhos alheios a fim de enriquecer o seu, tendo em vista conseguir cativar as fêmeas de sua espécie.

No mundo do pinguim papua — que tem o nome científico *Pygoscelis papua*, e que recebeu o nome de “gentoo” pelos habitantes das ilhas Falklands (Malvinas) — um macho com recursos é um macho com sucesso, ou seja, quanto mais pedras um pinguim tiver, maior a proteção que ele vai poder dar ao ninho dos filhotinhos, e, assim, deixar sua fêmea feliz e satisfeita: é uma questão de sobrevivência.

Nos últimos tempos, tenho notado entre nós um aumento de papuas humanas: é só você se distrair e pequenas coisas lhe são furtadas.

É importante frisar que furtar é diferente de roubar. Roubo exige premeditação, e o clepto — como a Haydée, personagem vivida por Cristiane Torloni, na novela da Globo, “América” — age em função da ocasião.

Fatos desagradáveis têm ocorrido, com certa frequência, nas escolas, nos clubes, nas festas: é só você se descuidar e desaparece uma revista, uma caneta, um estojo, dois ou três reais trocados, uma miniatura de pelúcia, um pente, um espelinho.

O sentido de propriedade tem sido esquecido, desפורadamente deixado de lado. Para algumas pessoas, o que é achado não tem dono e nunca teve. Não existe mais a preocupação de se procurar o proprietário de algo perdido. Algumas pessoas, da forma mais natural possível, acham algo e, pasmem, dão-no de presente a outra sem o menor titubeio.

Penso que o primeiro motivo que leva a esse tipo de conduta é a falta de religiosidade, da onipresença do “Olho Que Tudo Vê”, de algo que impeça um ser humano de fazer algo errado mesmo que ninguém esteja vendo. Falta a empatia que permitiria aos papuas humanos se colocarem no lugar do outro, o furtado, e, com base em suas próprias suposições ou impressões, pudessem compreender o que sentirá o próximo ao descobrir-se furtado ou sem a posse do objeto perdido.

Penso ser preciso que os pais fiquem atentos quando perceberem que seus filhos começam a aparecer com objetos que não são seus, porque isso pode, num primeiro momento, ser um sinal de que eles querem alertá-los, por algum motivo, geralmente falta de carinho e atenção.

Na escola, é também importante que os educadores não vejam esse tipo de comportamento como bobagens de criança e façam as devidas advertências, tendo em vista que todos são culpados por cometerem um delito, seja ele qual for, até que se prove o contrário: ficar com algo que não é seu, não tem outro nome: é furto.

Se não quisermos perder na escola, no clube, nas festas, ou em qualquer tipo de reunião social, a liberdade de deixar pequenas coisas sobre a mesa e nos afastarmos por instantes, é preciso que redobremos a atenção em relação aos nossos filhos, alunos, funcionários, conversando com eles sobre direitos e deveres, e explicando a diferença entre tomar emprestado e furtar, entre achar e não encontrar o dono, nem procurar saber quem perdeu determinado objeto.

Não somos pinguins papuas: mesmo que não saibamos, há sempre um “Olho Que Tudo Vê”.

Infeliz Natal

Não gosto do Natal porque não existe Papai Noel para todas as crianças e nem para todos os adultos: muitos o esperam por mais de sessenta anos e nada.

Para os maiores, pelo menos até o Natal de 2002, existe agora um homem barbado, que gosta do vermelho e que distribuirá, em abundância, uma esperança, substituta do medo.

Não gosto do Natal porque, ao final de um ano letivo, de muito trabalho, muitos telefonemas, muitas conversas, muitas cartas, avisos, advertências, suspensões, etc, alguns jovens ainda perdem o ano, são retidos, porque os pais não se preocupam em, juntamente com a escola, sanar suas dificuldades, suas carências, suas necessidades afetivas.

Na grande maioria dos casos, uma simples conversa num final de semana seria suficiente para modificar completamente o comportamento de um aluno. A necessidade de chamar a atenção para si e seus problemas de adolescente levam o jovem a atitudes incompreensíveis para olhos que não conseguem ver o coração. Em geral, a indisciplina é uma forma de pedir carinho, afeto, um momento (ínfimo que seja) de atenção plena — sem a tela da televisão como concorrente.

Pode parecer terrível, mas bons alunos chegam a tirar conceitos abaixo de sua capacidade porque pretendem chamar a atenção de pais ocupados, desatentos, que consideram mais importante dar ao filho a roupa de grife, a motocicleta, a mesada de alguns salários, a viagem ao exterior.

Ao final de cada bimestre, os boletins são levados pelos próprios alunos aos seus pais, exceto quando os conceitos não são satisfatórios: todos os pais são comunicados nesse sentido.

Mas pasmem. Alguns boletins somente são procurados

pelos pais após vários telefonemas, cartas, avisos, e outros, nem assim: recebo um bilhete manuscrito do responsável solicitando que o boletim seja levado pelo próprio aluno porque ele, o responsável, não tem tempo para ir ao colégio.

Os pais não têm tempo para os filhos, e os filhos não terão, no futuro, tempo para os pais: serão abandonados num asilo, às vezes até luxuoso, mas um asilo.

Não gosto do Natal porque não consigo, em trezentos e sessenta e cinco dias, alterar esse círculo vicioso que leva ao desamparo, à solidão, à desesperança.

Não gosto do Natal porque nele renasce, mais uma vez, em vão, um Menino Deus que não consegue tocar o coração dos homens para as verdades mais simples da existência humana, mesmo passados dois mil anos.

Lá e Aqui : Precisamos de um Sarkozy

“Primeiro os deveres, depois os direitos”

Nicolas Sarkozy

Numa dessas noites em que a gente tem um tempinho para ver televisão, recebi um telefonema de uma amigo, maestro e professor, empolgadíssimo com o discurso de posse do presidente francês, Nicolas Sarkozy.

O texto, já traduzido, que me foi enviado posteriormente, também me encantou, especialmente a parte pertinente à Educação.

Sarkozy diz o seguinte: “Não vamos permitir a mercantilização de um mundo onde não há lugar para a cultura. Desde 1968 não se podia falar da moral, impuseram-nos o relativismo, a ideia de que tudo é igual, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, que o aluno vale tanto quanto o mestre, que não se pode dar notas para não traumatizar o mau estudante.

Fizeram-nos crer que a vítima conta menos que o delinqüente, que a autoridade estava morta, que as boas maneiras haviam terminado, que não havia nada sagrado, nada admirável.

Era o slogan de maio de 68 nas paredes da Sorbone: “Viver sem obrigações e gozar sem trabalhar”.

Quiseram terminar com a escola de excelência e do civismo. Assassinaram os escrúpulos e a ética.

Isso não pode ser perpetuado num país como a França, e, por isso, estou aqui. Não podemos inventar impostos para estimular aquele que cobra do estado sem trabalhar.

Quero criar uma cidadania de deveres”.

A partir de agora, quando, no meu trabalho de educador, eu ouvir pais dizerem que a escola não sabe trabalhar com seus

filhos, que não podemos “bater de frente” com os jovens, que repetir o ano poderá causar sérios traumas na personalidade em formação, que despreitar os colegas é parte dos exercícios de um curso de sobrevivência numa sociedade violenta, que os professores são obrigados a ouvir desaforos porque os pais pagam o colégio, que ameaçam mudar de escola caso não esteja assegurada a aprovação ao final do ano letivo, eu pensarei: precisamos de dirigentes que acreditem que primeiro os deveres, depois os direitos, precisamos criar uma cidadania de deveres, precisamos de um Sarkozy,

Laboratório

A escola deve ser o grande laboratório experimental em que os jovens exercitam o ser cidadão.

É no cotidiano do ambiente escolar que os educandos têm a oportunidade de vivenciar situações que, no futuro, enfrentarão, e aprender a resolvê-las.

Para que tais objetivos sejam atingidos é de suma importância que os pais conheçam, detalhada e profundamente, a filosofia de vida e a vida particular das pessoas que mais diretamente mantêm contato com seus filhos na escola porque, em busca de modelos a serem reproduzidos, o grande problema da juventude, hoje, é a falta de cidadãos exemplares cujas atuações possam ser seguidas.

Em geral, os exemplos de pessoas bem sucedidas mostrados pela televisão — cujos sucessos são obtidos, às vezes, por motivos inconfessáveis — e que têm, em determinado momento, suas vidas devassadas, deixam à mostra a base pútrida de riquezas ostensivas ou sucessos relâmpagos.

E, assim, o jovem vai perdendo a motivação para insistir no exercício dos valores maiores que fazem de cada cidadão participante e co-responsável, mas que não permite a ele se destacar na nossa sociedade de consumo.

É, no colégio, nas pequenas ocorrências, o educador deve buscar a motivação e o suporte para ensinar sobre a vida, seus mistérios e armadilhas. Por exemplo, num simples fato como, por exemplo, o de um aluno que não devolve um livro para a biblioteca porque o emprestou a outro que, por sua vez, sumiu do colégio com o material emprestado.

Ao ser questionado, o aluno concorda com que tem o compromisso de devolver (ou reembolsar a biblioteca no valor

correspondente) a obra, mas o pai interfere e diz que o filho emprestou o livro com pena do colega e, portanto, fez uma boa ação e deve ser perdoado: ele ensinou o filho a ajudar o próximo. Ameaça tirar o filho do colégio, caso seja obrigado ao pagamento.

Para o colégio, não é importante o valor em reais e nem a devolução do livro, mas, sim, marcar de tal forma a atitude do aluno e impedir que, no futuro, ele pegue emprestado o automóvel de um amigo, e empreste-o a outro (até por motivos humanitários), que poderá desaparecer com o veículo.

E aí? Quem poderá resolver o problema criado? Na escola, o telefonema do pai ou o pagamento do valor do livro resolvem, mas seria da mesma forma e tão fácil resolver isso na Justiça?

Então, os pais precisam conhecer as pessoas e confiar muito nelas (pois são elas que lidam com seus filhos) a fim de perceberem que, em cada decisão tomada por elas, não há uma ameaça ou desrespeito, mas, sim, uma colaboração na formação e preparação de seus filhos para a vida.

Enfim, no colégio, durante o processo educacional, quando se excedem os limites, o professor repreende, o Orientador Educacional questiona e colabora na educação, troca ideia com os pais e/ou encaminha para o Psicólogo, o Disciplinador suspende das aulas.

Na sociedade, quando o jovem se vê adulto e comete deslizes, o policial prende, o Juiz condena, o Promotor acusa.

Portanto, penso ser melhor prevenir e educar durante o percurso no grande laboratório chamado escola, onde sempre as consequências dos atos cometidos serão menos dolorosas e terão o intuito pedagógico de preservar certos valores.

Ladrões Ocultos

“Os homens não têm muito respeito pelos outros porque têm pouco até por si próprios.”

Leon Tolstói

Nada pior do que a impressão produzida quando buscamos algo deixado em algum lugar, e esse algo desapareceu: não importa o valor econômico da perda.

A sensação é de um vazio terrível no estômago, é como se um abismo se abrisse aos nossos pés, a vontade é de gritar, xingar, agredir, chorar.

É como perder um pedaço da carne, da alma, independentemente do objeto perdido: é uma agressão inominável.

E, vivendo num país em que um grande percentual de pessoas considera que achado não é roubado, a coisa vira quase uma rotina, e alguém ser furtado parece tão comum que chegamos a ficar constrangidos quando contamos a alguém que fomos vítimas: recebemos, em geral, um olhar que parece nos chamar, silenciosa e delicadamente, de idiotas, por ainda não termos descoberto que vivemos entre ladrões em potencial.

Num mundo em que pais atiram filhos pela janela, em que “amigos dos amigos” mutilam e torturam adversários antes de assassiná-los com quase cinquenta tiros, em que adultos considerados de ílibada conduta fazem sexo com crianças com dias de vida, em que são desviados milhões de reais e dólares que matariam a fome, direta ou indiretamente, de milhões de pessoas, o que dizer para alguém que ainda fica indignado quando furtam seu estojo, sua caneta, seu celular, seu MP3, sua câmera fotográfica?

Nada.

Quaisquer palavras ou considerações éticas e morais se perdem no vazio de valores, de respeito humano, de cidadania, na falta de estrutura familiar, na total ausência de empatia e amor entre os seres humanos.

Nas escolas, em geral, essas ocorrências são cada vez maior. Não adianta os pais mudarem seus filhos de colégio: nenhum colégio está em Marte ou na Lua.

Os colégios são, hoje, a imagem da sociedade, os alunos são herdeiros e partícipes de uma sociedade em que o respeito ao próximo é coisa do passado.

No clube de campo que frequento, um meio social de classe média, média alta, deixei meu calção de banho dependurado no cabide da sauna, e, horas depois, já não estava lá: inúteis as buscas.

Isso é furto, o indivíduo que pegou meu calção é um ladrão como outro qualquer, inclusive pior do que aqueles que já pagam suas penas nas penitenciárias: pelo menos aqueles pagam suas penas e não ficam ocultos por uma fachada de cidadão honesto acima de qualquer suspeita.

Chego a perder as esperanças em nosso futuro, quando, no papel de Orientador Educacional de um colégio particular, ligo para uma mãe e digo: “seu filho apossou-se indevidamente de algo que pertencia a um colega”, e ela me pergunta: “pegou quanto ou o quê?”.

Macapagaios

Não ter bandeira significa fazer as coisas de acordo com os próprios ditames, não respeitando os princípios dos outros.

Nesse sentido, nós, do Colégio Anchieta, sempre tivemos bandeira porque sempre seguimos os princípios maiores que regem a Lei e a ordem em nosso país e deixamos permear nossas atividades diárias esse sentimento de cidadania plena e patriotismo.

Mas, agora, também concretizamos: temos uma enorme Bandeira Nacional hasteada vinte e quatro horas por dia, que pode ser vista de alguns dos pontos mais altos da cidade.

No meu caminho para o trabalho, logo após a rotatória Assis Chateaubriand, vindo pela Rua Alfredo Benzoni e entrando na Avenida Leão XII, vejo-o, logo após transposto um terreno densamente arborizado com ciprestes: o Pavilhão Nacional tremulando altaneiro — a mais de vinte metros de altura — entre os edifícios que já tomam conta das imediações do colégio no Jardim Irajá.

Mesmo Diogo Mainardi, articulista da revista *Veja*, que vive esculhambando nosso país (inclusive o Hino Nacional), em seus artigos semanais já elogiou a Bandeira Nacional (com ressalvas, é claro).

E por falar em símbolos nacionais, recentemente, na Internet, foi publicado que a edição do jornal britânico "The Guardian", de 20 de junho, fez um elogioso artigo sobre o Hino Nacional Brasileiro, dizendo que é o melhor hino das seleções da Copa do Mundo, depois do famoso Marseillaise francês:

"O Hino Nacional do Brasil é o mais alegre, o mais animado, o mais melodioso e o mais encantador do planeta" diz o "The Guardian".

“Enquanto o hino francês faz belicosos apelos às armas, o hino brasileiro estimula os sentimentos nacionais, apelando para o ‘formoso céu risonho e límpido’ do Brasil, seu ‘som do mar’ e as flores dos seus ‘risonhos campos’. Um conjunto natural para o belo jogo”, elogia o jornal britânico.

Com o título “Ganhando ou perdendo, o Brasil tem o melhor hino”, o Guardian cita o criador do hino (Francisco da Silva) e também não poupa elogios à melodia.

É sempre assim, preferimos ser macapagaios, um vocábulo (segundo Aluysio Mendonça Sampaio, seu criador) que designa todo aquele que vive a imitar, por gestos e palavras, a outrem (produto híbrido de macaco e papagaio). “O termo é inteiramente apropriado para retratar todos aqueles que, nascidos no Brasil, vivem a imitar, por palavra e ato, tudo o que é estrangeiro. São os mesmos que sempre veem origens ou influências europeias, ou de alguma parte do mundo, nas nossas criações: vivem a chutar tudo que é tradição brasileira”.

Precisamos, portanto, achar bela a nossa bandeira, nossas cores e começar expor o pendão verde/amarelo no topo de cada edifício (como já o fazem algumas construtoras em Ribeirão Preto), na frente de cada empresa comercial ou industrial, em cada residência: mesmo que não seja Copa do Mundo.

Magistério: Profissão Perigo

“Uma frase (conversa) gentil acompanhada de um revólver dá mais resultados que apenas uma frase (conversa) gentil”

Al Capone

MacGyver foi uma série de aventura da TV norte-americana sobre um ex-agente secreto das forças especiais.

Angus “Mac” MacGyver tinha como recurso principal a aplicação prática do conhecimento científico e do uso de itens comuns, junto com seu canivete suíço, fita adesiva e a coincidência de estar, quase sempre, trancado em um quarto com materiais úteis a suas necessidades imediatas. Isso permitia a ele criar uma variedade de soluções improvisadas para escapar da captura, do desastre, ou para, geralmente, derrotar seus inimigos.

Hoje os professores nas salas de aula são MacGyvers, também com poucos recursos, buscando aplicar na prática conhecimentos científicos, trancados em salas de aula, tentando soluções para vencer dezenas de alunos que, geralmente, os veem como inimigos.

Posto o quadro — um manancial inesgotável de desencanto, indisciplina e desrespeito — uma cartilha, Manual de Conduta Escolar, que prevê regras de disciplina e punição nas escolas da rede estadual, consegue dividir especialistas ligados à rede estadual de Educação: Diário de São Paulo de 11/10/09.

De um lado, os MacGyvers, diretores e professores, que estão na linha de frente, nas escolas, afirmam que a iniciativa é positiva e que pode ter resultados em pouco tempo. De outro, os supervisores de ensino, fora das salas de aula, avaliam que a

repressão não é o melhor caminho — mas também não fazem nada além de se preocuparem com o cumprimento rigoroso da burocracia das cadernetas escolares, grades curriculares, calendários escolares: cuidam mais da remela que dos olhos.

Como afirma Luiz Gonzaga, presidente da Udemo: “É preciso separar o que é um mero ato de indisciplina na escola do que é violência contra professores e contra colegas”.

Em março deste ano, em Moema, zona sul de São Paulo, num colégio de classe média em que os alunos se sentem com privilégios pelo fato de os pais pagarem altas mensalidades, um professor de História foi desacatado em sala por três alunos. O Mestre deu queixa à Diretora. Esta apoiou os desordeiros. O professor pediu demissão e foi para casa, onde teve crise nervosa e passa agora por síndrome do pânico. A Orientadora da escola, única pessoa a apoiá-lo, foi demitida. Meses depois, esses alunos foram expulsos do colégio por traficarem drogas dentro das instalações escolares.

Não bastasse esse comportamento juvenil, em alguns casos, pais se vangloriam de ter tirado o emprego de professores fazendo denúncias, na Delegacia de Ensino e até na de Polícia, a torto e a direito, sem dar nenhum direito de defesa a quem, por muitas vezes, faz o papel de pai e de mãe de filhos abandonados em nome da carreira profissional e/ou da busca do sustento da família: são pais que mostram força para que ninguém possa ver suas fragilidades, não conseguindo ter a consciência — uma consciência que poderia evitar uma luta que só trará desvantagens para ele e seus filhos — de que, sempre que estiver julgando seu irmão, é ele que estará no tribunal.

A situação é tão crítica e generalizada, que o Instituto Confúcio, da China, que tem 382 unidades em 82 países, com custos de ao menos US\$ 100 mi ao ano para o governo chinês, relata à Folha: “Fazemos treinamentos de 300 horas com nossos professores antes de mandá-los para o exterior para tentar evitar choques culturais. Nossos professores não sentem tanta diferença

na Coreia, Japão ou no Sudeste asiático. O problema é no Ocidente. É comum termos professores chorando diariamente nas primeiras semanas, pois a disciplina e a relação dos alunos com os professores são muito diferentes fora da China. Nosso professores não estão acostumados a ser desafiados ou que alunos discordem”.

Pobre Ocidente, pobre Brasil, pobres professores, MacGyvers reais, num mundo real em que a educação “avança” baseada em conceitos de especialistas da Educação que transmitem aos alunos e pais a ideia de que o aluno pode tudo, menos cumprir com suas obrigações de estudante, e que só podem, devem, ser defendidos/ajudados à moda Capone.

Não Deveria: Mas que Existem, Existem

“Para que discutir com os homens que não se rendem às verdades mais evidentes? Não são homens, são pedras”.

Voltaire

Os professores, todos os dias, deixam seu lar com um pensamento fixo: dar notas bem baixas para alguns alunos, de preferência os mais estudiosos, previamente escolhidos.

Orientadores Educacionais, todos os dias, discriminam, caçam, a dedo, dois ou três alunos para darem sermões e importunarem os pais nos seus afazeres diários: é sempre um enorme prazer criar caso com jovens adolescentes que só querem estudar.

Bedéis, nos corredores das instituições educacionais, escolhem sempre os melhores e mais comportados alunos para encaminhá-los à Direção do colégio: sempre mentem, sempre induzem ao erro, sempre dão maus exemplos, sempre sentem prazer em ver punidos os jovens mais disciplinados.

As funcionárias encarregadas da limpeza sempre levam consigo papéis picados, aviões feitos com folhas de caderno, pedaços de giz e outros objetos mais, para jogarem no chão das salas de aulas a fim de incriminarem, junto à direção, jovens que, educadamente, sempre se utilizam do lixo disponível na sala.

As tarefas nunca são pedidas para serem feitas porque, com certeza, os professores não querem ter trabalho extra, além do que nunca corrigem as pouquíssimas tarefas, caso sejam dadas: os alunos só não estudam porque o estudo não é exigido como deveria ser.

Os trabalhos e pesquisas são sempre propostos de última

hora, de um dia para o outro, e nenhuma explicação é dada para que os alunos possam apresentar um bom rendimento.

Os boletins nunca são entregues ao final de cada bimestre: são todos entregues no final do ano, quando, então, e somente então, os alunos ficam sabendo que não foram bem nos estudos durante todo o ano letivo.

Os pais sempre têm todo o tempo do mundo para orientarem seus filhos na consecução de seus trabalhos e objetivos escolares: a escola é que nunca entra em contato e, quando o faz, é só para criticar e propor ridículas, inaceitáveis e obsoletas formas de melhorar o rendimento.

O pagamento das mensalidades é sempre pontual, e os professores vivem de brisa, são abnegados, sem família, e podem trabalhar sem salários, caso a escola não tenha como cumprir seus compromissos ao final do mês: docência é sacerdócio, e a direção da escola não entrega o material escolar para os alunos porque é insensível ao enorme valor que os pais dão para a educação de seus filhos.

Na portaria, o relógio da entrada está sempre adiantado: é uma satisfação sem limites ver o aluno voltar para casa ou ficar sem assistir às aulas.

Os jovens — até Rousseau sabia disso — nasceram e são sempre bons, educados, amáveis, felizes e gratos por estarem por cinco ou seis horas num estabelecimento de ensino, aprendendo as belezas da Física, Química, Matemática, Biologia, Língua Portuguesa: os professores é que trazem problemas particulares de casa e, ao invés de bem ministrarem suas aulas, descarregam suas mágoas e desgraças sobre tão incríveis criaturas sedentas de saber.

Papai Noel sempre coloca presentes nas meias penduradas nas janelas, a cada final de ano, e o coelho nunca se esquece de deixar ovinhos de chocolate nos dias de Páscoa.

Essas são algumas “verdades” em que alguns pais, débeis e perdidos, acreditam.

Medo da Família

Michael Jackson, em recente entrevista polêmica, e muito divulgada, relata que era tamanho o medo que tinha de seu pai que chegava a sentir náuseas ao olhar para ele.

Por outro lado, a falta de limites tem levado alguns jovens a não distinguirem entre pai, mãe e seus colegas de colégio.

São extremos que levam à desestruturação da família, do meio onde a criança e o jovem aprendem a obedecer a normas, regras, acordos, que permitam o respeito ao espaço e ao direito de cada um.

Estabelecer que é proibido proibir, porque o pequeno infrator precisa ser compreendido pelos mais experientes e mais idosos, cria verdadeiros monstros que a sociedade, por meios nem sempre agradáveis, saberá “enquadrar” no momento certo, apesar do sofrimento de ambos: filhos mal-educados e pais condescendentes e inseguros.

Porém estabelecer uma educação com bases plantadas na década de 50 cria monstrosinhos dóceis, subservientes, amedrontados, inseguros: talvez futuros assassinos dos próprios pais que não passaram de algozes, ditadores insensíveis, figuras grotescas que, impotentes diante das mudanças do mundo globalizado, fecham as portas a qualquer tipo de diálogo.

O processo educativo deve ser seguro, firme, baseado no diálogo, na compreensão das exigências de uma nova ordem nas relações familiares em que o filho deve ser visto, não como propriedade privada, mas como um ser humano sedento de amor, ávido por encontrar exemplos e princípios a serem seguidos, avesso a discursos órfãos de gestos e atitudes.

Na minha sala de Orientador Educacional, recebo todos os alunos, mas o tipo que mais me deixa indignado é aquele que

só encontra uma maneira de manifestar seu pavor diante do terrorismo familiar, de pai ou de mãe: ele chora convulsivamente e não consegue falar, vítima da forma do "terrorismo em nome do amor" que exige sempre o conceito A, a nota dez, a conduta irrepreensível, o nunca esquecer de fazer uma única tarefa, a cabeça baixa diante de uma palavra mais áspera, o olhar de ovino ante a mão levantada, a fala engasgada diante da sempre iminente agressão: o terrorismo que cobra do filho aquilo que eles, pai ou mãe, nunca foram ou fizeram.

Mas convém não ceder às pressões do filho, a tal ponto de não se combater a malandragem, a má vontade, a preguiça, a inércia, em nome do amor: fazer tudo o que ele quer, sendo que ele não corresponde às expectativas.

O equilíbrio, o meio termo, o uso do bom senso, o diálogo aberto (nunca o monólogo), a expressão dos sentimentos mais profundos, o olho no olho, a empatia, a mão no ombro, o coração aberto: eis o segredo da perpetuação de longas e profundas relações que levam, na base, a solidez que só a verdade propicia.

Medo de Quê?

“Medo de morrer, medo de viver”.

Eduardo Galeano

Numa reportagem divulgada pelo Fantástico, da rede Globo, em 23/10/2005, um instituto de pesquisa dos Estados Unidos entrevistou 11.453 pessoas do Brasil e de outros nove países sobre os grandes medos de cada uma. O resultado foi revelador: as pessoas têm mais medo de ficar doentes do que de morrer!

Numa sala de aula, em Ribeirão Preto, alunos de doze anos, de um sétimo ano do Ensino Fundamental, escreveram (cada um com direito a expor 5 motivos) sobre o assunto, sob orientação da Profa. Dra Vera Lúcia Hanna. E, pelo menos por aqui, e nessa faixa etária, o medo maior, acreditem, foi o de perder um familiar, um ente querido: dezoito, de um total de 22 alunos.

Possivelmente o motivo desse medo esteja ligado ao medo da solidão: 13 alunos.

O outro medo é o de não conseguir atingir seus objetivos, profissionais ou educacionais, (14 alunos), vindo, somente então, o medo da morte (10 alunos). Talvez o menor medo da morte advinha da pouca idade dos entrevistados: ainda se julgam eternos.

Ser assaltado (8 alunos), ficar inválido (9 alunos) e perder a liberdade (4 alunos), completam a lista dos mais votados, seguidos por único voto pelos que têm medo de: pensar até enlouquecer / descobrir que todos estão mentindo / perder a fé / chuvas e tempestades / escorpião, rato e aranha / perder o gosto pela vida / sofrer por amor / escuro / voar de avião / pessoas mortas / pesadelo à noite / ficar careca / do futuro /

não saber o que existe após a morte.

Segundo Hobbes , que viveu no século XVII, o conflito no ser humano é perpétuo, e “cada homem é inimigo de outro homem”. Nesse estado de guerra, nada de bom pode surgir. Enquanto cada um se concentra na autodefesa e na conquista, o trabalho produtivo é impossível. Não existe tranquilidade para a busca do conhecimento, não existe motivação para construir ou explorar, não existe lugar para as artes e letras, não existe espaço para a sociedade: só “medo contínuo e perigo de morte violenta”. Então a vida do homem nesse estado será “solitária, pobre, sórdida, brutal e curta”.

As crianças podem não conhecer as teorias de Hobbes, mas sentem na própria pele os problemas gerados na luta pela sobrevivência que seus pais enfrentam — isso com ou sem a famosa crise atual — e não conseguem dedicar-se devidamente à vida escolar.

A ausência diária dos pais e os encontros fugazes parecem-me antecipar para as crianças quão difícil a vida se tomará com uma possível ausência definitiva deles, tendo em vista saberem as crianças o quanto é difícil cumprir suas obrigações diárias de estudante e conseguir chegar aos objetivos sonhados frente à concorrência em ENEMs e vestibulares.

As inseguranças das relações familiares e amorosas, a falta de perspectiva diante do futuro, os riscos sempre reais de doenças, atropelamentos e violência urbana acirram ainda mais a concorrência entre humanos e, com ela, o medo da solidão (por motivo de doenças e outros), maior ainda que o medo da morte: pois, com a morte, (talvez o motivo do resultado da pesquisa dos Estados Unidos) existe a esperança de que tudo se acabe.

Medo ou Respeito?

Sou um educador/disciplinador por acreditar que não existe possibilidade alguma de aprendizagem num ambiente em que não haja disciplina e respeito. É preciso manter-se um meio-termo entre o respeito à autoridade do professor e a liberdade concedida aos alunos e não se permitir a subversão do senso de hierarquia, seja ele com relação ao juiz de futebol, ao policial militar ou a quem quer que esteja numa situação de manter as mínimas condições para que uma atividade seja desenvolvida com segurança, eficácia e eficiência.

Escola não é comércio, e Educação não é mercadoria: não pode valer a lógica que diz que o freguês sempre tem razão porque nossos “fregueses” são crianças e adolescentes em fase de formação e precisam, e muito, de limites e regras para serem bem aceitos na sociedade onde deverão ser cidadãos inseridos e não marginais.

O colégio que procurar manter o aluno, a qualquer custo, abrindo mão do seu direito de exigir dos pais colaboração para que seus filhos sejam alunos devidamente adaptados às mínimas normas sociais de relacionamento, com princípios morais e éticos básicos, abre mão também das condições essenciais que permitirão aos seus professores desempenhar o papel que realmente lhes cabe: ser um elemento motivador da busca de conhecimento e transmissor das experiências adquiridas pela humanidade no decorrer de sua história.

Infelizmente ainda existem pais que não percebem que passam para os filhos, com suas atitudes na relação com o colégio, péssimos exemplos; discutem, na frente dos filhos, as normas estabelecidas pelo regimento interno com as quais ele concordou no início de cada ano letivo; deixam o filho na escola com atraso

ou vão buscá-lo mais cedo a qualquer tipo de pretexto, como se o horário de estudo, ou seja, a escola, não tivesse a menor importância; não querem nem ouvir os motivos que levaram à punição de seus filhos e, de antemão, já as consideram exageradas e desproporcionais; justificam sempre as atitudes desleigadas e desrespeitosas de seus filhos para com funcionários, professores e colegas de sala como sendo "coisas de adolescentes"; querem discutir critérios, sem conhecimento de causa, aplicados nas avaliações feitas pelos professores com relação à vida escolar de seus filhos, sempre achando que todo mundo tem tempo para ficar perseguindo seu doce e pequeno educando, sempre sedento de saber.

Recentemente um pai de uma jovem de 17 anos ameaçou processar um cantor por ele jogar objetos de seu uso pessoal para a plateia, uma prática antiga de artistas durante shows. Sua filha sofreu um acidente ao tentar pegar a toalha usada pelo cantor durante o espetáculo. O pai alega que o cantor é culpado porque não deve "ficar jogando coisas para o público"!

Pasmem. Em nenhum momento o pai sequer pensou que sua filha não é mais uma criança e que foi de seu livre arbítrio disputar no tapa a toalha do referido cantor. Em nenhum momento passou pela sua cabeça que é uma característica desse tipo de show esse tipo de ocorrência: Elvis jogava lenços, Roberto Carlos, rosas: e o zeloso pai quer que o mundo adapte-se à sua querida filhinha, que não pode ver uma toalha famosa que perde a noção de risco e perigo.

Quando me perguntam se o que meus alunos sentem por mim é medo ou respeito, sinceramente não tenho uma resposta, mas posso garantir que não tenho e nem terei fobia escolar (distúrbio psicológico provocado pela indisciplina na sala de aula e se alastra, atualmente, entre professores) e que, quando já ex-alunos, adultos e maduros, na maioria das vezes, reconhecem a importância de alguém que, como eu, um dia, soube dizer não a qualquer tipo de comportamento que não levasse em conta o direito do outro, de também ter seus direitos respeitados.

Muro das Lamentações

Logo após a publicação, nos boletins escolares, dos resultados referentes ao primeiro bimestre do ano letivo, o Colégio inicia uma série de atividades que buscam recuperar os alunos com conceitos abaixo da média estabelecida.

Os boletins dos alunos com aproveitamento abaixo do regular são retidos pelo Orientador Educacional, e os pais são contatados, por telefone, a fim de que compareçam ao Colégio para as devidas e necessárias informações e orientações. O Colégio oferece plantões e oficina psicopedagógica (que os alunos teimam em não frequentar), procura saber como o aluno estuda em casa — ou se não estuda —, visando detectar meios de se obter melhor aprendizagem: mas a maioria dos pais não tem tempo para isso.

Os pais, em resposta, enviam bilhetes solicitando a entrega dos boletins para seus filhos, dão um jeitinho, e obtêm algumas informações por telefone (o que não é o ideal), e, pior, ficam irritados quando são atendidos, mas, ao mesmo tempo comunicados de que a melhor maneira seria resolvermos os problemas acima pessoalmente, e na presença do aluno, enquanto há tempo.

Na emissão dos boletins do segundo semestre, a história se repete, em geral com os mesmos alunos, cujos pais não puderam comparecer ao colégio.

Ao final do terceiro bimestre, com o aluno/paciente quase terminal, já na UTI, o impotente Orientador Educacional já não abre mão da presença física do pai ou responsável. Então, há revolta geral. A incompreensão e falta de flexibilidade dos responsáveis pelo Colégio é cantada em prosa e verso por todos os salões de cabeleireiras e manicures, quitandas, supermercados,

shoppings. Saem dizendo que o pessoal do Colégio não sabe como é difícil ganhar a vida, pensam que ninguém tem mais o que fazer!!!

E chega o dia, em dezembro, da tão previsível reprovação, indesejada por todos, e a sala do Orientador Educacional transforma-se num verdadeiro Muro das Lamentações (para quem não sabe, o muro ocidental, conhecido como Muro das Lamentações, é o lugar mais sagrado e venerado pelo povo judeu por tratar-se da única relíquia do último templo. O Muro Ocidental é uma pequena parte da muralha que Herodes construiu no ano 20 a.C., em redor do segundo Grande Templo). É então que todos os pais e responsáveis passam a ter disponível todo tempo do mundo para derramarem suas lágrimas, rancores, ódios e frustrações sobre o muro que sobrou da casa caída.

Vão à Delegacia de Ensino, ameaçam com processos, exigem revisões. Tornam-se ávidos doutores em Educação, caçando um pontinho aqui e acolá na documentação que lhes é entregue. Pela primeira vez, têm tempo para olhar a pasta de seus filhos com as avaliações de um ano todo (as mesmas avaliações apresentadas durante cada uma das reuniões bimestrais de pais e mestres), descobrem avaliações entregues em branco e livros não lidos, tarefas não feitas, trabalhos não entregues, oportunidades de aulas de recuperação propiciadas, mas não assistiram a elas. E concluem, mesmo assim, que só o Colégio não fez sua parte.

Não são suficientes os boletins de um ano todo arquivados na pasta do Orientador, não basta a visão dos bilhetes manuscritos (na tentativa de se livrarem dos problemas surgidos de imediato), não basta a lembrança das dezenas de telefonemas dados, não bastam os canhotos de boletins assinados irresponsavelmente e que não se fizeram acompanhar de medidas práticas com relação à educação de seus filhos.

E, como sempre, brasileiros que somos, esperamos que, no novo ano, tudo seja diferente.

Não Basta Cumprir o Dever

Gosto muito de citar as palavras de Winston Churchill: “Cada pessoa (ou empresa / instituição) tem que apenas cumprir o seu dever para arruinar o mundo”. E elas se tornam cada vez mais verdadeiras quando falamos em responsabilidade social.

Recentemente pude participar de uma conferência, “Responsabilidade social: o novo papel do empresário na construção de uma nova sociedade”, no Salão Nobre do Palácio Rio Branco, com o presidente do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, Oded Grajew, considerado a principal liderança na área de cidadania empresarial no Brasil.

Oded, que hoje se considera um “empresário social”, criou a Fundação Abring, pelos Direitos da Criança, e foi o inspirador/coordenador do Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, como contraponto ao Fórum Econômico de Davos.

Na oportunidade falou de Ética, da importância da escolha baseada em princípios. Falou das relações entre pessoas, entre empresas, entre pessoas e empresas, e a importância da reciprocidade que deve existir nessas relações.

Mencionou, com ênfase, a importância que tem hoje, para as empresas, a sua imagem como empresa cidadã e a relação direta entre poder e responsabilidade. Sonhou com um mundo em que os meios de comunicação, por exemplo, divulgassem as causas nobres tal como divulgaram a “Casa dos Artistas”.

Lembrou da importância do exemplo, a partir de casa, nas relações entre pais e filhos, e na transparência e coerência entre a prática (ação) e a filosofia estabelecida pelos homens que detêm o poder das decisões.

Falou de felicidade e da importância que tem dar-se um sentido para a vida, como meio de se obter a tal felicidade.

Convidado que fui, ao final da conferência, pelo Prefeito Antônio Palocci, para falar em nome dos presentes, lembrei, dentre outras coisas, a importância do papel desempenhado pelas escolas, no divulgar essa forma de pensar e agir entre os jovens, futuros cidadãos e empresários.

O Talmud relata que Abaye trouxe para casa uma tâmara excepcional, cujo perfume preenchia o ambiente. Seu filho Huna perguntou: de quem é essa tâmara tão maravilhosa? Abaye disse: "É sua, meu filho". Não tardou muito e Abaye viu seu filho Huna oferecendo a tâmara a seu próprio filho e comentou: "Meu coração dói e se alegra ao mesmo tempo. Dói porque meu filho Huna preferiu a mim por seu filho, e se alegra, pois esse é o caminho correto".

Abaye sintetizou uma verdade de nossa civilização: Toda vez que os filhos são mais leais para com seus filhos do que com seus pais, o mundo caminha em direção à paz. Toda vez que os pais suportam essa dor, o mundo caminha em direção à paz.

Essa é minha grande esperança: que os filhos dos atuais empresários, políticos, líderes religiosos sejam mais leais aos seus filhos que aos seus pais porque os jovens são, em geral, abertos a novas propostas, preocupados em melhorar o mundo, sonhadores, e dispõem da energia vital necessária para efetuar as mudanças sonhadas por homens como Oded Grajew.

O jovem de hoje busca mudar a realidade que o cerca, tenta, como todos os jovens de todos os tempos, mudar o mundo, mas, agora, a partir de si mesmo, de sua casa, de seu bairro, de sua cidade e de seu país.

Precisamos de pessoas que distribuam tâmaras: nossos jovens sabem oferecer tâmaras.

Não Precisamos de Izianes

“Quanto maiores somos em humildade, tanto mais próximos estamos da grandeza.”

Rabindranath Tagore

Toda a minha vida profissional transcorreu ao lado de jovens: fui sempre professor.

E o educador precisa atuar vinte e quatro horas por dia.

Não é possível para um educador transgredir determinados pontos, que podemos chamar de honra.

Não podemos amenizar nas medidas disciplinares quando o assunto é disciplina, cumprimento de normas e regras, obediência a autoridades.

Podemos até lutar para mudar leis, normas e regras, mas nunca transgredi-las, por mais simples que sejam e menor relevância que possamos achar que elas tenham.

Transgredir leis e normas é mergulhar no caos: e é isso que está acontecendo.

Na TV, são apresentados ex-militares, fazendo e soltando balões, fazendo apologia de um ato absurdo, e dizendo que a lei não vale para eles.

No esporte, uma arrogante e prepotente jovem esportista, Iziane, por considerar-se uma estrela, recusa-se a ser substituída num dos jogos classificatórios da seleção de basquete e não volta à partida, quando a equipe necessita dela: e a cena deprimente é mostrada na TV, diante dos olhares perplexos daquelas pessoas que sabem o quanto nossa juventude precisa de bons, e não de maus exemplos.

E o caso do Ricardinho na seleção brasileira de vôlei?

E o caso do goleiro Felipe, do Corinthians, que não aceitou bem a reserva?

Essas ocorrências que nunca poderiam estar presentes, principalmente em esportes coletivos, estão cada vez mais frequentes: isso pega:

Recentemente presenciei caso semelhante no decorrer de um torneio esportivo, disputado por jovens de escolas particulares, formados por garotas na pré-adolescência.

Advertida pelo técnico por estar tendo um desempenho abaixo do esperado, revolta-se, cria um clima tenso no colégio e na equipe, e, ao ficar no banco de reservas na partida seguinte, abandona a equipe sem nem menos dirigir-se ao técnico, responsabilizando pelo esporte que ela pratica, e passa a torcer, infantilmente, para as equipes contrárias à da sua escola.

É preciso que educadores e pais, conjuntamente, façam entender, principalmente aos nossos jovens, que não precisamos de Izianes, tendo em vista que o mundo já está suficientemente caótico sem elas e seus ataques de estrelismo: ninguém é insubstituível.

Aos mais experientes, cabe o ensinar com bons exemplos e, aos jovens, cabe, se forem inteligentes, entender que o mundo, um dia, só poderá ser melhor se cada um se propuser a servir ao próximo e ao grupo a que pertence.

Izianes, voltem para casa: o Brasil poderá ir a Pequim sem suas presenças.

Nós, Professores, Aceitamos o Resto

“Essas medidas foram tomadas porque todos nós sabemos, sobretudo nós, os idosos, o peso que isso (o preço dos remédios) tem nas famílias”.

Fernando Henrique Cardoso

Dizem que de graça até injeção na testa ou na veia.

Eu digo que, de graça, até vacina contra a gripe — doença respiratória aguda causada pelo vírus influenza — seja ela Sazonal, Aviária, A, H1N1, H5N1, Espanhola, Asiática, de Hong Kong, Suína, Equina, Bovina.

Tenho acompanhado de perto os resultados das campanhas de vacinação contra as gripes Sazonal (para maiores de sessenta anos) e Suína: e vejo que devem estar sobrando milhares de doses, já que os percentuais alcançados chegaram a, somente, 88 % do previsto.

Ouvi pela mídia que, a poucos dias do fim da campanha nacional de vacinação contra a gripe, o Ministério da Saúde esperava imunizar em torno de cem milhões de pessoas e que, caso não chegasse a esse número, o órgão não saberia, ou não informou, o que faria com o possível excedente de doses, até porque, segundo o Ministério, não há mais vacinas em poder da União: todas estão estocadas nos postos de saúde das cidades e municípios, não havendo informações sobre possível recolhimento dessas doses ou da permanência delas nos postos à disposição da população.

Mas eu sei o que poderiam fazer e deixo aqui minha proposta.

Enquanto sobram doses, nós, professores / educadores — fora das faixas etárias para quais as vacinas foram indicadas pelo

Ministério da Saúde — ficamos sujeitos à gripe devido ao relacionamento diário com crianças e adolescentes.

No meu trabalho de Orientador Educacional e responsável, diariamente, pelo contato com pais e alunos, recebo, em minha sala, adultos aparentemente saudáveis — pais, professores, divulgadores, ex-alunos — e também crianças e jovens alunos com febre, mal-estar, dor de cabeça, dor no corpo, indisposição estomacal, diarreia, os quais vêm me pedir autorização para deixar o colégio antes do final das aulas.

Penso que o contato desses alunos com professores e funcionários poderia estar protegido justamente com a aplicação das doses de vacinas que estão sobrando e pelas quais já pagamos regamente por meio dos impostos abusivos cobrados pelo governo brasileiro

Essa atitude dos órgãos governamentais me faz lembrar um caso ocorrido comigo, quando uma funcionária de lanchonete preferiu jogar fora o restinho de caipirinha que sobrou, a deixar-me dar um gole em meu copo e depois completá-lo com a sobra da coqueteleira: ela achava que seria normal jogar fora parte da bebida pela qual eu havia pago.

Espero não ficar sem a vacina agora, e ler, depois, na mídia, que milhares de doses perderam a validade encostadas nos abandonados postos de saúde do país.

Espero, principalmente, que o nosso Ministério da Saúde esteja sendo dirigido por pessoas com maior discernimento e bom senso do que os da funcionária de lanchonete, que um dia conheci.

Nosso Hino

“Não deis aos cães as coisas santas e não lanceis pérolas aos porcos”.

Jesus Cristo

O cacófato no título é proposital.

A execução do Hino Nacional nos campos de futebol, antes das partidas do campeonato paulista de futebol, está se tornando um atirar periódico de pérolas aos suínos.

Obedecendo a uma rotina quase que religiosa, no meu encontro dominical com a TV, a partir das 16 horas, depois de, com a minha família, passar parte do dia no Clube de Regatas, assisti a um espetáculo de incivildade.

Enquanto o Hino Nacional era executado no Morumbi, antes do clássico entre Corinthians e Palmeiras, as torcidas não pararam com suas cantigas provocativas.

Não bastasse isso, durante a metade da execução de um dos nossos Símbolos Nacionais, os jogadores começaram a se cumprimentar.

A Globo cortou o áudio e colocou o som das torcidas, e a Band deixou que o Hino servisse de fundo ao espetáculo deprimente e revoltante para qualquer cidadão que tenha um mínimo de civismo.

É preciso que se revogue, imediatamente, a Lei Estadual no. 10.876, de 10/09/01, que dispõe sobre a execução do Hino Nacional Brasileiro em todos os eventos esportivos realizados no Estado de São Paulo, e em outros Estados do Brasil, sob pena de, no futuro, as crianças e jovens que frequentam os estádios de futebol acharem que o Hino é uma música como outra qualquer: um som de fundo para a “Dança do créu”.

Para quem não sabe, de acordo com o Capítulo V, da Lei 5.700, de 1º/9/71, que trata dos Símbolos Nacionais, durante a execução do Hino Nacional, todos devem tomar atitude de respeito, de pé e em silêncio. Civis do sexo masculino devem ficar com a cabeça descoberta e os militares em continência. Além disso, é vedada qualquer outra forma de saudação, gestual ou vocal, que possa ser desrespeitosa, como aplausos ruidosos, gritos de ordem ou manifestações ostensivas do gênero.

O Art. 35 da mesma Lei, estabelece que a violação de qualquer disposição da presente Lei, sujeita o infrator à multa de uma a quatro vezes o maior salário-mínimo em vigor, elevado ao dobro nos casos de reincidência.

É óbvia a impossibilidade de se punir um estádio todo, é também clara a impossibilidade de mudar, de um momento para outro, a educação de um povo, mas é evidente que podemos, com a revogação da Lei, impedir que um dos mais sagrados símbolos de qualquer nação que se preze, seja esculhambado como tem ocorrido, com frequência, em nossos campos de futebol.

Eu não gostaria de ver, novamente, esse espetáculo lastimável, sendo transmitido pela TV, principalmente para menores de idade.

O Banquete de Platão.

Comer e beber com alguém é, para mim, quase que um ritual sagrado e, por isso, não bebo nem como com o inimigo.

Penso assim talvez por ser do tempo em que a família se reunia duas vezes por dia, durante as refeições, ao redor de uma mesa, para conversar sobre todos os assuntos, principalmente sobre aqueles que faziam parte do cotidiano de todos os seus componentes.

E, por falar em comer à mesa e conversar, no último dia 15 de outubro, Dia do Professor, participei com minha esposa de uma galinhada, oferecida pela direção do colégio Anchieta aos professores e funcionários: um banquete de prato.

Prato de legumes, prato de patê de alho, da Roberta, prato de patê de atum, da Rosa, tudo bem temperado, bastante cerveja, bem gelada, e flores, muitas flores em pequenos vasos, além do ramalhete que entregamos à anfitriã, a professora Alcilene Soares Aguiar, ao som de Ray Connif, em comemoração à passagem do dia dos mestres.

Vivemos, por alguns instantes, belos e expressivos momentos de encontro com os nossos semelhantes, os quais só os pequenos grandes gestos do dia a dia podem proporcionar: um sorriso aberto e franco, um aceno ou aperto de mão de duração mais longa.

No famoso Banquete de Platão, Sócrates conta a história de seu encontro com Diotima, quando tinha por volta de 30 anos. Nessa obra universalmente conhecida, o amor é definido por ele como carência daquilo que se ama, do objeto amado. É o que inspira os seres a partir em busca do Belo: esse belo, a ideia eterna da qual todas as coisas belas participam gradativamente, é alcançado pela ascese dialética, por degraus. Primeiro, pode-se

ver o belo nos corpos, depois, na natureza, etc, até se chegar ao belo em si.

No nosso banquete de pração, não discutimos o amor: nós somente o vivemos. Vivemos por alguns momentos — fora do ritmo alucinante de um dia de trabalho na escola — a satisfação de ouvir o colega sobre assuntos nada pedagógicos, o prazer de ver a troca de colos de suas crianças que ainda não frequentam a escola, a alegria de abraçar cada um que chega com um sorriso e votos de boas-vindas.

Depois de quase uma hora de conversa jogada fora, muitas gargalhadas, piadas, chega o pessoal do Barriga — assado na brasa, sem o assado, mas com três enormes panelas da mais saborosa galinhada do ano.

Com o passar do tempo, os grandes grupos vão se desmanchando e transformam-se em pequenos outros grupos espalhados pelos amplos espaços dos pátios do colégio.

Antes de ir embora, ainda sobra tempo para comer algumas amoras — com o ímpeto dos tempos de crianças — retiradas na hora, dos pés repletos de pequenos pontos escondidos entre o verde das folhas, qual saborosas lagartas negras.

Não é preciso ir a Atenas ou Paris para ser feliz: Basta olhar com amor e fraternidade aqueles que fazem parte do nosso cotidiano e, se possível, beber e comer com eles.

O Bullying e o Tatu

É sempre uma brincadeira a causa de agressões mútuas e os desentendimentos constantes entre as crianças e os adolescentes, na escola.

O termo bullying, cujos estudos começaram a ser feitos por volta de dez anos atrás, na Europa, compreende todas as formas de atitudes agressivas intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Segundo pesquisas da ex-ONG, ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, os autores do bullying são indivíduos que geralmente não têm empatia, frequentemente pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram e oferecem, como modelo para solucionar conflitos, comportamento agressivo ou explosivo. Admite-se que os que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas (transtorno de conduta).

Além de confiarem nas informações/orientações dos professores e orientadores educacionais de seus filhos, todos os pais devem ficar atentos — se é que encontrarão tempo — para algumas atitudes diárias de seus filhos, tais como: mentiras cada vez mais elaboradas, tentativas de manipulação pela via emocional ou por chantagens, roubos, maldades sistemáticas com

irmãos e amigos (sem sinais de culpa ou arrependimento), gosto por experiências mórbidas com animais, nenhuma tolerância à frustração, explosão ao ser contrariado, mania de culpar os outros por seus erros, egocentrismo exacerbado, pouca ou nenhuma mostra de solidariedade, dificuldade em manter amizades reais, arrogância extrema (até com os pais), demonstração de prazer ao ferir ou humilhar o próximo, atos de vandalismo.

Nas relações entre alunos na faixa entre cinco e doze anos, existem sempre os empurrões, rasteiras, correrias de uns atrás de outros, chutes, tapas e outros tipos de agressões físicas ou verbais, que sempre chamam de brincadeiras, mas são brincadeiras em que somente um dos lados acha graça.

Por isso, é muito difícil detectar, nessa idade, as características de um futuro psicopata: mas é preciso ficar sempre alerta aos mínimos sinais de desvio de conduta.

No meu tempo de Grupo Escolar Dr Guimarães Jr, nos idos de 56, existia um menino apelidado Tatu, que exigia, sob ameaça de agressão física, grande parte do meu lanche. Esse bullying do século passado só terminou no dia em que meu pai chegou na hora exata em que ele, na saída das aulas, estava prestes a me agredir.

Meu pai resolveu, com uns bons cascudos no futuro delinquente, um dos casos de bullying que marcaram minha vida em uma escola pública: ainda não existia, naqueles bons tempos, o Estatuto do Menor e do Adolescente.

O Pianista

Alguns pais não conseguem ver como investimento o dinheiro utilizado com uma formação escolar de primeira qualidade.

Ao primeiro sinal de dificuldades do filho em conseguir boas notas no decorrer do ano letivo, alguns pais buscam como alternativa a transferência do aluno para uma escola em que as exigências e os gastos sejam menores.

Um exemplo concreto do valor de uma substancial formação me foi dado conhecer quando ainda lecionava na Escola SENAI.

Um aluno, cujos pais eram parte da elite de um governo deposto da América Central, contava para professores e colegas que sua família havia deixado tudo para trás, mas que a sobrevivência no Brasil só havia sido possível porque seu pai havia feito um curso de mecânico de aviões, e esse conhecimento que, no país de origem nada valia, tendo em vista o alto cargo que exercia, agora representava a possibilidade uma vida digna num país estranho.

Recentemente, assistindo ao filme "O Pianista", drama sob a direção de Roman Polanski, revi a cena em que Adrien Brody, no papel do pianista clássico, o polonês Wladyslaw Szpilman, é descoberto pelo Capitão Wilm Hosenfeld (Thomas Kretschmann), num dos muitos prédios abandonados espalhados pelo Gueto de Varsóvia, devido à 2ª. Guerra Mundial, e consegue alimento e ajuda quando se declara pianista e, maltrapilho, faminto e tomado pelo medo, senta-se ao piano oferecido a ele pelo nazista e inicia a execução de uma peça clássica.

Naquele instante, ele nada possuía de bens materiais, sua figura somente inspirava repulsa e desprezo, mas, ao som dos

primeiros acordes, sua dignidade humana foi imediatamente restaurada.

É uma história real como muitas outras, em que vale o que se sabe e não o que se tem, em que vale a cultura e a educação e não o dinheiro, em que vale o espírito e não a matéria.

Nesse momento em que nossos governantes reduzem a média necessária para aprovação para cinco, com arredondamentos de quaisquer décimos para o valor inteiro mais próximo acima, e em que a aprovação é automática, fica patente a falta de compromisso do governo com a qualidade de cidadão que será colocado no mercado de trabalho: um bando de semianalfabetos que não conseguirão assinar devidamente nem o próprio nome.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Esperança*, afirma que pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tomar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo, mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão.

Por isso é preciso associar a pedagogia da esperança, como concepção da educação, à pedagogia da luta: a educação deve ser mais um ato de construção de conhecimentos do que a simples transmissão de informações.

É preciso insistir na permanência do aluno em uma escola que exija do educando luta e persistência na busca de seus objetivos, e que tenha compromissos com o seu futuro: precisamos de pianistas.

O Que os Pais Não Querem Ensinar

São muitos os problemas enfrentados pelo Orientador Educacional de um Colégio quando os pais insistem em facilitar as coisas para seus respectivos filhos, buscando burlar normas, passar por cima de regras, enfim, “quebrar um galho”.

O raciocínio deve ser o seguinte: se, em muitos casos, não obedecemos à Constituição, se ninguém obedece às decisões do Conselho da ONU, se existem leis que “não pegam”, então, por que devemos obedecer a um simples Regimento Interno de um Colégio?

Mas, felizmente, Bill Gates parece estar do nosso lado (dos Orientadores Educacionais).

Recentemente, recebi, pela Internet, um texto — não aplicável no meu caso —, intitulado “O que as escolas não ensinam” onde Bill Gates relaciona onze regras a serem lembradas por pais e educadores que estão seguindo a política do “fazer o aluno sentir-se bem a qualquer preço”, no tratamento de toda uma geração de crianças e jovens

No texto, ele propõe ser ensinado aos educandos que: a vida não é fácil (e é preciso acostumar-se com isso); o mundo não está preocupado com a autoestima dele (o mundo espera que ele faça alguma coisa útil por ele, antes de ele sentir-se bem consigo mesmo); ele não ganhará R\$ 120.000,00 por ano assim que sair da escola (ele não será vice-presidente de uma empresa com carro e telefone à disposição, antes que tenha conseguido comprar seu próprio carro e telefone); se ele acha seu professor e/ou educadores rudes, que ele espere até ter um chefe (que não terá pena dele); fritar hambúrgueres não está abaixo da posição social dele (os avós dele têm uma palavra diferente para isso — eles chamam de oportunidade); se ele fracassar, não será culpa

de seus pais (e que ele não deve lamentar seus erros, mas aprender com eles); antes de ele nascer, seus pais não eram tão chatos como agora (mas só ficaram assim por terem que pagar as contas dele, lavar suas roupas e ouvir falar o quanto ele mesmo era legal. Então, que ele, antes de querer salvar o planeta para a próxima geração, consertando os erros dos outros e de seus pais, tente limpar o seu próprio quarto); a escola dele pode ter eliminado a distinção entre vencedores e perdedores, mas a vida não é assim (isso não parece com absolutamente NADA na vida real); a vida não é dividida em semestres (que ele não terá sempre os verões livres, e é pouco provável que outros empregados o ajudarão a cumprir suas tarefas no fim de cada período); a televisão NÃO é vida real (na vida real as pessoas têm que deixar o barzinho ou a diversão e ir trabalhar) e, finalmente, que é preciso ser legal com os nerds (pois existe uma grande probabilidade de ele vir a trabalhar para um deles).

Todas as regras acima podem e devem ser ensinadas no cotidiano de uma escola, não somente com palavras, mas aproveitando cada fato, cada ocorrência, cada evento, tirando deles a lição necessária para a formação de jovens que saberão enfrentar a vida real que os espera.

Quem ama, educa.

O Tesouro de Bresa (saber)

“Para ter mais amanhã, você precisa ser mais do que é hoje”

Jim Rohn

Alguns colégios, anualmente, realizam atividades culturais, esportivas e beneficentes, cujos temas são sempre os fatos mais importantes que serão veiculados pela imprensa no decorrer do ano letivo.

Essa é uma forma lúdica de reunir alunos de turmas diferentes para, num trabalho conjunto, propiciar a confraternização entre pais, alunos, professores, funcionários, ex-membros de uma comunidade, todos em busca de novos conhecimentos, de um maior bem-estar das instituições beneficentes, e, principalmente, dar o exemplo da importância da gratuidade do trabalho em favor de um determinado objetivo.

Mas não fosse a participação ativa de umas poucas dezenas de alunos e pais, verdadeiros cidadãos que entendem a fundamental importância desse tipo de atividade na escola, para a formação futura de seus filhos, o trabalho exigido na criação e coordenação do evento, por certo, não valeria a pena.

Alguns pais e alunos têm como primeira pergunta, às vésperas dessa atividade, a seguinte: Vai valer conceito? Vale alguma nota? Vai interferir na média final? É obrigatória a participação?

É muito triste essa realidade que toma conta da nossa sociedade, exemplo seguido por nossos jovens.

Esses pais e seus filhos não sabem que a viagem é mais importante do que o destino, não sabem que o que acabamos sendo é muito mais importante do que o que teremos, não

percebem que tudo o que uma pessoa tem , é fruto direto do que a pessoa é.

A pergunta importante não é “Quanto vou ter?” ,mas, sim, “Em que vou me transformar?” , não “Quanto vou ganhar?” mas, sim, “Quanto vou aprender?” .

Esses pais e alunos ainda não enxergaram que os rendimentos de uma pessoa raramente excedem seu desenvolvimento pessoal e profissional, ou seja, seu desenvolvimento como cidadão. Esse deveria ser o foco da atenção deles.

Existe uma história babilônica muito interessante chamada “O Tesouro de Bresa”, onde Enedim, um alfaiate, homem inteligente e trabalhador, mas pobre, compra um livro que contém o segredo de como descobrir um valioso tesouro. Para descobrir o segredo, ele teve que decifrar textos em todos os idiomas que estavam escritos no livro. Depois, precisou decifrar os cálculos matemáticos contidos no livro, ou seja, teve que estudar muito e se desenvolver em conhecimento das coisas da vida, tais como leis e princípios religiosos de seu país.

Com conhecimento tão amplo, conseguiu importantes trabalhos junto ao rei, ganhou muito dinheiro, viveu em palácios suntuosos,

No final da história, não existia tesouro nenhum: na busca do segredo, Enedim se desenvolveu tanto que ele mesmo passou a ser o tesouro.

Nessas atividades culturais, esportivas e beneficentes, estão tesouros guardados que, se descobertos, farão de cada jovem um futuro cidadão, participante, ativo, disponível, solidário, flexível, ético, coparticipativo, voluntário e, sendo assim, vital para sua cidade e seu país.

Basta de mercenários.

O Velho, o Menino e o Burro

Muitas vezes, no meu trabalho diário de educador, penso na fábula do velho, do menino e do burro, e tomo minhas decisões, relativas à disciplina escolar, primeiramente baseado no que está escrito no Regimento Interno, mantendo sempre muita coerência e de acordo com minhas convicções: e pronto. Eu me recuso, terminantemente, acabar carregando o burro nas costas.

Para quem não sabe do que estou falando, segue a referida história:

Um velho resolveu vender seu burro na feira da cidade. Como iria retornar andando, chamou seu neto para acompanhá-lo. Montaram os dois no animal e seguiram viagem.

Passando por umas barracas de escoteiros, escutaram os comentários críticos; “Como é que pode, duas pessoas em cima desse pobre animal!”.

Resolveram então que o menino desceria, e o velho permaneceria montado. Prosseguiram...

Mais na frente, tinha uma lagoa e algumas velhas estavam lavando roupa. Quando viram a cena, puseram-se a reclamar; “Que absurdo! Explorando a pobre criança, podendo deixá-la em cima do animal.”

Constrangidos com o ocorrido, trocaram as posições, ou seja, o menino montou, e o velho desceu.

Tinham caminhado alguns metros, quando algumas jovens sentadas na calçada externaram seu espanto com o que presenciaram; “Que menino preguiçoso! Enquanto este velho senhor caminha, ele fica todo prazeroso em cima do animal. Tenha vergonha!”

Diante disso, o menino desceu e, dessa vez, o velho não

subiu. Ambos resolveram caminhar, puxando o burro.

Já acreditavam ter encontrado a fórmula mais correta quando passaram em frente a um bar. Alguns homens que ali estavam, começaram a dar gargalhadas, fazendo chacota da cena; "São mesmo uns idiotas! Ficam andando a pé, enquanto puxam um animal tão jovem e forte!"

O avô e o neto olharam um para o outro, como que tentando encontrar a maneira correta de agir.

Então ambos pegaram o burro e o carregaram nas costas.

São tantos os palpites e "achismos" de pais de alunos que, se não tivémos uma forte estrutura emocional e um mínimo de convicção no que pretendemos atingir com nossas ações, em certos momentos corremos o sério risco de ficarmos paralisados, invadidos por uma sensação de impotência e tomados por um sentimento de solidão: na boca, um sabor amargo por estamos remando contra a maré de um mar de contra-valores, de desamor, de desrespeito, antiético e amoral.

Mas basta receber de um pai um voto de confiança explícito, um sorriso de agradecimento de um aluno, uma palavra de reconhecimento de um ex-aluno, o apoio de um colega, para que, como num passe de mágica, a energia cósmica ressurja em nós mais forte do que nunca, e a confiança no futuro se restabeleça: até a próxima crítica.

Orientadores Educacionais: Supernannys

Quem acompanha o trabalho da Supernanny, no SBT, sabe os milagres que a psicóloga Cris Poli tem feito no sentido de melhorar o relacionamento entre pais e filhos.

Cris declara que a visita à casa da Alessandra e Aníbal foi a mais triste de todas das sete temporadas, não porque as crianças tivessem muitos problemas diferentes das outras famílias, mas porque os pais se mostraram muito resistentes às observações e às mudanças introduzidas na casa.

Cris Poli se arrependeu de ter abandonado a gravação de seu programa Supernanny (SBT).

A apresentadora teve problemas com a mãe das crianças que seriam ajudadas. A discordância começou quando a educadora propôs que a família doasse para crianças carentes alguns brinquedos que não eram usados. A mãe não gostou da ideia e começou uma discussão com a educadora, que se sentiu desrespeitada e chorou.

Por meio de um comunicado publicado em seu blog, Cris Poli classificou o ocorrido na atração do sábado, 13 de março, como o “mais triste de todas as famílias”.

Ela também afirmou esperar que os pais revejam a decisão de confrontar seus métodos de trabalho: “Sinto muito, sinceramente, mas não dava para ser diferente. Espero que [os pais] reflitam sobre o acontecido e mudem, porque a atitude deles não ajuda na educação dos filhos”.

Segundo comunicado divulgado pelo SBT, Cris ainda acusou o casal de fingir, durante a gravação, ao aceitar a proposta de doar o excesso de brinquedos dos três filhos e depois reclamar do conselho com o diretor do programa, Ricardo Perez: “Decidi

não continuar com meu trabalho nessa casa, porque meu trabalho com as famílias é baseado na confiança que os pais depositam em mim, já que eles me chamam e me convidam para entrar na casa deles e me pedem para ajudá-los. Se eles não concordam com meu trabalho, não tenho mais nada para fazer na família”.

É quase sempre assim no trabalho de um Orientador Educacional: o problema não são as crianças e jovens, são os pais.

É muito difícil para uma geração que viveu os tempos do é proibido proibir, entender o quanto prejudicial é, para uma criança, não ouvir um não seguro, firme e embasado em porquês no momento certo.

Alguém já disse que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário, enfrentando consequências: é o que nós devemos, Orientadores Educacionais e Supermannys, continuar fazendo.

Orkut e Ex-Alunos

“Antes de salvar o planeta para a próxima geração querendo consertar os erros da geração dos seus pais, tente limpar seu próprio quarto”

Bill Gates

Em uma de minhas navegações pela Internet, resolvi, a convite de minha filha, via MSN, conhecer o tão comentado Orkut, a mais nova febre dos internautas.

O Orkut, para quem não sabe, é um site de relacionamentos que permite que o internauta tenha às mãos, num clique de mouse, uma lista de amigos e comunidades com perfis semelhantes: uma ótima ideia quando em boas mãos.

Mas existem sempre aqueles que, ao contrário de Míidas, transformam em fezes tudo aquilo em que colocam as mãos ou a cabeça oca: não faltam por aí blogues de Zés-ninguém insultadores de personalidades públicas.

É o caso lamentável, por exemplo, de ex-alunos que se aproveitam do espaço democrático da Internet para derramarem sobre seus ex-professores todo o rancor de uma vida mal sucedida e cheia de carências afetivas: são jovens que não aprenderam a amar e criam as comunidades de seus iguais, daqueles que usam seu tempo livre para relacionar as pessoas que mais odeiam: deve ser triste viver com essa obsessão.

Existe um texto intitulado “O professor está sempre errado” que demonstra bem a forma de pensar de alguns adolescentes: “Quando (o professor) brinca com a turma, é metido a engraçado, mas, se não brinca, é chato. Se chama a atenção é grosso, e se não chama, não sabe se impor. Se exige, é rude e, se elogia, é debochado. Se fala em voz alta, vive gritando, mas, se fala em tom normal, ninguém escuta. Se é jovem, não tem experiência e,

se é velho, está superado. Se fala corretamente, ninguém entende e, se fala a "língua" dos alunos, não tem vocabulário".

E vai por aí fora para concluir, ao final: "É, o professor está sempre errado, mas, se você conseguiu ler até aqui, agradeça a ele!".

É um texto simples, mas mostra bem a difícil tarefa enfrentada pelos educadores em um mundo globalizado e sem limites em que, felizmente (no caso de manifestações inteligentes e criativas) e, ou infelizmente (no caso de manifestações chulas e destrutivas), é livre a manifestação do pensamento e a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença, sendo vedado o anonimato.

Mas o Orkut, assim como a vida de um professor, também tem muitas coisas boas, muitas coisas sérias, muitas coisas que tornam sua vida ímpar.

Se, realmente, como está na Bíblia, pelos frutos se conhece a árvore, eu, particularmente, tenho muito a agradecer a Deus, pois muitos são meus ex-alunos que deram certo, e hoje fazem a diferença entre um mundo cão e um mundo em que os valores maiores do ser humano continuam a ser respeitados: Marcelo e Maurício Gasparini, Bete Tessuto, o Rodrigo Laguna, do Rod Hanna, Paulo Henrique Pastori (atual vice-prefeito), Nina Valéria Carlucci (Secretária dos Negócios Jurídicos), Heraldo Pereira (repórter da Globo), e muitos, muitos outros não tão famosos / conhecidos, mas que são, também, cidadãos íntegros, pais de família, filhos exemplares, dos quais sou parte, sem dúvida alguma, de seus superegos.

Parodiando Chaplin, permito-me dizer que os Orkuts e blogues da vida estão à nossa frente esperando para ser o que quisermos fazer deles, e aqui estamos nós, escultores, que podemos dar forma a eles: tudo depende só de nós.

Então, façamos deles pontos de encontro, de integração de comunidades, oásis de troca de belas mensagens e confraternização, com um único objetivo: a paz entre os homens, tão propalada e desejada na época do Natal.

Os Educadores de Plantão

No país em que todo mundo é médico e juiz de futebol, posso garantir que também existem muitos educadores de plantão.

É muita gente achando e poucas as pessoas dispostas a realmente discutir e resolver, objetivamente, os problemas e situações múltiplas que ocorrem dentro de uma comunidade escolar.

São centenas de famílias, cada uma delas com um determinado histórico de vida, vivendo realidades econômicas e sociais diferentes, com visões religiosas e políticas as mais variadas, tendo em comum, todas elas, a maior vontade de acertar na educação de seus filhos.

Como de boa intenção o inferno está cheio, não basta a vontade, mas teria que haver tempo de dedicação aos filhos e aos seus problemas, principalmente os problemas escolares que, supõem-se, sejam os principais a serem resolvidos na vida de um educando.

É comum, por exemplo, pais confundirem um alerta quanto a possíveis ocorrências que poderão levar seus filhos a situações desagradáveis, com insinuações: alguns pais adoram eufemismos.

Quer ver um desses pais furioso? Diga a ele que seu filho corre risco de vida (ou seria de morte?) se ele continuar com aquela agressividade que não resiste nem a um simples olhar do colega quando ele se levanta de mau humor. Parece até que ele (o pai) não vê televisão e nem lê jornais (talvez não leia mesmo).

Outro exemplo? Diga a um desses pais que o filho dele está dormindo na sala, ou que sentimos uma mudança de atitude, e ele logo perguntará, na maioria das vezes doído para ouvir

que poderá ser devido ao uso de droga, mas, se você disser algo parecido, ele o ameaçará com o estatuto do menor e do adolescente. Alguns chegam a afirmar: você pode até pensar isso sobre meu filho, mas não tem o direito de dizer, afinal de contas você é um Orientador.

E eu respondo: é possível orientar alguém sem encarmos a verdade, os fatos? É possível orientar e educar alguém sem a liberdade e a confiança de poder fazer as perguntas todas que possam levar a um momento de reflexão, de questionamento?

Os pais podem não querer esse tipo de diálogo ou de questionamento com seus filhos, ou a respeito de seus filhos, porque ele (o diálogo) deverá se estender por um bom espaço de tempo, exigirá argumentos, paciência, busca das causas, atitudes deverão ser tomadas para eliminação dos efeitos: é mais fácil e prático não tocar no assunto.

Muitos educadores de plantão, de cabeleireiras ou de boteco concordarão com esses pais, pois é mais fácil empurrar com a barriga: bastam os problemas financeiros e de relacionamento entre a grande maioria dos casais de pais.

Para o Orientador Educacional, porém, é questão de honra levantar e buscar soluções porque é no boletim, a cada bimestre, que o resultado se mostra palpável, óbvio e ululante.

Os Seios da Dona Clotilde

“Amor é a dialética entre a alegria do encontro e a dor da separação”

Tempus Fugit – Rubem Alves

No último mês de maio, eu, Presidente da ARE- Academia Ribeirão-pretana de Educação, entreguei ao emérito educador Rubem Alves o maior diploma do sodalício: a Palma Acadêmica.

A entrega ocorreu durante a conferência que o professor-doutor da Unicamp, Rubem Alves, realizou, sobre o tema Educação: Uma relação amorosa, no Centro de Convenções Ribeirão Preto, que marcou o lançamento do III Congresso de Educação de Ribeirão Preto e fez parte da programação paralela da 4ª. Feira Nacional do Livro. Rubem Alves é o primeiro homenageado com tal honraria, dedicada aos grandes nomes da Educação nacional.

Durante a palestra, que encantou os 1.200 educadores presentes, o palestrante falou sobre poesia, literatura, citou Fernando Pessoa, Roland Barthes, Nietzsche, falou do amor que desliza, de Narciso, da beleza, do aprender como ato de fazer amor com as coisas, de bem-te-vi, de galhos de árvores, de ipês floridos, de caminhadas de manhã cedinho, de cantar de grilo, de grades curriculares (possivelmente criadas por um carcereiro), do ritual antropofágico inerente ao ato de educar, da arte de aprender e de ouvir, de metonímias e metáforas, de sorteio substituindo exames vestibulares, e dos seios da dona Clotilde.

Todos nós deveríamos ter uma Dona Clotilde em nossa vida escolar, com seios fartos que eram retirados do sutiã e, rapidamente, oferecidos ao filho que trazia no colo, para amamentá-lo no decorrer das aulas. E os alunos, então, não

podendo ter os seios da Dona Clotilde, levavam sua pasta de livros, e chupavam o doce horrível vendido no bar do pai de Dona Clotilde: alimentavam-se, metonimicamente, daqueles seios ornamentados por veias azuladas.

Cada aluno procurava levar em si uma parte daquela mestra que os encantava, a exemplo do Corpo de Cristo, corpo e sangue, que alimentam e que se apresentam diariamente na celebração da Santa Missa.

E concluí: o educador inesquecível é aquele que mostra os seios para seus alunos.

Como Rubem Alves já escreveu em um de seus livros: “é bom caminhar com aqueles que sonham os mesmos sonhos, ainda que estejam distantes e o que deles se tenha seja apenas o que escreveram”, eu posso dizer que todos os que ali estiveram, não obtiveram respostas para sua angústias e dúvidas quanto aos rumos da Educação em nosso país, mas saíram convictos de que, contra a loucura forte dos homens que não se importam nem um pouco com o bem-estar de seus semelhantes e fazem da educação o que ela é hoje, só resta a loucura mansa dos homens de paz.

E nós, da ARE- Academia Ribeirão-pretana de Educação, assim como Rubem Alves, acreditamos nisso e, por meio de todos os caminhos disponíveis, buscaremos alcançar o que estabelece nosso lema: “In totum hominem promovere”. que significa “promover o homem por inteiro”.

País dos Bond, James Bond.

“O menor Luke Mitchell, de 16 anos, foi condenado à prisão perpétua em Edimburg, capital da Escócia, sob a acusação de haver assassinado a namorada, Jodi Jones, uma garota de apenas 13 anos”.

“The Guardian”

Um jovem estudante, de 19 anos, filho de diplomata, bate em dois outros veículos no setor central de Brasília e, após se recusar a fazer o teste de bafômetro, saiu impune do local, sob escolta de uma viatura do Batalhão da PM. Ele dirigia sem habilitação e com visíveis sinais de embriaguez. Ele poderia ter matado alguém.

Licença para matar 1.

Outro jovem mantém reféns duas menores de idade, durante 100 horas, ameaçando-as de morte. Bota a cara na janela, atrai nos jornalistas que faziam a cobertura, e é tratado como um bom rapaz endoidecido pela paixão: e, mesmo perturbado, dita as regras de um jogo macabro.

Licença para matar 2.

Em ambos os casos temos jovens que não sabem ouvir um não. Para eles tudo pode. São filhos de uma geração de pais criados sob o lema: é proibido proibir. Acreditam que o mundo gira em torno de seus umbigos: os pais fizeram com que acreditassem nisso ao baterem de frente com professores e autoridades que, um dia, tentaram mudar sua visão egoísta de mundo no qual vale mais o ter que o ser.

A única diferença é que o primeiro é protegido pela Convenção de Viena, e o segundo, pela tolerância irritante de nossa frágil legislação.

Nos jornais do dia seguinte, uma distribuição de órgãos: em torno de 8 pessoas terão suas vidas salvas.

Pelo andar da carruagem, em poucos dias, o assassino de Eloá será considerado um benfeitor da humanidade: matou uma jovem de 15 anos, mas salvou sete, e será protagonista de um futuro filme nacional.

Pena que não tenha salvado as sete com as próprias vísceras e órgãos.

O ameaçador dedo em riste do filho do embaixador no rosto da policial, e a face da jovem e indefesa Eloá, numa exígua janela do bloco 24, são imagens da semana que ensinam, de forma didática, que podemos desacatar as leis, tripudiar sobre os direitos e garantias constitucionais dos cidadãos honestos e pagadores de seus impostos, com a garantia de que nada, ou muito pouco, vai acontecer.

Tanto é verdade o que acabo de afirmar que nem bem os órgãos de Eloá foram realocados, e mais dois jovens atentam contra a vida de suas companheiras, dizendo-se inspirados em Lindemberg.

Tivesse um atirador de elite exercido a função para a qual é preparado com dinheiro de nossos impostos e, hoje, outros órgãos estariam sendo doados, e os adeptos da violência pensariam mais vezes antes de agir.

A imolação de cordeiros, em nome da proteção de bandidos, já está se tornando insuportável: a partir do momento em que alguém age como bandido, deve ser tratado como tal.

Justiça por Justiça: prefiro a escocesa.

Pensar e Escrever é Arriscado

“Odeio o coito quando não é mútua a desvairada entrega dos amantes”

Ovídio (43 a.C - 17 d.C)

Os mantenedores de uma escola do Rio de Janeiro demitiram um professor do Ensino Fundamental pelo simples motivo de que, segundo o estabelecimento de ensino, que tem como lema “Uma escola que estimula a expansão cultural”, recebeu informações de psicólogos e juristas condenando a combinação de professor e escritor em uma só pessoa.

O poeta e professor de Literatura, em questão, lecionava para turmas de 7º. e 8º. anos, é formado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica, obteve título de Mestre na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com a dissertação “Erotismo e Gramática, Índices da Defloração – Uma Leitura de Manoel de Barros”, de 1992.

Nada consta do corpo da notícia, no sentido de que o professor tivesse, em algum momento, pedido aos seus jovens alunos que entrassem em seu blog ou lessem seus poemas.

Concluo que algum pai, ao buscar no Google, madrugada adentro, sites eróticos, tenha descoberto o blog literário do professor Oswaldo Martins Teixeira e, desconhecendo as obras de Aretino e Giulio Romano, resolveu, denunciar o mestre, acusando-o de sacanagem.

Como esse pai não deve ter lido o Cântico dos Cânticos (Bíblia) e nem Arte de Amar (de Ovídio) mas paga R\$ 1.161,00 de mensalidade — nessa escola “moderna” e construtivista, porém refém de pais obtusos, cujo maior argumento diante da direção das escolas particulares é a quantidade de grana na conta

bancária — achou-se no direito de pressionar a direção e exigir a demissão do poeta que, infelizmente, precisa dar aulas para sobreviver.

E o pior é que, em geral, não há debate com esse tipo de país que, de forma covarde, busca a direção, fugindo de qualquer possibilidade de um diálogo racional e inteligente com os acusados, e exigindo posturas nazi-fascistas dos mantenedores das escolas particulares: aliás, é sintomático a diretora desse colégio estar na Alemanha, enquanto os demais responsáveis não se pronunciaram, e uma funcionária da secretaria desdenhou: “O que é que um jornal tem a ver com essa história (da demissão)”?

As tentativas de interferência de alguns pais, no cotidiano da vida escolar, é uma constante: querem discutir normas disciplinares — em princípio aceitas por eles no ato da matrícula — aplicadas aos seus filhos, escolher qual o professor que acompanhará excursões, modificar os critérios de avaliação, questionar obras literárias adotadas — em geral com posturas obscurantistas, dignas de censores paridos em republiquetas sul-americanas.

Por isso, oremos, professores poetas, para que possamos, sempre, trabalhar com mantenedores cultos, democráticos e esclarecidos.

Pérolas aos Porcos

“Não deis as coisas santas aos cães nem lanceis as vossas pérolas aos porcos”

Sermão da Montanha

Uma pesquisa recente revela que o brasileiro não é amante das matemáticas: quase 50% da população brasileira não conhece mais do que as quatro operações básicas, que são adição, subtração, multiplicação e divisão.

E isso não é matemática, é aritmética.

Aliás, o brasileiro, na realidade, e, na sua maioria, é amante do chope, do futebol, da música nem sempre de bom gosto (a tocada nos rádios, à exaustão) e de mulher.

Entre os jovens, infelizmente, qualquer tentativa de promoção de estudos de valores éticos, participação comunitária, envolvimento político, análise e leitura de textos universalmente reconhecidos, música clássica, teatro, etc, não passa de um exercício inútil de lançar pérolas aos porcos.

Felizmente existem alunos que são exceções: uns 10%, se tanto.

Alguns pais, com suas posturas, também colaboram no sentido de que as coisas permaneçam como estão. Ao invés de aproveitarem certos momentos para discutir com os filhos a importância de uma formação sólida (baseada em valores universalmente aceitos), reforçam as críticas em relação a atividades com esses objetivos, sugerindo à escola de seus filhos que faça algo mais alegre, mais divertido, mais “chamativo” para os alunos.

Recentemente, numa promoção do colégio onde trabalho — um exercício de cidadania — buscando promover a

valorização do voto e incentivando os jovens a participarem mais do momento político efervescente que nos propicia o período imediatamente anterior às eleições municipais, seis candidatos à prefeitura municipal, acompanhados de alguns candidatos a vereadores, puderam discorrer sobre programas de governo, sonhos, anseios, esperanças, tudo isso diante de uma plateia de crianças e jovens adolescentes cujas reações variaram desde a indiferença até à solicitação de autógrafos, passando pelo riso irônico, a manifestação ruidosa, o aplauso agitado ou agressividade contida.

A série de candidatos com apelidos, alguns absurdos, outros cômicos, outros infantis (a exemplo do nosso presidente Lula) levou uma das mães de aluno a concordar com a filha no sentido de que a escola estava perdendo tempo com palhaçadas, e já bastava o tempo perdido com a apresentação diária do programa eleitoral no rádio e na TV.

É óbvio que a desmoralização por parte de alguns, permitida legalmente, torna a campanha eleitoral mais parecida com uma apresentação de alcunhas de marginais procurados — que não podem expor seus verdadeiros nomes por algum motivo não declarável publicamente — ou, então, com um festival de besteiras que assola a cidade, mas isso não pode tirar o valor de todo um processo democrático que só foi atingido com lágrimas, suor e sangue de muitos que lutaram por ele durante a ditadura militar.

Conversando com um colega de profissão sobre esse assunto, ele me garantiu que o mesmo desinteresse, apatia, falta de compromisso, também tem ocorrido entre os jovens universitários.

Sinal dos tempos?

Precisa-se de Matéria Prima

Tem corrido pela Internet um artigo muito oportuno de João Ubaldo Ribeiro sob título "Precisa-se de matéria-prima para construir um país".

Nesse artigo, ele constata que ser brasileiro é pertencer a um país onde a esperteza é moeda sempre valorizada, onde ficar rico da noite para o dia é uma virtude mais apreciada do que formar uma família, baseada em valores e respeito, em que a gente se sente o máximo porque conseguiu "puxar" a tevê a cabo do vizinho, a gente fraudada a declaração de imposto de renda, a impontualidade é um hábito, as pessoas atiram lixo na rua e depois reclamam do governo por não limpar os esgotos, não existe a cultura pela leitura e não há consciência nem memória política; nossos congressistas ganham fortunas sem trabalhar, carteiras de motoristas e certificados médicos podem ser comprados, não se respeitam crianças e idosos, enfim, um país onde fazemos um monte de coisas erradas, mas nos esbaldamos em criticar nossos governantes. E vai por aí afora.

E eu me pergunto: como fica a escola, inserida nesse contexto? Como são os jovens que chegam à adolescência mergulhados nesse lamaçal? Como trabalhar valores num país em que já não acreditamos nos poderes constituídos?

É simples a resposta.

A escola recebe jovens sem limites, sem respeito pelo próximo, sem modelos, sem aqueles valores superiores — amor afetivo e afetivo-sexual, gratidão, cidadania, religiosidade, religião, disciplina, solidariedade, ética — que só a família pode proporcionar.

Dos valores acima, como educador, penso ser a disciplina — entendida não como ranço do autoritarismo, mas como

qualidade de vida — o principal valor para que se consiga trabalhar bem numa unidade escolar, tendo em vista ser ela um valor a ser aprendido, desenvolvido e praticado durante toda a nossa existência, a fim de que consigamos ter uma boa convivência social em todos os locais e em todos os níveis de relacionamento.

Penso que o objetivo da escola é educar a emoção e a autoestima, desenvolver a solidariedade, a tolerância, o raciocínio esquemático, a capacidade de gerenciar os pensamentos nos focos de tensão, a habilidade de trabalhar perdas e frustrações, enfim, formar cidadãos pensantes: e isso tudo não se consegue sem disciplina, sem uma razoável matéria prima.

E aí, quando as coisas não dão certo, alguns pais insistem em culpar a escola num tipo de exigência que equivale a cobrar de uma indústria a produção de móveis de luxo, a partir de matéria-prima de péssima qualidade, ou seja: é exigir a execução de uma missão quase impossível.

Respeito às Diferenças

“Atrás das aparentes diferenças, somos “algo” que nos une, que é igual em todos com diferentes modos de manifestar-se”.

Sathya Sai Baba

No decorrer da minha vida de educador, tenho aprendido muito sobre as diferenças.

Mas nada ensina mais a cada um de nós, sobre as diferenças, do que termos em nosso meio familiar um ser diferente.

Tenho notado que, na maioria das vezes, famílias com algum membro diferente — alguém com dificuldade maior do que as apresentadas por seres humanos considerados normais — apresentam, quando esses membros não são aceitos integralmente, algumas características marcantes em suas inter-relações familiares.

Seus componentes, em geral, são pessoas de bom nível social, que se preocupam com a imagem que um filho (a), com dificuldades em algum campo do conhecimento, possa representar no meio social em que vive.

Em geral, essas famílias são compostas por pais e outros filhos (as) “perfeitos”, que procuram evitar, de diversas formas, os constrangimentos criados por esses seres especiais.

Ou eles são protegidos por invisíveis redomas, dentro do possível, dos olhares indiscretos de amigos e conhecidos, ou, então, são usados como bandeiras para escancararem o preconceito da sociedade para com os diferentes.

Infelizmente existem aqueles pais que transferem para a sociedade as deficiências e defeitos dos filhos (as): querem,

usando a agressão verbal e até física, que o mundo se amolde às suas necessidades para solução dos seus problemas.

Outros pais fazem de conta que seus filhos (as) são normais e que podem enfrentar a vida como qualquer outro ser humano, criando, em todos os familiares envolvidos no processo, uma ansiedade doentia que não tem fim.

Enfim, são muitas as Rakellis — personagem da novela “Beleza Pura”, da Globo — na vida real.

Rakelli (Isis Valverde) é bela, e, segundo o próprio irmão, Anderson, é burra. Mas sua mãe insiste em dizer que ela merece sempre coisas melhores na vida. Ela fica infeliz porque ama um pedreiro e não consegue ser bailarina no Caldeirão do Huck.

Rakelli nunca teria sucesso, por exemplo, num vestibular, em que seus conhecimentos sobre Português, Química, Física, Biologia, Matemática seriam testados: mas ela sabe tudo sobre unhas, esmaltes e limpeza de pele.

E deveria ser respeitada por isso.

O importante para os pais que têm filhos com alguma dificuldade de aprendizagem é procurar saber, com amor e carinho, o que seu filho sabe e pode fazer de melhor, e incentivá-lo no desempenho dessa atividade, independentemente do valor que a sociedade dê ao tipo de profissão escolhida.

Romachellos

Dois eventos esportivos que monopolizaram as discussões no país — a não-convocação do rebelde Romário para a Copa do Mundo e a derrota deliberada do obediente Rubens Barrichello, na Fórmula 1 — levaram à publicação de diversos textos preocupados em se a discussão “rebeldia versus submissão” se aplica também à educação.

O dilema criado é: como formar pessoas ousadas, críticas e que sejam, ao mesmo tempo, capazes de aceitar regras e trabalhar em equipe?

É simples. Basta seguir exemplos de não-violência: Sócrates, Cristo, Gandhi, Luther King, para citar somente alguns nomes que, seguindo regras básicas de relacionamento humano, estabelecidas pela sociedade, conseguiram ser ousados e críticos: romachellos?

Quando um jovem entra em minha sala, acusado por algum professor de ter cometido deslize na sala de aula, a primeira coisa que pergunto é: o que você tem a dizer?

Ouvindo a versão/aluno, aguardo pela versão/professor: nunca coincidem.

Vem, então, o momento de reflexão com o jovem na tentativa de, com ele, descobrir o que o está ofendendo ou agredindo nas atitudes do professor, pois quero acreditar na desobediência civil que representa a desobediência dos cidadãos em sua sociedade, diante de certas condições ou de diversas leis, em particular porque elas os ofendem, elas os agridem.

Diante desse futuro cidadão e não súdito, converso sobre direitos e deveres, pergunto sobre quais as regras disciplinares estabelecidas entre eles (alunos) e professores, esclareço que uma medida tomada só é injusta quando uma minoria a torna

obrigatória para a maioria (que não foi consultada), o que não deve ocorrer no nosso colégio, visto que as regras de convivência devem ser estabelecidas entre professores e alunos, classe por classe, no início do ano letivo. Friso a necessidade de leis para o bom andamento da vida escolar.

Mesmo o crítico mordaz e filósofo-educador polêmico, Nietzsche, fala da necessidade de se adestrar o jovem, significando fazê-lo obedecer a certas regras e adquirir novos hábitos, torná-lo senhor de seus instintos e hierarquizá-los, de modo que o instinto de “saber a qualquer preço” não se sobreponha. E completa: “O produto desse adestramento não é um indivíduo fabricado em série, adaptado às condições de seu meio, a serviço das convenções do Estado e da Igreja, mas um ser autônomo, forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo, sem precisar recorrer a qualquer instância autoritária. Tem-se então alguém que se atreve a ser ele mesmo e a destacar-se do homem comum, capaz de agir voltado para o futuro, e não apenas para a sociedade existente”.

Enfim, penso serem fundamentais os “Romachellos”: nem rebeldes, agressivos, individualistas, egocêntricos, renitentes como Romário e nem passivos, obedientes, submissos, racionais como Barrichello.

Rubem Cione: O Mestre

**“Não podemos escolher como vamos morrer.
Ou quando.
Podemos somente decidir como vamos viver”.**

Joan Baez

Sou professor e, se um dia merecer ser lembrado após minha morte, que o seja como educador.

Por isso, penso que a melhor homenagem que poderíamos prestar ao Dr Rubem Cione seria a de relembrar os momentos, quase todos eles, em que se portou como verdadeiro Mestre.

Com palavras, atitudes ou gestos, ele sempre lembrava o professor, aquele Mestre antigo que era compreendido e a quem se obedecia com um simples, mas significativo olhar.

Conheci o Dr. Rubem Cione, um homem alto, esguio, vestido impecavelmente com terno e gravata, quando, aos 12 anos, ao caminhar pela Florência de Abreu, rumo ao Otoniel Mota, o Estádio, eu assoviava o Hino Nacional. Com sua figura que sempre me lembrou Dom Quixote, aproximou-se educadamente de mim e disse-me que eu não deveria assoviar o Hino pátrio: não era correto. Terminei o percurso em silêncio, pensando em quem seria aquele homem que tão gentilmente havia me advertido em plena rua.

Quando fui aceito como acadêmico da ARL- Academia Ribeirãopretana de Letras, mantive os primeiros contatos com aquele respeitável ex-presidente e fundador, uma figura sempre amável, serena, sorridente, mas sempre firme em suas posições e manifestações, ouvido por todos com muito respeito e admiração.

Sempre apreciei os discursos do Dr Rubem, nas reuniões

festivas da Ordem dos Velhos Jornalistas, com muita atenção e carinho: era um Mestre da oratória. Seus discursos eram precedidos pela menção de cada um dos presentes, e ele sempre procurava destacar o que de melhor poderia dizer sobre seus ouvintes. Depois, sempre contava um fato, uma história, um ocorrido, levando seus ouvintes ao passado, a fatos que marcaram a história de nossa cidade, que ele conhecia como ninguém: conviveu com nomes importantes e inesquecíveis que fizeram a história ribeirãopretana e nacional: ouvir Rubem Cione era ouvir uma testemunha viva.

O Mestre também sempre se manifestava nos nossos contatos telefônicos, infelizmente não muito frequentes.

A cada pergunta correspondia sempre uma explanação didática, concisa, firme, sobre o assunto ventilado. Eram precisas e objetivas as suas orientações sobre Direito, suas manifestações sobre a Política ou sobre assuntos que envolvessem a cultura ribeirãopretana.

Por duas ou três vezes, tive a oportunidade de ser seu motorista, levando ou trazendo o ilustre passageiro para algum encontro ou solenidade. Esses momentos, sempre raros e curtos, eram momentos de aprendizagem sobre a vida, as relações e fraquezas humanas, o papel dos líderes, as ocorrências que marcaram sua rica e profícua existência, e que ele mencionava como exemplos de vivência a serem ou não aproveitados.

Estive com ele na inauguração de seu busto, na praça XV de Novembro: sempre foi um homem que nunca se sentiu merecedor das homenagens a ele prestadas. Quando dedicamos a ele um troféu da ARE- Academia Ribeirão-pretana de Educação, Meu Mestre Inesquecível, ele, impossibilitado de ir à cerimônia, por motivo de saúde, enviou-me um bilhete manuscrito: "Meu caro Tórtoro, estou, por esta, autorizando o Sr. Ângelo, a buscar a minha respeitável láurea que, graças à sua lembrança, venho recebê-la, sem méritos para tanta honraria. Afetuosamente, seu amigo e admirador, confrade e colega".

Era o Mestre Educador ensinando a modéstia.

Quando publicou o V volume de sua História de Ribeirão Preto, falei com ele sobre a possibilidade de promovermos a venda dos livros com um porcentual revertido para uma instituição de caridade de Ribeirão Preto: ele atendeu prontamente à minha sugestão, e a doação só não ocorreu por falta de interesse da instituição em questão.

Rubem Cione ensinava com exemplos práticos.

Durante uma gincana cultural do Colégio Anchieta, o Mestre, já com mais de 84 anos, fez questão de estar presente, a fim de falar para centenas de jovens sobre a importância de Ribeirão e de sua história. Aliás, nosso último contato foi quando pedi a ele 4 exemplares da História de Ribeirão Preto, para serem colocados em locais estratégicos e históricos de nossa cidade, a fim de serem encontrados por alunos participantes da gincana: os livros foram doados aos alunos com a dedicatória especial do autor.

A voz do Dr Rubem, ao telefone, é, para mim, inesquecível. Falei com ele, pela última vez, há mais de um ano, mas jamais me esquecerei da voz rouca, pausada, demonstrando imenso cansaço, mas também enorme carinho e respeito por mim: foi com voz firme e decidida, apesar do processo de perda de saúde, já em andamento, que recebi dele força, produzida por sábias e fundamentais palavras de apoio incondicional, que me permitiram resistir ao golpe que sofreu da parte de alguns acadêmicos, no início de 2006.

Eu não fui ver seu cadáver na Câmara Municipal de Ribeirão Preto: preferi guardar as imagens que tenho dele em vida, e buscar, em minhas orações, pedir a Deus que receba a sua alma com o mesmo carinho com que ele recebeu Ribeirão Preto como sua cidade.

De sua vida, de sua biografia, de seus títulos, de seu trabalho, muito se falou na mídia local. Também muitas histórias foram contadas por seus ilustres alunos e companheiros de advocacia.

Eu só posso falar dele como Mestre, professor, não tendo sido, infelizmente, um de seus discípulos nas faculdades em que lecionou: aprendi muito com ele na pouca parcela de sua vida em que convivemos.

Guardo com carinho a sua última dedicatória a mim dirigida em seu livro, datada de 23 de outubro de 1997: "Para o meu prezadíssimo presidente e amigo, com o meu aplauso pelo seu trabalho pela cultura local e o renome de nossa academia, juntando o meu abraço cordial e afetuoso".

A obra histórica do Dr Rubem Cione revela nossa cidade ao Brasil, e é um trabalho que deveria ser conhecido, via Internet, por todos: "uma saga flamejante, invocando, registrando os fatos passados, vaticinando futuros e vivendo o presente. Legado para ser conhecido e respeitado pelas gerações que nos sucederão, porque nós, desta geração, como as que nos antecederam, vamos também passar..." .

Finalmente, guardo comigo a firme convicção de que o mestre Cione recolheu-se feliz porque nada foi em vão nessa sua jornada histórica e pedagógica.

A ele, minhas sinceras homenagens póstumas, tendo a certeza de que lhe prestei todas as que pude, como confrade, discípulo e amigo, ainda em vida.

Publicado na revista Expressão de junho de 2007.

Santa Clara, Clareai !!!

Há horas na vida em que se faz necessário tomar atitudes pouco simpáticas, alertar para certas verdades, porque não se fazem omeletes sem quebrar ovos.

E por falar em quebrar ovos: seria politicamente correto arrebeitar ovos uns nos outros para se comemorar o dia do aniversário de alguém?

Apesar de sabidamente ser o termo “politicamente correto” um dos bordões mais controvertidos dos nossos tempos, é preciso abrir a discussão no sentido de se chegar a uma posição quanto a ser correto, ou não, o desperdício de comida num país em que tantos ainda lutam para conseguir uma mísera mistura que possa tornar mais palatável o ressecado arroz de cada dia.

Por exemplo. Penso que os pais deveriam questionar com seus filhos se não deveríamos substituir o arroz atirado nos noivos por areia, terra, pó de mico ou substituir os ovos que são atirados nos aniversariantes por pó de arroz ou tinta.

Ambos os casos, é importante frisar, ocasionariam uma sujeira danada para alguém que, com razão, muito aborrecidamente, seria encarregado de limpá-la. Haveria o risco de ser atingida uma pessoa que não tivesse nada a ver com a comemoração, ocorrendo, então, uma possível discussão e, consecutivamente, troca de ofensas e agressões físicas. Também, na busca de atingir os participantes da “brincadeira”, ou de fugir do banho de gemas e claras, alguém poderia vir a ser atropelado por estar atravessando a rua sem os devidos cuidados.

Enfim, são muitas as variáveis possíveis estabelecidas rigidamente pela Lei de Murphi.

Como responsável pela disciplina de um colégio particular, resolvi tomar minhas precauções para evitar os acidentes

“ovulares” acima e também garantir o emprego do nosso segurança que, com absoluta certeza, será o primeiro a ser responsabilizado, caso algo aconteça nesse sentido e, então, sugeri uma pena alternativa aos meus jovens educandos: cada um deveria trazer uma dúzia de ovos para serem doados a uma instituição beneficente na presença deles.

Dadas aos alunos, e aprovadas, quase que por unanimidade, as devidas justificativas para a tomada de decisão, fui surpreendido pela reação de alguns pais.

Um deles disse que não concordava com a punição “porque a filha havia atirado somente um ovo”.

Outro, fiquei sabendo, disse que pensava da mesma forma que eu, mas havia aberto exceção somente por ser o dia do aniversário do filho.

Um outro entrou em contato comigo para elogiar a medida e dizer que havia reforçado o discurso feito por mim e que estava mandando o dinheiro para compra dos ovos.

E, finalmente, outro fez questão de que o filho utilizasse o dinheiro do próprio lanche, fosse até o supermercado e comprasse os ovos a serem doados.

No frigid dos ovos: cada cabeça uma sentença.

Voltei para casa e fiz uma simpatia que minha sogra, a Dona Olga, me ensinou, para evitar o temporal e clarear o tempo: peguei um ovo fresco, risquei nele, com cinzas, uma cruz do seu lado mais largo, pedi para Santa Clara clarear a mente de todos nós na luta pela educação de nossos jovens, deixei o ovo no jardim, entre as flores, e rezei um Pai-Nosso e uma Ave Maria em agradecimento.

O que mais poderia fazer?

São Paulo Futebol Clube e os Jovens Estudantes

“Não se ganham competições sem preparo, tampouco se fazem campeões sem competência”

Içami Tiba

Não querendo utilizar-me dos exemplos futebolísticos, como sempre o faz nosso presidente Lula, mas já os utilizando, penso que o que está acontecendo com a equipe do São Paulo Futebol Clube, neste campeonato brasileiro, é o que está ocorrendo com a grande maioria dos jovens estudantes: faltam a eles objetivos e motivação.

Assistir aos jogos do tricolor do Morumbi, atualmente, está sendo um verdadeiro sofrimento. Os jogadores estão andando em campo, pisando a bola, cabeceando contra o próprio gol, assustando-se com passes um pouco mais rápidos dos colegas, e tudo isso porque já estão classificados para a Libertadores da América. Nessas alturas do campeonato, classificar-se em qualquer lugar, que não seja o primeiro, não tem valor algum, não faz a diferença.

Assistindo a uma partida entre Milan e Juventus, pelo campeonato Italiano, vi o quanto é diferente um jogo de futebol em que um título importante está em disputa. Existe a pegada, a gana de invadir e permanecer no campo adversário, existe a explosão de uma vibração incontida — de criança que ganha um presente muito desejado — que parte de técnicos, reservas e da torcida quando o gol acontece: existe vida.

A desmotivação e a apatia dos jogadores do São Paulo lembram muito o desinteresse pelos estudos com que a maioria dos jovens, hoje, atormentam a vida dos pais e dos professores.

Mesmo para os jovens que frequentam escolas particulares e que vêm de famílias mais estruturadas, independentemente de sua classe social, e que aparentemente estão à margem de risco social, falta perspectiva de ascensão social diante das dificuldades de se conquistar o primeiro emprego e de se profissionalizar. A falta de política cultural, esportiva, de saúde e educação, além da enxurrada diária de incentivo ao consumismo, violência e sensualidade a que todos estamos à mercê por todos os meios de comunicação que vão desde a televisão até a Internet, acabam por influenciar negativamente esses jovens que, para se autoafirmar ou conquistar espaço e respeito em seu grupo de convívio, partem para práticas violentas e ilícitas que vão desde consumo de álcool e drogas, podendo chegar a homicídio qualificado.

Assim como os jogadores do tricolor paulista garantem que, no torneio mundial interclubes, marcado para dezembro, eles não decepcionarão sua torcida, assim também os jovens garantem aos seus pais que, no momento oportuno, saberão mostrar todo o seu potencial, garantem que passarão nos exames vestibulares, garantem que podemos “ficar frios”, e já conhecemos o final dessas histórias.

Sabemos que não é assim que as coisas funcionam.

Quem não está habituado aos constantes estudos, pesquisas, à concentração, ao desgaste de avaliações e confrontos, às exigências do cotidiano, não conseguirá superar-se no momento em que atitudes mais firmes e duras forem exigidas para consecução de objetivos.

É importante que se saiba aonde chegar, e apertar o passo na dança da vida, pois o tempo é curto, e a música pode acabar.

Se Ficar o Bicho Come.

“A escola, pouco a pouco, assumiu um perfil quase familiar, e os pais, pouco a pouco, se colocaram no papel de auxiliares do ensino escolar”

Rosely Sayão

A suspensão tem sido a última e mais radical medida tomada pela escola, para tentar alertar os pais quanto às dificuldades de seus filhos para se adequarem às mínimas normas de boa conduta, estabelecidas pelas instituições de ensino, e criadas para que haja respeito aos demais colegas de sala e aos professores que matam um leão por dia para conseguir realizar bem seu trabalho, ou seja, dar aula.

Mas alguns pais não entendem a mensagem.

Alguns chegam a sugerir, por escrito, em cartas manuscritas endereçadas aos administradores e educadores do colégio, se “não seria interessante, ao invés de deixar o aluno em casa, fazê-lo se ocupar na escola, de algum trabalho referente ao seu erro”.

Possivelmente a diretora de um colégio municipal de Petrópolis, Maria do Rosário, seguiu à risca a sugestão de uma dessas mães: colocou um dos alunos que estava sem uniforme para limpar banheiros e salas de aula.

Consequência: foi parar nas páginas da revista *Época*, numa nota denominada “Humilhação na sala de aula”.

Isso posto e não tendo como objetivo agradar a gregos e troianos, o educador deve agir de acordo com suas convicções e princípios, não tendo a preocupação de, no final do ano, ser convidado para ser patrono ou patronesse nas formaturas.

O professor Júlio Groppa Aquino, da Faculdade de Educação da USP, foi muito feliz em seu artigo intitulado “A

dor da lucidez", publicado na Revista da Educação: ele propõe, contra o que denomina "afeto pedagógico", uma antítese cabal: a solidariedade intelectual.

"Trata-se da atitude daqueles que não desejam nem fomentam nenhuma admiração pessoal, nenhum compartilhamento de intimidade, nenhuma sedução para agradar a freguesia. São rigorosos, mal-humorados até, exatamente porque não negociam com seu posto profissional. Pagam um preço alto por suas escolhas. Apenas alguns alunos, talvez, os compreenderão mais tarde, quando já não estiverem mais por perto. Com eles aprendemos que só pode haver educação onde houver gerações em saudáveis confrontos. De um lado, o mais velho, lutando para impor um olhar voltado ao passado, um olhar vagaroso e atento aos detalhes do mundo. De outro, o mais novo, lutando com todas as forças para não deixar macular seu olhar inaugural sobre a vida, um olhar quase sempre plasmado no presente e suas exigências. Dessa mútua incompreensão nasce, lentamente, o germe da solidariedade intelectual: uma atitude que em nada se assemelha ao comungar, respeitar ou dialogar, mas antes ao constringer, rivalizar, guerrear — sempre em nome de determinadas ideias que merecem durar no mundo quando dele já tivermos desertado. Uma atitude de interpeleção constante, sem limites, sem piedade. A atitude de um Professor. E ponto final".

É como disse Rosely Sayão, psicóloga e escritora, em seu artigo "A difícil relação entre pais e escola", na Folhaequilíbrio: "vida escolar significa, também, aprender a viver coletivamente, a conviver com situações nem sempre agradáveis, a se frustrar por não conseguir o que queria, a sofrer por ser apenas mais um entre tantos".

A vida escolar deve ser um vestibular para a universidade da vida.

Prefiro ficar, e ponto final.

Ser ou Não Ser Britânico?

Fala-se muito da pontualidade britânica.

O horário dos coletivos, na Europa, são anunciados em horas e poucos minutos: que inveja!

No Brasil, em particular em Ribeirão Preto, chegar no horário marcado é quase constrangedor: você é sempre o primeiro.

Na escola, então, cumprir horário é briga certa.

Sair com o ônibus de excursão no horário marcado é prenúncio certo de caras feias, choradeiras, reclamações com a direção, e, quando não, uma correria de automóveis atrás dos ônibus já na estrada, rumo ao compromisso assumido.

Os pais retardatários apoiam-se no argumento: é só aqui nessa escola que o ônibus sai no horário.

No cumprimento de normas que estabelecem as regras de chegada para a primeira aula do dia, então, a coisa pega: sempre existe uma justificativa para a chegada com atraso: e aí, se você questiona a validade da justificativa, mesmo que seja a terceira ou quarta vez na semana: se não apanhar, ou for ameaçado com uma denúncia à direção, estará sujeito à execração pública nas cabeleireiras e shoppings da vida. É incrível a falta de respeito do aluno retardatário, para com os próprios colegas e professores, ao tentar impor a sua entrada, com atraso, em uma aula em andamento: algumas pessoas agem como se o mundo girasse em torno do próprio umbigo.

E os pais?

Iniciar uma reunião de pais e mestres no horário pré-estabelecido é passar pelo incômodo de ser interrompido minuto a minuto durante meia hora, no mínimo, e, ao final, ter que repetir, em particular, tudo que foi dito, para não correr o risco

de ouvir, a qualquer momento, no decorrer do ano letivo; mas vocês não avisaram isso ou aquilo.

É preciso ter em mente que, numa escola, lida-se com centenas de famílias, cada uma com seus problemas específicos e particulares e que, se todas os problemas desaguarem na escola e propiciarem a quebra de normas, será mais interessante rasgar o Regimento Interno e jogá-lo no lixo: far-se-á o caos.

O caos e a falta de autoridade não são benéficos a ninguém; vide Bagdá, logo após a invasão norte-americana.

Ironicamente, os mesmo país que insistem em quebrar regras no colégio do seu filho são os primeiros a reclamarem quando a quebra de regras implica prejuízos ao seu bem estar e de seu filho: façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço.

Diante da situação exposta, é reconfortante atender a país que vêm ao colégio, não para impor suas ideias, mas, sim, para conhecer a dinâmica do cotidiano escolar, refletir com a coordenação e sugerir medidas exequíveis e práticas: que podem ser aplicadas a toda a comunidade escolar, e não só ao seu filho.

Esse tipo de participação da família na vida escolar é imprescindível: eu, particularmente, gosto de críticas, mas construtivas e acompanhadas de soluções inteligentes, porque, só assim, podemos melhorar o atendimento a todas as famílias que nos confiam grande parcela da educação de seus filhos.

Sexo Ideológico

Parado num ponto de ônibus, numa das raras vezes em que tive a necessidade de — por estar meu automóvel fazendo uma revisão programada — usar um desses veículos públicos, ouvi de uma senhora bem vestida, de classe média alta, um comentário sobre o ocorrido no colégio da filha.

Ela estava indignada pelo fato de terem permitido a entrada, durante o recreio escolar de sua filha, de um grupo de jovens ligados a uma empresa de modelos, a Ford Models Brasil, para divulgarem o dia de inscrições de novas candidatas a Gisele Bündchen.

Ela não compreendia como uma escola podia permitir que esse “tipo de gente” fizesse a cabeça dos jovens adolescentes, sem que os pais fossem consultados com antecedência. Dizia, ainda, que a filha, já convicta por dedicar-se à carreira de estilista, sentiu-se abalada com a possibilidade de vir a ser modelo.

Fiquei pensando: será que aquela senhora sabe que estilista é aquele que dita moda e cria coleções de roupas e acessórios, exercendo forte influência sobre a maneira como as pessoas se vestem? Será que ela sabe que ser estilista não é apenas ser desenhista de moda, e sim criar vestuário adequado a cada tipo de pessoa?

Enfim, será que aquela senhora sabe que precisará do digno e quase regulamentado trabalho desse “tipo de gente” para que a filha dela possa, no futuro, mostrar suas criações?

Conta Millôr Fernandes que: “Garcia Márquez mais uma vez foi visitar Fidel. Com carinho tece-lhe elogios, minuciosos e excessivos. É isso aí — intelectuais não resistem a um ditador. Raramente tomam o poder. Mas gostam de ser valet de chambre, criados de quarto. Adoram um boquete ideológico”.

Nossa sociedade, em geral, parece adorar a referida prática ideológica, pois vejamos:

Pagam em euros e/ou dólares para estarem por alguns momentos perto de Gisele Bündchen, lotam espaços onde ocorrem os desfiles de modas para verem o que há de mais moderno e atual em termos de vestir-se bem, compram revistas e assistem na TV a programas que entrevistam ou contam particularidades do dia a dia desse “tipo de gente”: enfim, sonham poder estar, ou ver alguém da família, estar nesse meio de glamour e fartura.

Será que, na cabeça daquela senhora desavisada, ser modelo rica pode — ela deve comprar a revista *Caras* todos os meses — mas saber como ingressar na carreira, não pode?

Ou será que a filha dos outros pode inscrever-se “nessas bobagens”, mas a dela não pode?

Um recado a essa cara senhora: uma escola tem o dever e a obrigação de abrir suas portas — desde que isso não implique perder momentos de aula efetiva — para qualquer que seja a possibilidade de uma profissão futura de seus educandos: qualquer profissão é digna, desde que exercida para o bem do próximo e em favor do progresso da sociedade.

Excluir qualquer tipo de atividade permitida por lei é, no mínimo, prática nazista: ... “Primeiro eles vieram atrás dos comunistas e eu não disse nada porque não era comunista. A seguir, vieram atrás dos judeus e eu não disse nada porque não era judeu. Depois vieram atrás dos católicos e eu não disse nada porque nunca o fui. Quando vieram atrás de mim já não havia ninguém para falar em minha defesa” — Martin Niemöller.

Millôr continua tendo razão.

Síndrome de Hannibal

“Na fase oral, ou fase da libido oral, ou hedonismo bucal, o desejo e o prazer localizam-se primordialmente na boca”.

Sigmund Freud

Em cada final de bimestre, a maior dificuldade para os educadores é esperar pelos pais que não conseguem alguns poucos minutos para se dedicarem à vida escolar de seus filhos.

Enquanto os pais não têm tempo para os filhos — uma reclamação feita por jovens no programa da Globo, Profissão Repórter, com Caco Barcellos, sobre o tema: Escola de Periferia — eles sempre encontram maneiras de chamar a atenção: não estudam, refugiam-se em seus quartos acompanhados da TV, do computador e do celular, seus companheiros quase inseparáveis de solidão.

Quando esses jovens se encontram, trocam tapas, chutes, ofensas, puxões de cabelo, correm uns atrás de outros, derrubam refrigerantes, jogam rolos de papel higiênico dentro das privadas, fazem guerra de papel toalha embebido em água, gostam de zoar com tudo e com todos.

Nas salas de aula conversam até serem chamados à atenção, jogam aviões de papel, pedaços de borracha e de lápis, destroem carteiras com tesouras e estiletes.

No MSN e Orkut, ofendem colegas, xingam professores, divulgam fotomontagens, criam falsos perfis e comunidades racistas, ofensivos às minorias.

Sozinhos pulam do alto das escadas, gritam palavrões pelas janelas, roubam pequenos objetos de mochilas, furtam de dinheiro a celulares.

E agora os jovens estão se mordendo.

João morde o rosto de Maria, que morde o pescoço de Irene, que morde o braço de José, que morde, que morde, que morde.

Por enquanto não chegaram a arrancar pedaços, como o personagem de Thomas Harris, cuja obra foi retratada no filme “O Silêncio dos Inocentes”, mas deixam marcas avermelhadas, arroxeadas: parecem querer deixar no corpo dos amigos a mesmas marcas que pichadores deixam nos prédios e muros, para demarcarem espaços.

Parece uma forma estranha e assustadora de dizer: eu estou aqui.

Tenho a impressão de que, por falta de comunicação adequada na infância, fixaram-se na fase oral, manifestando-se esse fato durante a adolescência, na forma de jovens dependentes, ou que, em outras palavras, precisam empregar a força e a astúcia para conseguirem o que desejam, inclusive o amor e a atenção de seus pares nas relações que querem estabelecer no ambiente escolar, pois vejamos: “Na criança de mais ou menos um ano, a ansiedade causada pelo início do complexo edípico, toma a forma de um temor de ser devorada e destruída. A própria criança deseja destruir seu objeto libidinoso, mordendo-o, cortando-o e devorando-o, o que provoca ansiedade, já que o despertar das tendências edípicas é seguido pela introjeção do objeto, que se transforma em alguém de quem se deve esperar um castigo. A criança teme um castigo que corresponda à sua ofensa: o superego se transforma em algo que morde, corta, devora. (Klein, 1981, p. 254)”.

Enfim, como afirma Maria Beatriz Jacques Ramos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, “o passado deles se expressa no sintoma, mostra-se nos atos, emoções e relacionamentos. O traumático é carregado de afeto, a pulsão de morte afasta o outro, tira-lhe o significado, produz desligamento. Nisso, reside a severidade do superego kleiniano,

a hostilidade voltada contra si mesmo e o outro. Amor, ódio e agressão constituem a vida mental; os estados mentais, as defesas conservadoras”.

Só resta aos educadores, no dia a dia, trabalhar com essa realidade cruel que nos foi legada pela pós-modernidade, pela revolução industrial, pela globalização, deixando a explicação para psicólogos e psiquiatras — se é que terão tempo com seus consultórios abarrotados de desajustados — após estudos mais aprofundados.

Klein ou Freud explicam?

Só Para Zoar

Segundo o dicionário Houaiss, zoar é fazer grande ruído, emitir ou produzir som forte e confuso. É também fazer troça de, rir de alguém ou fazer-lhe uma brincadeira, por divertimento, caçoar, gozar, promover confusão, desordem.

É muito comum, no meu trabalho como Educador, ouvir alunos, e até pais, justificarem certas atitudes, que incomodam a outrem, como sendo simplesmente um zoar.

Ouvir um som de exagerados decibéis, mesmo que em sua própria residência, ou no próprio automóvel, já causou mortes.

Sair gritando pela rua, ou falando alto, após determinado horário, também já ocasionou mortes.

Nenhum argumento justificaria a perda de uma vida humana nas situações acima.

Mas é preciso entender que a vida não está fácil para a maioria da população, e que qualquer motivo, por menor que seja sob o ponto de vista do causador, sempre poderá ser motivo para reações violentas por parte do receptor.

Penso que as crianças e jovens estão sendo educados sem se preocuparem com uma regra fundamental da coexistência pacífica: o meu direito termina onde começa o do outro.

Ninguém é obrigado a aceitar passivamente a zoeira de quem quer que seja, e por qualquer motivo que seja.

É preciso que os pais ensinem seus filhos a lerem nas entrelinhas das mensagens que são divulgadas pela mídia: é tempo de guerra, de tensão, de estresse, de dificuldades financeiras.

Não é tempo para zoeiras e alegrias exageradas, que possam, de alguma forma, vir a agredir os milhares de infelizes que convivem nesse injusto caos social.

Vivemos em tempo de faroeste em que pode ocorrer a morte de um segurança, porque o bandido — bem vestido, às vezes até com roupa de policial, postura aparentemente impecável — atirou primeiro: isso não justifica, mas explica, porque alguém, de repente, pode assustar-se com uma zoeira (ruído, gritos, ou atitudes aparentemente suspeitas) e atirar, precipitadamente, como forma de autodefesa.

Nos dias de hoje, é preciso saber que o maior perigo mora ao lado de qualquer um de nós que insista em achar que não existem limites, que a rua é pública, que as regras e convenções sociais existem para ser desrespeitadas, que só vale a lei escrita (e talvez nem elas), e que todo mundo tem que aceitar, de bom humor, ser zoado.

No mundo cão em que vivemos, zoar pode custar a vida.

TDAH – Transtorno Devido Ausência de (bons) Hábitos

Nos últimos anos tem me preocupado muito a facilidade com que alguns colegas meus, professores, têm dito aos pais que seus filhos estão com TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade ou também chamado DDA – Distúrbio do Déficit de Atenção.

Minha preocupação vem do fato de que, mesmo com critérios de diagnósticos discutíveis no meio médico, o consumo de medicamentos, usados no tratamento do transtorno, só faz aumentar: e isso eu tomo conhecimento por meio das informações que me são passadas pelos pais desses alunos.

Muitos pais pareciam ficar felizes com tal diagnóstico porque encontram nos psicotrópicos que “acalmam” e “concentram” crianças consideradas hiperativas e com baixo rendimento escolar uma desculpa para encobrir a falta de respeito ao próximo (colegas, professores, coordenadores, orientadores, diretores), com a qual seus filhos se acostumaram diante da falta de educação deles, que deveria vir de casa. Cada vez mais ausentes da rotina dos filhos, eles dispõem de menos tempo e paciência para educar, ensinar limites e dar atenção. Nesses casos o remédio é sempre a maneira mais fácil de amenizar a questão.

A especialista em psicopedagogia, Laura Monte Serrat Barbosa, de Curitiba (PR) diz bem do que vem ocorrendo nesse sentido: antigamente as crianças tinham horário para almoçar e fazer suas obrigações. Hoje, não. Passam a maior parte do tempo longe dos pais e fazem elas mesmas seus horários. A sociedade torna as crianças hiperativas e depois as medica. A consequência mais trágica disso, para ela, é responsabilizar a criança pelo atraso da escola, introjetar a doença e prejudicar a construção da

autoestima com rótulo que lhes é colocado. Ela revela que teve um aluno que, quando pedia algo a ele, ele respondia: "Mas eu tenho TDAH". E não fazia mais nada porque acreditava que era incapaz.

Por outro lado, os educadores parecem não estar preparados para trabalhar com alunos fora dos padrões ideais, tratando-os com hospitalidade, ou seja, com acolhimento afetuoso. Em geral, esse transtorno é sempre detectado em crianças que incomodam porque são contestadoras, pois, em muitos casos, na entrevista com os pais, os alunos demonstram uma enorme facilidade quando o assunto é computador, ou seja, não aprendem na escola, mas aprendem assuntos mais complicados no cotidiano? Onde fica o distúrbio cognitivo detectado em sala de aula?

Recentemente assisti ao filme "Uma mente brilhante", sobre a vida de John Nash, Prêmio Nobel de Economia, em que seus professores da escola não reconheciam sua grande capacidade intelectual e pensei: quantos gênios não estão sendo castrados e sedados a fim de permitirem que os médicos continuem ganhando mais dinheiro, os grandes laboratórios vendam mais remédios, os pais recebam menos reclamações sobre seus filhos e alguns alunos continuem a se aproveitar da situação de "doentes" por conveniência?

Para pais e educadores interessados no assunto, sugiro leitura do artigo "Nenhum remédio educa", de Lívia Perozim, na Revista Educação, de dezembro de 2005.

Travessia

Tendo em vista os péssimos resultados obtidos pela rede pública brasileira de ensino, numa pesquisa realizada pela UNESCO, em 41 países, mostrando que os alunos da rede nacional ocupam o penúltimo lugar do ranking, quando avaliados nos quesitos: Matemática, compreensão de leitura e Ciências, a Globo, no Fantástico, fez algumas entrevistas com brasileiros residentes na Finlândia, país que ocupa o topo do mesmo ranking, no quesito de leitura.

Ao ouvir jovens entrevistados naquele país, dizendo: “a Matemática daqui é mais fácil que a do Brasil” e ainda “a escola aqui é mais divertida que no Brasil”, lembrei-me do capítulo “Travessia”, que inicia o livro “Fomos maus alunos”: registro, em 114 páginas, de um “bate-papo” entre Gilberto Dimenstein e Rubem Alves.

Essa é uma leitura obrigatória para pedagogos (que acreditam que algo de criativo ainda pode ser feito na Educação do Brasil) e pais (que, verdadeiramente, estão interessados na Educação e não, simplesmente, na aprovação de seus filhos): é para pessoas que, como Alberto Caieiro, podem dizer, “Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo”.

Nessa abertura, Rubem Alves diz: Bruno Bettelheim, já velho, lembrando-se de suas experiências de criança, disse que, na escola, os professores tentavam ensinar-lhe o que ele não queria aprender, da forma como eles queriam ensinar. Roland Barthes foi outro a sentir isso. Escreveu um delicioso ensaio sobre a preguiça e declarou que ela pertence essencialmente às rotinas escolares, porque, nas escolas, os alunos são obrigados a fazer o que não querem fazer e a pensar o que não querem pensar.

Ah! Como é doloroso fazer os deveres de casa! Bem diz a

palavra que são “deveres”! Imposições de uma autoridade estranha. A verdade é que, se a criança pudesse, ela não faria os deveres. Preferiria fazer outras coisas. O aluno, sem querer, e obrigado, arrasta-se sobre o dever que lhe é imposto. O corpo e o pensamento resistem. Essa resistência que faz corpo e pensamento se arrastarem é a preguiça ...

Mas existirá uma razão para que a “obrigação” e a “devoção” sejam inimigas? Quem determinou que deva ser assim? A curiosidade é a voz do corpo fascinado com o mundo. A curiosidade quer aprender o mundo. A curiosidade jamais tem preguiça! Por amor às crianças — e ao corpo — não seria possível pensar que o nosso dever primeiro seria satisfazer essa curiosidade original, curiosidade que faz com que a aprendizagem do mundo seja um prazer?

O fato é que existe um descompasso inevitável entre os programas escolares e a curiosidade. E isso porque os programas são organizações formais e universais de saberes a serem aprendidos numa ordem preestabelecida e num ritmo único. Disse Adélia Prado: Não quero faca nem queijo; quero fome. O fracasso das instituições de ensino tem a ver com isso: elas oferecem uma comida que os alunos não querem comer ...

Sabedores de que a responsabilidade da gestão foi transferida para as próprias escolas, o que se tornou uma das ideias mestras da administração escolar, de que a autonomia, que permite à escola a busca de soluções próprias, mais adequadas às necessidades e aspirações dos alunos e de suas famílias, é uma de suas principais características, cabe a nós, pedagogos, fazer do nosso cotidiano escolar uma Feira de Fruições da metáfora de Santo Agostinho.

Um Lugar Onde o Não Pode Ser Sim

“Moro, num país tropical, abençoado por Deus ?”

Jorge Ben Jor

Fica cada vez mais difícil educar.

Os pais estão confusos e inseguros, e isso produz jovens insatisfeitos, sem limites, sem regras, sem normas.

O não nunca é firme, seguro, objetivo: na realidade, quase sempre, basta uma cara fechada ou uma birra básica, e ele se torna um sim, frouxo, tímido, cheio de vergonha.

Mas é sempre um sim que abre as portas reais, para a criança ou o jovem, de uma existência cheia de riscos e surpresas, e que faz dos pais portos inseguros diante das vicissitudes da vida.

Mas aqui é assim mesmo, pois vejamos.

É proibido beber e dirigir, mas como não existe uma fiscalização rigorosa, e os poderosos sempre conseguem sair ileso de qualquer possível batida no trânsito, fica a sensação de que talvez não seja tão proibido assim.

É proibido fumar em determinados locais, mas começam a abrir portas para um e outro — foi liberado, antes proibido por lei, o uso de cigarros pelos atores no palco: e fica a dúvida se a lei será ou não mantida, já que o número de exceções poderá superar o das regras.

No colégio, a mãe, separada do pai, toma conhecimento do péssimo rendimento escolar do filho, os problemas disciplinares que ele tem criado, as diversas ocorrências em sala de aula, a indisciplina geral e, então, proíbe a ida do jovem a uma excursão recreativa marcada pela escola.

No dia seguinte, o mesmo aluno vem com o dinheiro dado

pelo pai, acompanhado de uma contra-ordem: ele vai porque o pai, que não acompanha a vida escolar do filho, e não concorda com a mãe, comprou o "amor" filial, mas se esqueceu das consequências futuras, e, às vezes, até funestas, desse mercantilismo familiar.

Noutro dia, outra mãe comunica que seu filho não irá ao mesmo passeio por estar com muitas notas baixas. O dinheiro é devolvido para o garoto, mas, logo a seguir, a mãe mudou de ideia: resolveu que o filho iria. Nesse caso, não sabemos o motivo da mudança de decisão.

No congresso nacional, assim mesmo, com minúsculas, Gabeira vota a favor de uma lei e depois conclama, na Internet, que as pessoas boicotem a lei que ele aprovou: o sim dele era um não.

Infelizmente, nos tempos de tão avançada tecnologia, ainda não construíram máquina para detectar quando o sim poderá ser não, e o não poderá ser sim.

É a família, refletindo a sociedade, ou vice-versa, está deixando de herança para o mundo uma multidão de consumidores de medicamentos contra depressão

8º. Aniversário da Academia Ribeirão-pretana de Educação

“In totum hominem promovere”

Lema da ARE

No dia 3 de agosto de 2002, no restaurante Fazenda de Minas, Rua 7 de setembro, 1666, após reunião ordinária da ARL-Academia Ribeirão-pretana de Letras, foi proposta aos membros presentes, e aprovada por unanimidade, a Fundação da ARE-Academia Ribeirão-pretana de Educação, idealizada pelo presidente da ARL, Prof. Antônio Carlos Tórtoro.

O adjetivo Ribeirão-pretana, na sua denominação oficial, foi colocado somente para determinar o local de sua sede (Ribeirão Preto), mas pretendeu congrega Educadores de todo o território nacional.

O primeiro endereço oficial da ARE foi Avenida Santa Luzia, 84, Sumaré, Ribeirão Preto – SP (Sede do SIEEESP – Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo).

A primeira Diretoria Provisória foi composta pelos professores: Antônio Carlos Tórtoro (Presidente), Dr Luís Carlos Raya (Vice-presidente), Ely Vieitez Lisboa (Secretária) e Waldomiro Waldevino Peixoto (Tesoureiro).

A Diretoria Provisória recebeu dos presentes a incumbência de dirigir a entidade até a eleição da primeira Diretoria da ARE, devendo, até a posse dos membros desta última, redigir, aprovar e registrar o Regimento Interno e os Estatutos, compor e aprovar as insígnias da entidade, estabelecer os Patronos das Cadeiras (às 33 primeiras Cadeiras foram dados os nomes dos professores Ribeirão-pretanos homenageados em solenidade realizada no

Teatro Pedro II, no final do mandato do Prefeito Jábali), admitir e empossar os novos acadêmicos, realizar a eleição da primeira Diretoria e dar posse aos membros (Instalação).

A Diretoria Provisória deu início às suas atividades designando os acadêmicos: Nilva Mariani, Rita M. Mourão, Ely Vieitez Lisboa, Dr Luís Carlos Raya, Waldomiro Waldevino Peixoto, Dr Alfredo Palermo e Antônio Carlos Tórtoro para integrar a comissão que, no dia 14 de setembro de 2002, apresentou os projetos de Estatutos e Regimento Interno.

Assim nasceu, há oito anos, a ARE – Academia Ribeirão-pretana de Educação, que, desde o dia 29 de maio de 2010, tem nova diretoria: Luiz Carlos Moreno (Presidente), João Alberto de Andrade Velloso (Vice), Meire Aparecida Pedersoli (1ª Secretária), Walter de Paula (2º Secretário), Oscar Luiz de Moura Lacerda (Tesoureiro) e Antônio Carlos Tórtoro (Assessoria de Imprensa).

No dia 8 de maio de 2004, no Anfiteatro do Centro Universitário “Barão de Mauá”, tomaram posse os seis primeiros membros efetivos da ARE, quando, então, receberam o Medalhão de Mérito Educacional “Prof. Nicolau Dinamarco Spinelli” e, pela primeira vez, foi cantado em público pelo coral “Em Canto”, sob a regência do maestro e acadêmico da ARL, Dr Wilson Salgado (autor da música), e com a tecladista Maria Cecília Ferrioli, o Hino da ARE (letra do então Presidente, Prof. Antônio Carlos Tórtoro).

Você Poderá Ser a Mãe de um Farah

“A vida só pode ser vivida olhando-se para a frente, mas só pode ser compreendida olhando-se para trás”

Kierkegaard

O final do ano se aproxima com uma velocidade incrível. Alguns costumam dizer que o ano começa depois do Carnaval e termina em agosto, o mês mais longo do ano: que já passou.

Agora é hora de os pais começarem a ficar preocupados com a vida escolar de seus filhos, é a hora de descobrir que o boletim escolar é entregue bimestralmente e que o controle da situação ainda é possível, evitando-se a péssima notícia, que é uma reprovação.

Em geral, pais de alunos com dificuldades de aprendizagem, distúrbios de comportamento, transtornos do déficit de atenção, hiperatividade, e outras ocorrências afins dificilmente aparecem na escola: a não ser que convidados, ou, às vezes, até intimidados.

Mas algumas mães, superprotetoras e ansiosas, frequentemente visitam a sala do Orientador Educacional para obterem informações sobre seus filhos, tudo em nome de estarem sendo rigorosas, severas, responsáveis, intransigentes, disciplinadoras, não permitindo aos filhos qualquer tipo de desvio das regras pré-estabelecidas em casa: algumas se esquecem de que eles são humanos, falivelmente humanos.

São sempre visitas que poderiam ser mais proveitosas se as mães não carregassem consigo, como fazia São Cristovão, o peso do mundo: não admitem que seus filhos tirem conceitos ou

notas abaixo da média, não aceitam que fiquem em recuperação, ficam aflitas com cada avaliação ou trabalho de pesquisa que é proposto, abominam qualquer tipo de crítica ou comentário — imediatamente pedem desculpas pelas falhas dos filhos e tomam para si todas as culpas como se fossem ataques pessoais do orientador — enfim, sofrem, inutilmente, por antecipação.

E o resultado dessa superproteção é avassalador, pior, às vezes, que o abandono, tendo em vista que produz jovens inseguros, tensos, estressados, agressivos ou apáticos, e que não conseguem resolver qualquer mínimo problema que venham a ter na escola — com professores, coordenadores, outros alunos, funcionários — ou com colegas fora do âmbito escolar.

Os pais que tiveram a oportunidade de ler na revista *Época*, de 14/09/2009, a reportagem “Não sei o que aconteceu. Eu surtei”, sobre o ex-cirurgião plástico, Farah Jorge Farah, poderão ler o seguinte: “No julgamento de Farah, o psiquiatra e psicanalista Beltrão analisou a relação de dona Amália com o filho. Ao esquartejar Maria do Carmo, diz Beltrão, Farah tentava destruir uma imagem simbólica de sua mãe — daquele amor sufocante e possessivo”.

Tudo em excesso é prejudicial: inclusive o amor e a proteção exercida em seu nome.

É preciso que os pais mantenham um contato constante, mas tranquilo e confiante, com os educadores encarregados de parte importante da formação de seus filhos, é preciso andar olhando para a frente, e compreendendo as experiências, inclusive dos outros, que ficaram para trás.

Pai Covarde

Meu pai é belo e de aspecto insinuante, é um homem de justa estatura e sua figura é tão majestosa que todos o amam imediatamente. Sua fisionomia revela doçura e, ao mesmo tempo, dignidade. Ao olhar-se para ele, cada qual se sente obrigado a amá-lo e a temê-lo ao mesmo tempo. Seus cabelos, até a altura das orelhas, são da cor das searas quando maduras; das orelhas até os ombros, são ligeiramente crespos e anelados e espalham-se sobre os ombros, sendo então de uma cor indefinível como o vinho. Ele os traz apartados ao meio e caídos dos dois lados. A face é apenas rosada; o nariz e a boca são bem feitos. A barba é cheia, da mesma cor dos cabelos, e também dividida ao meio. Seu olhar revela sabedoria e candura. Seus olhos azuis se iluminam, às vezes, com clarões súbitos.

Esse homem, geralmente amável na conversação, torna-se terrível quando repreende, porém, mesmo então, dele emana uma serena segurança. Ninguém o viu rir, mas, frequentemente, viram-no chorar. O tom de sua voz é grave, reservado e modesto. É tão belo como pode chegar a ser um homem.

Esse é meu Pai Maior, um homem chamado Jesus Cristo, a quem o povo chamava profeta, e os seus discípulos afirmavam ser o filho de Deus, segundo um texto de Publicus Léntulus, assessor de Pilatos.

Esse é o Pai defronte ao qual todos os dias me prostro de joelhos para pedir proteção e agradecer, agradecer sempre pelo pai menor que tenho, aquele que, com seu trabalho, constituiu uma família e permitiu-me, com seu parco salário de comerciário, ser um cidadão digno e respeitado: um cidadão emérito da minha cidade natal.

Para ele, segue um poema / homenagem, dedicado a um

covarde que procurei sempre imitar.

Covarde! / Fugitivo da própria vida... / Fugiu das prostitutas, / do prazer dos bares, / da farra entre amigos. / E ficou comigo, / com a família. / Com garra lutou lutas / sem similares.

Covarde! / Fugitivo da própria vez... / Fugiu do vulgar, / do jogo estável, / da possibilidade de ser liberto. / E ficou bem perto, / em casa. / Pai de verdade / ocupou seu lugar / de forma notável.

Covarde! / Fugiu do próprio caminho... / Fugitivo da bebida, / das horas de diversão, / do grito largo do prazer. / E ficou para fazer / do seu trabalho / forma de lazer / sempre comprometida / com nossa satisfação.

Covarde! / Um dia fugirá de nós... / De bem com a morte, / sem temores de um tumor, / ou dificuldades financeiras. / E brincará novas brincadeiras / na senda do Criador. / Com saudades, / invejaremos daqui a sorte / de um covarde amor.

Feliz Dia dos Pais, aos pais e avós, leitores, ou não, de Ribeirão e Região.

Diagramação, Impressão e Acabamento:

Editora Legis Summa Ltda.

Livros Jurídicos Didáticos Históricos e Poéticos
Rua Dom Alberto Gonçalves, 1355 - Campos Elíseos.
Fone/fax (016) 3626-0492 Ribeirão Preto SP.
E-mail: editoralegissumma@uol.com.br

BB Multiplan

9/11

O PRIMEIRO
em todos os sentidos.



SEMPRE MUITO MAIS

Curta seu social shopping



ribeiraoshopping.com.br

Repercutindo Educação e a sinestesia decorrente de suas relações é uma antologia de crônicas de Antônio Carlos Tórtoro, obra criada para romper a efemeridade de publicações jornalísticas avulsas e fixar-se como elemento norteador de observação aguçada e crítica da realidade cotidiana.

A obra apresenta um estilo agradável, de quem sabe realmente lidar com as palavras, fazendo-as vetores de uma informação sempre pertinente à transparência dos fatos relatados.

Trata-se de um escritor que viaja pela vida, olhando à frente o seu destino, sem deixar, contudo, de enxergar todos os fatos que acontecem à direita e à esquerda da paisagem existencial. Assim sendo, sua temática é eclética, refletindo Educação, comportamento de pais e filhos diante de problemas escolares, valor da leitura, modismos, cidadania, bullying, até mesmo aquele que surge do comportamento de adultos que deveriam massacrá-lo, para melhor orientação e equilíbrio dos jovens.

As crônicas de Antônio Carlos Tórtoro representam muito bem a etimologia desse gênero literário e jornalístico, pois elas têm como palco as ocorrências do dia a dia e são escritas na sequência cronológica dos acontecimentos.

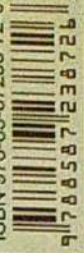
A cosmovisão que o autor nos apresenta, enriquecida pela postura crítica do grande cronista que ele é, muitas vezes indignado diante de atitudes que deveriam ser diferentes, transforma-o em escritor ideal, porta-voz do que também pensam seus leitores, e, aliada aos recursos expressivos do prosador, também eminentemente poeta, eterniza a sucessão de acontecimentos que não nasceram fadados à transitoriedade.

Antônio Carlos Tórtoro lembra-me Caeiro, jamais desaparecido do milagre do pensamento:

“O meu olhar é nítido como um girassol. / Tenho o costume de andar pelas estradas / Olhando para a direita e para a esquerda, / E de vez em quando olhando para trás... / E o que vejo a cada momento / É aquilo que nunca antes eu tinha visto, / E eu sei dar por isso muito bem... / Sei ter o pasmo essencial / Que tem uma criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deveras... / Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo...”

Vera Lúcia Hanna

ISBN 978-85-87238-72-6



9 788587 238726